

# DESCRIÇÃO E ENSINO DE LÍNGUAS EM RORAIMA

**ORGANIZADORES**  
**Paulo Jeferson Pilar Araújo**  
**Eliabe Procópio**  
**Ananda Machado**





Descrição e Ensino de Línguas em Roraima. *Copyright* © 2024 by Paulo Jeferson Pilar Araújo, Eliabe Procópio, Ananda Machado. Esta obra está licenciada sob a *Creative Commons* Atribuição 4.0 Internacional CC BY.



Esta obra pode ser reproduzida, copiada e compartilhada, desde que mencionada a fonte e a autoria. A violação dos direitos do autor é crime estabelecido pelas leis penais brasileiras (Lei Nº 9.610/98 e Código Penal Brasileiro).

#### **UERR Edições**

Universidade Estadual de Roraima  
Rua 7 de Setembro, Nº 231.  
Bairro Canarinho. CEP. 69306-530.  
CNPJ: 08.240.695/0001-90  
[contato@edicoes.uerr.edu.br](mailto:contato@edicoes.uerr.edu.br)

#### **Presidência**

Isabella Coutinho Costa

#### **Conselho Editorial**

Márcia Teixeira Falcão, Mário Maciel de Lima Júnior,  
Rafael Parente Ferreira Dias, Rodrigo Leonardo Costa  
de Oliveira.

#### **Equipe Editorial**

Carlos Eduardo Bezerra Rocha, Cláudio Souza da Silva  
Júnior, Magdiel dos Santos da Silva.

#### **Universidade Estadual de Roraima**

Cláudio Travassos Delicato, *Reitor*. Edson Damas da  
Silveira, *Vice-Reitor*. Francisco Robson Bessa Queiroz,  
*Pró-Reitor de Ensino e Graduação*. Leila Chagas de  
Souza Costa, *Pró-Reitora de Pesquisa, Pós-Graduação  
e Inovação*. Isabella Coutinho Costa, *Pró-Reitora de  
Extensão e Cultura*. Alvim Bandeira Neto, *Pró-Reitor de  
Planejamento e Administração*. Ana Lúcia de Souza  
Mendes, *Pró-Reitora de Orçamento e Finanças*. Elemar  
Kleber Favreto, *Pró-Reitor de Gestão de Pessoas*.

**Diagramação:** Eliabe Procópio, John Lennon Matos Nunes

**Capa:** John Lennon Matos Nunes

**Revisão:** Eliabe Procópio, Fabricio Paiva Mota

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Descrição e ensino de línguas em Roraima [livro  
eletrônico] / organizadores Paulo Jeferson Pilar Araújo,  
Eliabe Procópio, Ananda Machado. --  
Boa Vista, RR : UERR Edições, 2024. PDF

Vários autores. **Bibliografia.**  
ISBN 978-65-89203-79-7

1. Educação - Roraima (Estado) 2. Línguas e linguagem  
3. Línguas - Estudo e ensino 4. Linguística  
I. Araújo, Paulo Jeferson Pilar. II. Procópio, Eliabe.  
III. Machado, Ananda.

24-244761

CDD-410

Índices para catálogo sistemático:

1. Linguística 410

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

## **LISTA DE AVALIADORES AD HOC**

Prof. Dr. Cezar Alexandre Neri Santos  
Universidade Federal de Sergipe

Prof. Dr. Fabrício Tetsuya Parreira Ono  
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

Prof. Dr. Fabricio Paiva Mota  
Universidade Federal de Sergipe

Profa. Dra. Flávia Santos Martins  
Universidade Federal do Amazonas

Profa. Dra. Maria Odileiz Sousa Cruz  
Universidade Federal de Roraima & Biblioteca Comunitária de Areias (Pacoti-CE)

Prof. Dr. Sandro Marcio Drumond Alves Marengo  
Universidade Federal de Sergipe

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b>	04
Organizadores	
<b>PREFÁCIO</b>	05
Cleber Alves de Ataíde	
<b>1 MULTILETRAMENTOS NO ENSINO DE LÍNGUAS ADICIONAIS EM RORAIMA</b>	07
Cora Elena Gonzalo Zambrano	
Fernanda Sousa Lima	
<b>2 WORD ORDER IN YE'KWANA</b>	23
Lucas da Silva de Sá do Nascimento	
Luiz Fernando Ferreira	
<b>3 PANORAMA DOS ESTUDOS TOPONÍMICOS EM RORAIMA</b>	38
Patricia Lima Pantoja	
<b>4 REVISÃO DOS ESTUDOS SOBRE A VARIAÇÃO PRONOMINAL TU/VOCÊ NA REGIÃO AMAZÔNICA</b>	53
Laeny Amaral de Sousa	
Eliabe Procópio	
Marcus Garcia de Sene	
<b>5 RETRATOS LINGUÍSTICOS DO PORTUGUÊS FALADO EM RORAIMA</b>	73
Eliabe Procópio	
Fabricio Paiva Mota	
Marcus Garcia de Sene	
Patrícia Lima Pantoja	
<b>6 INTERCULTURALIDADE E FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ADICIONAL EM RORAIMA</b>	93
Bruna Chacon Kihara	
Cora Elena Gonzalo Zambrano	
<b>SOBRE OS ORGANIZADORES</b>	111
<b>SOBRE OS AUTORES</b>	113

## APRESENTAÇÃO

Paulo Jeferson Pilar Araújo  
Eliabe Procópio  
Ananda Machado

Esta obra surge da necessidade de documentação do cenário linguístico roraimense e divulgação dos resultados para a comunidade científica. Junto a essa demanda, encontra-se o ensino de línguas, afinal é quase impossível não associar descrição linguística a ensino, já que a maioria dos pesquisadores locais atua também na formação de professores, nos cursos de licenciatura em Letras.

Esta coletânea reúne seis textos: **TRÊS** sobre o português roraimense (variação pronominal, toponímia e uma síntese das pesquisas sobre a variedade do português falado em Roraima); **DOIS** sobre o ensino de língua na perspectiva da linguística aplicada, que trata do ensino tanto de português quanto de outras línguas; e **UM** sobre a organização sintática da frase em iecwana, língua falada por povos que se localizam entre Roraima e Venezuela.

Os autores desses textos têm vínculo institucional com o Colégio de Aplicação da UFRR (CAP-UFRR), a Rede Pública de Ensino do Estado de Roraima (SEED-RR), a Universidade de Pernambuco (UPE), a Universidade Estadual de Roraima (UERR), a Universidade Federal de Roraima (UFRR), a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e a Universidade Federal de Sergipe (UFS), o que confirma a interação entre universidade e ensino básico, principalmente na formação de docentes preocupados com o cenário linguístico local.

Esta obra é mais um marco bibliográfico que se junta a outras empreitadas editoriais produzidas por estudiosos e professores das línguas faladas em Roraima, o extremo norte amazônico.

Agradecemos o apoio da editora EDIÇÕES UERR e a participação especial dos pareceristas, que nos auxiliaram na seleção e na avaliação textual.

Desejamos boa leitura!

## PREFÁCIO

Cleber Alves de Ataíde  
Professor de Linguística da Universidade Federal de Pernambuco  
Presidente da Associação Brasileira de Linguística

A coletânea **Descrição e Ensino de Línguas em Roraima**, organizada por Paulo Jeferson Pilar Araújo, Eliabe Procópio e Ananda Machado, é uma obra que reúne reflexões fundamentais sobre o ensino e a pesquisa linguística em uma das regiões mais cultural e linguisticamente diversas do Brasil. Este livro é uma oportunidade de nos aproximarmos da realidade de Roraima, um estado que se situa na tríplice fronteira com a Venezuela e a Guiana e se caracteriza pela convivência dinâmica entre línguas indígenas, variedades do português, espanhol, inglês e outras línguas, em um contexto profundamente marcado por migrações e transformações sociais. Por essa razão, podemos dizer que esta é uma obra essencial para quem deseja compreender as complexas relações entre linguagem, cultura e educação em uma das regiões mais diversas do país.

Estruturado em seis capítulos, o livro reúne uma série de professores e pesquisadores da região que, dentro da sua especialidade temática, nos convida a olhar para Roraima como um microcosmo onde as questões globais – como a diversidade, a migração e a valorização das línguas minoritárias.

O primeiro capítulo aborda o ensino de línguas adicionais sob a ótica dos **MULTILETRAMENTOS**, destacando como práticas pedagógicas contextualizadas podem promover o diálogo intercultural e a inclusão em um cenário marcado por migrações e diversidade linguística. Essa abordagem demonstra como a educação pode superar barreiras sociais e culturais, ressignificando o papel das línguas no cotidiano de professores e aprendizes.

No segundo capítulo, a coletânea se volta para o estudo das **LÍNGUAS INDÍGENAS**, com destaque para a análise da língua Ye'kwana, revelando as complexidades de sua sintaxe e refletindo sobre a importância de documentar e preservar as línguas originárias, muitas vezes negligenciadas. A valorização dessas línguas reforça o compromisso com a memória cultural e o fortalecimento das comunidades indígenas.

A **TOPONÍMIA** roraimense é o foco do terceiro capítulo, que explora os nomes dos lugares como testemunhos históricos e culturais. A análise dos topônimos revela as narrativas sociais que os moldaram, abordando temas como migração, colonização e

influências linguísticas diversas, tornando-se um importante elo entre a linguagem e a história local.

O quarto capítulo desloca o olhar para o **ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS** em um contexto de fronteira. Questões como as práticas pedagógicas voltadas ao ensino de inglês e espanhol e os desafios enfrentados pelos docentes são analisados à luz da realidade social de Roraima, marcada pela convivência multicultural e pela necessidade de estratégias que contemplem as especificidades regionais.

No quinto capítulo, os autores discutem a relação entre **LINGUAGEM E IDENTIDADE**, investigando como a língua funciona como marcador de pertencimento e exclusão em contextos migratórios. Esse capítulo problematiza a vivência de migrantes e refugiados que chegam ao estado, enfatizando o papel do ensino de línguas na construção de cidadanias inclusivas e no enfrentamento de desigualdades sociais.

Por fim, o sexto capítulo apresenta uma reflexão sobre a formação docente e a prática educacional, com foco nos **DESAFIOS E POTENCIALIDADES DO ENSINO DE LÍNGUAS EM RORAIMA**. Discute-se também a necessidade de preparar professores para lidar com a diversidade linguística e cultural, articulando saberes acadêmicos e experiências práticas para uma educação transformadora.

Ao percorrer os capítulos desta obra, o leitor encontrará discussões que transcendem os limites da linguística e da pedagogia, explorando a linguagem como uma prática social que conecta sujeitos, territórios e culturas. Mais do que um retrato da realidade local, "Descrição e ensino de línguas em Roraima" é uma obra que nos faz um convite a pensar sobre os desafios e as possibilidades do ensino de línguas em um mundo cada vez mais interconectado.

Espero que esta coletânea inspire professores, pesquisadores a reconhecerem a potência das línguas como ferramentas de inclusão e transformação, e que as reflexões aqui presentes ecoem muito além das fronteiras roraimenses.

Que Roraima faça parte do mapa de interesse dos linguistas brasileiros!

## CAPÍTULO 01

# MULTILETRAMENTOS NO ENSINO DE LÍNGUAS ADICIONAIS EM RORAIMA

MULTILITERACIES IN TEACHING ADDITIONAL LANGUAGES IN RORAIMA

MULTILITERACIDAD EN LA ENSEÑANZA DE LENGUAS ADICIONALES EN RORAIMA

Cora Elena Gonzalo Zambrano  
Fernanda Sousa Lima

### INTRODUÇÃO

Este trabalho assume pressupostos da Linguística Aplicada Indisciplinar (Moita Lopes, 2006), campo transdisciplinar que tem preocupação com as práticas sociais. Nesse viés, analisamos experiências de ensino de línguas adicionais em um contexto multilíngue de fronteira e migração, com uso da pedagogia dos multiletramentos.

O estado de Roraima, ao norte do Brasil, é multilíngue e multicultural, pela sua localização geográfica (tríplice fronteira), pelas terras indígenas que ocupam cerca de metade do seu território, e pela composição populacional formada por migrantes nacionais e internacionais (Zambrano; Silva; Lima, 2021).

O cenário linguístico local é composto por: língua portuguesa em suas diversas variedades, língua espanhola com maior presença da variedade venezuelana, língua inglesa com maior representação da variedade do país vizinho, línguas de sinais (brasileira e venezuelana) e línguas indígenas de várias etnias (brasileiras, venezuelanas e guyanenses). Tal contexto sempre gerou o contato/conflito (Cavalcanti, 1999) entre línguas e culturas diferentes, que foi ainda mais desafiado com o advento da migração de crise oriunda da Venezuela a partir de 2015, gerada pelo agravamento dos problemas sociais, políticos e econômicos no país vizinho. Dessa forma, além do contato das duas fronteiras internacionais e das questões indígenas, ainda se soma um movimento migratório nunca visto em Roraima.

Diante de tudo isso, o multilinguismo está cada vez mais visível na sociedade roraimense, e a necessidade do ensino-aprendizagem de línguas adicionais que leve em consideração nossa realidade local parece ainda mais urgente. Usamos o termo Língua Adicional com o intuito de não hierarquizar nenhuma das línguas envolvidas, de não marcar nativos e estrangeiros, e de seguir a perspectiva de adição de repertórios linguísticos (Leffa; Irala, 2014).



Seguindo tal viés, o curso de Letras da Universidade Estadual de Roraima (UERR) construiu o projeto de Extensão “Ensino de Línguas Adicionais”, oferecendo cursos de língua portuguesa, língua espanhola e língua inglesa; e a metodologia adotada para essas aulas partiu dos multiletramentos. Dessa forma, neste texto analisamos experiências de ensino de língua portuguesa e língua inglesa nesse contexto linguístico e cultural complexo, com o uso de diversos gêneros textuais que, além da prática das línguas adicionais, incentivassem debates acerca de questões culturais e sociais da região. Analisamos alguns registros da observação participante em nossas próprias salas, bem como trazemos dados levantados por meio de questionário aplicado às turmas.

## **PEDAGOGIA DOS MULTILETRAMENTOS**

O Manifesto dos Multiletramentos, proposto pelo *The New London Group* (Cazden *et al.*, 2021), defende a necessidade de uma pedagogia diferenciada devido à multiplicidade de canais e de meios de comunicação e à crescente diversidade cultural e linguística, levando em consideração uma ordem global, cultural e institucional que emerge no mundo contemporâneo. Dessa forma, fica clara a preocupação com a pluralidade linguística e com a educação linguística voltada para as minorias:

O que é uma educação adequada para mulheres, para povos indígenas, para imigrantes que não falam a língua nacional, para falantes de dialetos não padronizados? O que é adequado para todos num contexto dos fatores cada vez mais críticos em termos de diversidade local e conexão global? (Cazden *et al.*, 2021, p.14).

Concordamos com os autores supracitados e destacamos, neste trabalho, a diversidade local do estado de Roraima. Sendo assim, indagamos quais metodologias seriam mais adequadas para ensinar línguas adicionais em um contexto de fronteira e migração tão característico como o roraimense? A pedagogia dos multiletramentos “concentra-se em modos de representação muito mais amplos do que apenas a língua. Eles diferem de acordo com a cultura e o contexto e têm efeitos cognitivos, culturais e sociais específicos” (Cazden *et al.*, 2021, p.18). De tal forma, devemos considerar as representações linguísticas, culturais, sociais e cognitivas de todos os sujeitos que fazem vida em Roraima, além daqueles que estão em trânsito.

No mesmo viés, Grando (2021, p. 89) salienta que, em contexto brasileiro, a diversidade envolve “os diferentes e suas diferenças”. Para a autora, é necessário

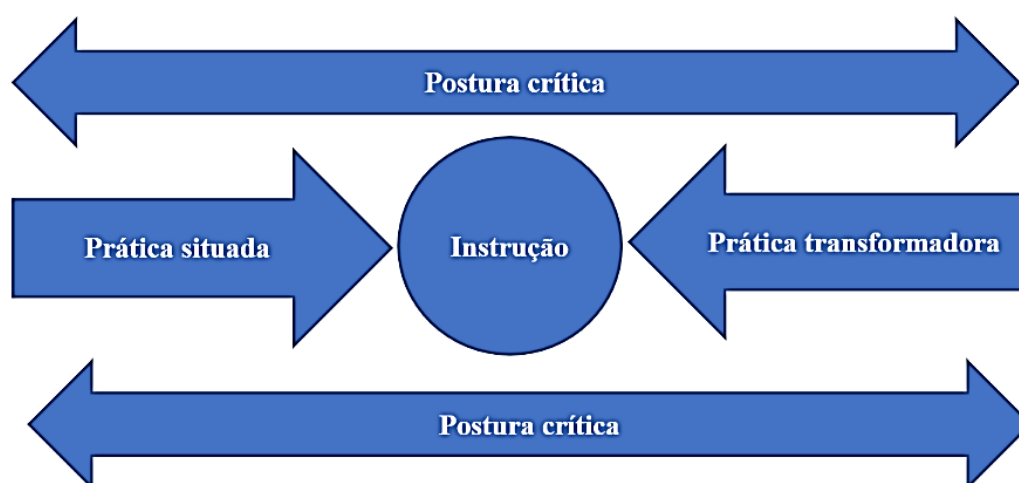
“perceber a identidade e a diferença como produção, como relações que acontecem entre diferentes culturas, não olhando essas relações para criar consenso, diálogo ou comunicação, mas, antes, para tratá-las como tensão”.

Isso quer dizer que os modos de produção de sentido são significativos nas relações, ainda que de tensão, entre as diferentes diferenças. Tais significados devem ser ressaltados nos aspectos textuais, visuais, audiovisuais, espaciais, entre outros. Ainda conforme Grandó (2021):

Para isso, como professores de línguas, precisamos trazer constantemente os temas da vida pública em nossas aulas, de maneira que coloque o aluno como produtor de significados, como um designer que se engaja em atividades semióticas de leitura e produção dos mais variados gêneros. Por isso, o termo-chave da pedagogia dos multiletramentos é o design. (Grandó, 2021, p. 90)

O aluno como agente produtor de significado é um dos pontos que tentamos destacar nas aulas de línguas adicionais oferecidas pela UERR, propondo atividades com uma diversidade de gêneros que levem a práticas transformadoras. Tílio (2021) defende que a pedagogia dos multiletramentos deve seguir uma relação entre prática situada e prática transformadora que mantenha a postura crítica, como o autor explica no diagrama seguinte:

**Diagrama 1:** Pedagogia dos multiletramentos segundo Tílio



**Fonte:** Tílio (2021)

Como podemos observar, a instrução é o ponto central. Dessa maneira, o professor deve criar espaços de interação social nos quais os alunos usem a diversidade de gêneros para possibilitar a prática situada e chegar à prática transformadora, práticas permeadas por uma postura crítica. Tal proposta embasou livros didáticos para o ensino de língua inglesa que o autor chama de “Pedagogia de Letramento sociointeracional crítico”.

Ao afirmar que a capacidade de construir significados por meio dos multiletramentos deve estar presente no processo de ensino e aprendizagem de línguas, Tílio (2021) destaca que os letramentos não são isolados e com fronteiras claras, por isso a abordagem sociointeracional deve perpassar os multiletramentos e assegurar os letramentos críticos. Nessa perspectiva, Tílio (2021) explica que, na produção de materiais didáticos ou unidade curriculares, é necessário propor uma prática situada, isto é, criar condições para que os aprendizes se sintam imersos em práticas sociais que façam sentido para seus mundos, nas diferentes situações da vida contemporânea.

Também guiamos nosso trabalho a partir da perspectiva de multiletramentos desenvolvida por Coscarelli (2019). Assim como a referida autora, acreditamos na importância da interação, da colaboração mútua, noções essenciais para o desenvolvimento de ações educativas com as quais nos propomos a trabalhar no processo de ensino/aprendizagem aqui analisado. Ademais, é importante considerar o que Coscarelli (2019, p. 65) afirma sobre o trabalho realizado a partir da ótica dos multiletramentos:

Pensar a educação sob essa perspectiva nos leva a considerar, inevitavelmente, a noção de multiletramentos em suas concepções mais frequentes, ou seja, o trabalho com vários canais de comunicação e mídias, o que leva ao trabalho com múltiplas linguagens, assim como o trabalho e o respeito à diversidade linguística e cultural que integram esses meios.

Seguindo tal viés, elaboramos um esquema que resume a importância dos eixos norteadores do nosso trabalho nos cursos de línguas adicionais da UERR, nos quais também compreendemos a relevância de devolver o produto dos estudos acadêmicos à comunidade externa, conforme o diagrama 02:

**Diagrama 02:** Esquema do processo de ensino/aprendizagem

**Fonte:** elaboração própria

Partindo da diversidade linguística e cultural de Roraima, buscamos promover atividades através de diferentes gêneros nos quais os alunos tivessem oportunidade de aprender de forma colaborativa com o professor, com diferentes mídias, e principalmente, uns com os outros, a fim de viabilizar a construção de uma “rede de conhecimento”. Essa proposta, uma vez formada a rede, estaria carregada de significados legítimos, pois não seriam impostos pelo professor, e sim frutos das experiências, das trocas, das conversas, dos sentidos atribuídos pelos alunos a partir das práticas situadas.

## **DIVERSIDADE LINGUÍSTICA E O CURSO DE INGLÊS**

Roraima é um estado geograficamente posicionado com fronteiras nacionais e internacionais, dentro do Brasil fronteiriço com o Pará e o Amazonas, e ao lado de dois outros países: República Cooperativa da Guiana<sup>1</sup> e República Bolivariana da Venezuela. Nesse cenário, desenvolver um trabalho sobre ensino de língua adicional é especialmente salutar quando confrontamos nossa realidade de tríplice fronteira, muitas vezes, “desconhecida” pela própria população roraimense. De fato, podemos falar em um alto

<sup>1</sup> Este artigo adota a grafia dos termos “Guyana” e “guyanense”, escritos com “y”, explicada através de Oliveira (2011, p. 17): “com a independência do Reino Unido, o país foi denominado apenas Guiana. Após a Revolução do Rupununi e a reorganização política do país, foi denominado República Cooperativa da Guiana, trocando o “i” por “y”. Portanto, os termos Guiana e guianense são relativos à antiga Guiana Inglesa. Por sua vez, a cultura popular brasileira tornou português o termo inglês “Guyana”.

trânsito linguístico nessa região, que conta também com uma população indígena de 15,29%, segundo dados do IBGE (2023). Nada mais comum do que transitar pelas ruas da cidade de Boa Vista e encontrar placas bilíngues escritas em português e espanhol, ou mesmo português e inglês. Dessa forma, contabilizamos, além da língua portuguesa, o inglês, o espanhol, inúmeras línguas indígenas e de sinais em convivência, em processo de ensino/aprendizagem, em reflexão, em uso.

Após a formação do cenário indicado, atentamos para a necessidade de atividades reflexivas sobre nosso entorno, e daí o papel da universidade em ofertar cursos que viabilizem a aprendizagem de línguas para atuar nesse ambiente cultural e linguisticamente variado. Considerando tal espaço e suas demandas contemporâneas de letramento, atestamos o que Anecleto e Oliveira (p. 232, 2019) afirmam ao comentarem que “[...] é nesse contexto que se faz emergente uma nova pedagogia, que dialogue com uma diversidade de letramentos, linguagens, mídias e culturas, ou seja, uma pedagogia dos multiletramentos”.

O programa dos cursos ofertados na UERR envolvia o desenvolvimento de um ensino de línguas em consonância com as exigências atuais e com as aptidões dos aprendizes, além do incentivo contínuo à reflexão. Refletir sobre o nosso espaço, entendendo que estudar língua é estudar cultura, é aprender sobre costumes e crenças, sobre diferenças e, principalmente, sobre respeito. Partindo desses pressupostos, apresentamos nossas análises tendo como base algumas atividades desenvolvidas nesses cursos, ancorados pela pedagogia dos multiletramentos.

Iniciamos trazendo alguns depoimentos colhidos em questionário a partir da indagação: Informe o porquê da sua escolha pelo curso de inglês (objetivos, motivação). Para fins de compreensão sobre as inúmeras razões para o ensino de inglês como LA, destacamos algumas das respostas dadas:



**Quadro 01:** resposta de um discente

*“Aprender mais o idioma, gosto muito de músicas em inglês e **até falo no dia a dia** algumas palavras, e sempre tive uma vontade de estudar”.*

*“Sempre foi um sonho particular e objetivo pessoal aprender o inglês, até porque ele **está sempre a nossa volta** e quem é fluente, geralmente, se destaca, seja na vida profissional, acadêmica ou pessoal. Além disso, o que objetivou a escolher o curso foi porque, atualmente, temos tido contato com bastante **pessoas guianenses no estado** e saber conversar com eles para poder atendê-los melhor e ajudar na agilidade de um **bom prognóstico** seria muito bom também”.*

*“Recentemente terminei minha formação em Secretariado Executivo Trilíngue. No entanto, para o bom **desempenho da minha profissão**, é necessário o aprofundamento do idioma em inglês”.*

**Fonte:** elaboração própria

As respostas revelam um grande desejo pessoal pela aprendizagem da língua inglesa, algo mencionado por quase todos os cursistas, além de uma preocupação quase unânime com o desempenho profissional, tendo em vista o nosso contexto e o trânsito recorrente de venezuelanos e guyanenses na nossa região.

É importante apontar sobre essa sensibilidade quanto à presença de várias línguas no nosso estado que motivou a escolha de vários temas que guiaram as aulas ao longo do curso. Percebemos, a cada encontro, que trazer o nosso cotidiano, a nossa realidade local como ponto de discussão dos conteúdos de aprendizagem tornava o processo de ensino/aprendizagem mais significativo. Pensando nisso, escolhemos alguns temas que pudessem mostrar um pouco dessa diversidade linguística e cultural, tão característica do nosso estado; para isso, caracterizamos o estado de Roraima, a Guyana e a Venezuela. Discutimos diversos aspectos, tais como: localização geográfica, comidas tradicionais, algumas danças e festas típicas de cada país, pontos turísticos, entre outros. Em cada aula, descobríamos juntos informações trazidas pelo professor e, agregadas a outras, pesquisadas pelos alunos, que podiam livremente relacioná-las às suas experiências pessoais. As atividades propostas envolviam a prática desse vocabulário, como podemos observar no quadro adiante que mostra um trecho de um dos exercícios desenvolvidos.

**Quadro 02:** Atividade realizada em sala de aula

1. Use the short answers to respond to each question. Correct the negative ones.

Example: Do you like caxiri<sup>2</sup>?

No, I don't. I like paçoca with banana.

- a. Is the Bolivar the currency of Guyana?
- b. Can you rest in the Anaua Park?
- c. Is Lethem the capital of Guyana?
- d. Do you like tambaqui?
- e. Do you like damurida<sup>3</sup>?
- f. Does your mother speak English?
- g. Is the Fiesta of San Juan a celebration of Roraima?
- h. Are you from Guyana?
- i. Is your teacher from Venezuela?
- j. Is the carnival a celebration of Brazil?
- k. Does your father speak Spanish?

**Fonte:** planejamento da professora

A tarefa consistia em responder (de forma escrita, e posteriormente de modo oral) as perguntas dadas, utilizando o vocabulário estudado de comidas e celebrações tradicionais brasileiras, venezuelanas e guyanenses, isto é, o processo de letramento em inglês ocorria baseado nas experiências pessoais dos alunos em contato com a temática dada, em observância do que diz Laet, Fernandez e Ramirez (2021, p. 49) quando afirmam ser primordial que “[...] a prática do letramento em sala de aula deve se aproveitar da bagagem desse aluno para construção do conhecimento”.

Ainda dentro dessa temática, outra atividade solicitada aos alunos foi a produção escrita de um parágrafo a partir de uma pesquisa feita por eles de informações ou curiosidades sobre a temática discutida, a tríplice fronteira. A exemplo disso, compartilhamos logo abaixo o parágrafo escrito por um dos cursistas, no qual ele fala sobre uma cachoeira na Guyana, dando a ênfase de que o país representa muito mais do que compras baratas. Lembrando que, tradicionalmente, a visita a Lethem, cidade gêmea

<sup>2</sup> Caxiri é uma bebida fermentada à base de macaxeira, utilizada em comemorações nas tribos indígenas da Amazônia. Referências ↑ <http://oiapoque.museudoindio.gov.br/exposicao/ture/caxiri/...> pesquisado no site: <https://educalingo.com/pt/dic-pt/caxiri> - último acesso em 29/06/2023.

<sup>3</sup> Comida indígena, cozinhada com bastante pimenta malagueta, podendo ser de qualquer caça, sendo a mais usada a de peixe. Pesquisado no site: <https://www.dicionarioinformal.com.br/damorida/> - último acesso em 29/06/2023.

do lado guyanense, se dá por conta da possibilidade de comprar uma diversidade de produtos importados com menor preço, algo que é de conhecimento geral da população roraimense.

**Quadro 03:** Atividade de produção textual

GUYANA CITY OFFERS MUCH MORE THAN CHEAP SHOPPING

Kumu Falls

The waterfall is located in the village of Kumu, a satellite community of the village of Santo Inácio. The name Kumu is derived from the Makushi Indian word 'Kumua', a vine used to make nibi and other indigenous handicrafts.

**Fonte:** Produção discente

Como parte de sua produção, o aluno inclusive adicionou uma foto pessoal, de quando visitou a cachoeira. Neste sentido, é válido destacar a afirmação de Laet, Fernandez e Ramirez (2021, p. 50) ao explicar que,

Quando o professor, e aqui pode-se inserir qualquer professor, das áreas de exatas, biológicas, sociais ou de linguagens, entende o caráter social que o domínio de leitura, escrita, pesquisa e atuação nas novas plataformas, essa sua atuação pode modificar a significação desse aprendizado.

Dessa forma, entendemos a importância desse caráter social na proposição de atividades que terão uma significação mais pertinente no aprendizado de qualquer conteúdo, principalmente no tocante ao aprendizado de uma língua. Assim, alinhados à pedagogia dos multiletramentos, levamos para a sala de aula os textos em diversos formatos, explorando a multiplicidade de linguagens que apresentam. Esta perspectiva representou uma liberdade maior ao processo de ensino/aprendizagem do inglês, no qual foi oportunizado aos alunos a construção de conhecimento agregado à diversidade linguística e cultural do nosso estado.

Também nesse viés da perspectiva dos multiletramentos apresentamos algumas estratégias de leitura em inglês, e, como tarefa, selecionamos um artigo disponibilizado no site da *Revista Time for Kids*. Nele, os alunos tiveram contato com o texto escrito e o áudio que é cedido pela plataforma da revista. Consideramos a importância dessa atividade tendo em vista que,

Avançamos em direção aos multiletramentos que consideram a multiplicidade cultural e semiótica, que é a constituição dos textos que circulam nos contextos sociais mediados pelas TIC. Isso traz novas demandas, que são as habilidades de interpretar a linguagem em suas diferentes representações, por conta dos textos multimodais que combinam mais de um modo semiótico em sua organização, como o linguístico, o imagético, o gestual, o sonoro (Hetkowski, Menezes, 2019, p. 214).

Ademais, antes de responder às questões interpretativas sobre o texto dado, exploramos o site, conversamos sobre os tópicos desenvolvidos pela revista, conversamos sobre as imagens do texto, relacionamos com as técnicas de leitura previamente trabalhadas, dialogamos sobre o conhecimento prévio dos alunos acerca do tema e como isso poderia ajudar no entendimento do texto. Tendo isso em vista, sublinhamos que,

A nova geração tem muito mais interesse pelos textos que oferecem versatilidade ao ler, como os vídeos, que apresentam imagens em movimento, por isso, a importância de utilizá-los com os alunos em processo de apreensão das habilidades de leitura e escrita (Hetkowski; Menezes, 2019, p. 218).

Para a concretização da tarefa, dividimos a turma em pequenos grupos e os alunos puderam responder às questões colaborativamente, uns com os outros, trocando ideias sobre a temática abordada no artigo e formulando as respostas em português para serem discutidas em sala. A seguir, mostramos algumas das questões solicitadas:

**Quadro 04:** Atividade de letramento crítico

Qual situação gerou um debate no Twitter?  
 O que é o MIDJOURNEY?  
 Explique a crítica destacada pela reportagem quanto ao uso de tecnologia de inteligência artificial em destaque no texto.  
 Você concorda ou discorda da crítica realizada? Justifique.

**Fonte:** planejamento da professora

A abordagem do texto permitiu não somente a exploração do conteúdo em si do artigo, através das imagens e do áudio disponibilizado, como também a formulação de opiniões críticas sobre o assunto. Desse modo, corroboramos com Hetkowski e Menezes (2019) quando explicam sobre a íntima relação entre o uso de tecnologias e as práticas

sociais da linguagem pelas pessoas atualmente e, que a possibilidade de se trabalhar com os inúmeros gêneros textuais em circulação representa um considerável avanço no desenvolvimento das habilidades de leitura e de escrita.

## MULTILETRAMENTOS NAS AULAS DE PORTUGUÊS

Entendemos a pedagogia dos multiletramentos como o processo de ensino-aprendizagem por meio de diversos tipos de letramentos, que sejam capazes de facilitar o desenvolvimento dos alunos nos mais variados espaços da sociedade contemporânea. Desse modo, enfatizamos que os migrantes participantes do curso de português como língua adicional sentem a necessidade de aprender a lidar com as situações cotidianas da vida no Brasil. Tal fato pode ser observado em respostas de alguns cursistas migrantes no ato da inscrição, quando foi solicitado que justificassem a escolha do curso, esclarecendo seus objetivos e motivações:

### Quadro 05: Respostas de entrevistados

*“Preciso aprender a falar e escrever o português porque sou estrangeira , já que quero fazer faculdade. E no meu **futuro trabalho** vou precisar me comunicar diretamente com muitas pessoas”.*

*“Falar fluentemente português a fim de **crescer no meio pessoal e profissional** para carreira de trabalho no Brasil. Minhas maiores motivações é falar sem nenhuma dificuldade com meus chefes e clientes”.*

*“Gostaria de aproveitar a oportunidade de me **desenvolver melhor na sociedade**”.*

**Fonte:** elaboração própria

Esses alunos, que são de nacionalidade venezuelana, cubana e guyanense, deixam clara a urgência em desenvolver habilidades linguísticas para melhorar as interações nos campos pessoal, profissional e educacional, ou seja, para a vida na nova sociedade da qual fazem parte.

O curso de Português foi planejado para incentivar os alunos a transitarem entre diversas situações de práticas sociais, e, a partir dos textos, possibilitar a construção dos seus próprios significados. As multiplicidades de linguagens foram primordiais para o desenvolvimento dos multiletramentos, a saber: verbal, visual, sonora, espacial e gestual.



Tudo isso sendo contextualizado com a realidade local do estado de Roraima, cenário multilíngue e multicultural de fronteira e migração.

Gêneros como receita de cozinha, anúncio publicitário e cardápio foram trabalhados a partir das experiências culturais dos aprendizes, destacando os letramentos que eles já possuíam e ressignificando tais práticas ao identificarem como novas práticas sociais no Brasil. Muitos migrantes encontraram uma fonte de renda na comercialização de alimentos, atividades que não eram exercidas em seus países de origem, mas que passaram a ser essenciais para a sobrevivência em Roraima. Nesse sentido, os conhecimentos linguísticos para tais práticas situadas podem colaborar com o desenvolvimento do negócio e, conseqüentemente, com o processo de adaptação social e estabilização econômica.

O ponto de partida para introduzir o tema da alimentação foi a solicitação de uma pesquisa sobre receita de comida que os cursistas gostassem, poderia ser da culinária de qualquer país, e alguns escolheram de seus países de nascimento. Na aula, o professor iniciou com a explicação sobre a gastronomia brasileira e suas variedades, de acordo com as regiões geográficas. No decorrer da explicação, foi trabalhando o vocabulário relacionado à alimentação, até chegar ao gênero receita; explorando a estrutura do texto, a gramática, o léxico e, em especial, as questões culturais envolvidas em cada receita.

Posteriormente, os alunos tiveram a oportunidade de explicar as receitas que escolheram, falar do modo de preparo, das diferenças de alguns ingredientes que não encontram no Brasil (quando a receita era do país de origem), além de destacar questões históricas, sociais e culturais. No final, ainda foi realizada a degustação de um prato típico da Venezuela, a arepa<sup>4</sup>, preparada por uma das estudantes. Outra aluna levou mingau de arroz e explicou que na Venezuela também é um doce típico. Na oportunidade, foram mobilizadas as linguagens verbal, visual, gestual, espacial e, ainda, os sentidos paladar e olfato. Sempre fazendo inferências quanto às similaridades e diferenças culturais entre os países envolvidos. Após a degustação, foram apresentados os gêneros cardápio e anúncio publicitário. Como dito anteriormente, alguns cursistas trabalham com preparação e venda de alimentos, por isso, tais gêneros foram importantes para o desenvolvimento profissional, ou seja, para as práticas sociais de tal âmbito. Nesse sentido, os aprendizes puderam escrever seus textos de forma colaborativa, e compartilhar com a turma.

---

<sup>4</sup> É um pão de farinha de milho pré-cozido, tradicional na Venezuela e na Colômbia.

Outro tema desenvolvido nas aulas foi o da migração, trabalhado a partir da música *Diáspora*, da banda Tribalistas. Inicialmente, foi apresentado o vídeo, explorando as linguagens verbal e visual. Os alunos puderam inferir sobre o que entenderam e tirar dúvidas a respeito das palavras ou frases que não conseguiram compreender. Em seguida, foi explorada a letra da música, trabalhando questões sociais, históricas e linguísticas. Por fim, a professora solicitou que, em casa, os alunos escutassem novamente a canção e respondessem de que maneira a mensagem os representava. Destacamos aqui uma das respostas:

#### Imagem 01: Trecho de atividade

##### Parte 2

A canção *Diáspora*, para mim tem uma letra forte, é impactante ao ouvir. Essa música me faz lembrar os desafios que tivemos no momento da migração, e me faz analisar o quanto é difícil o processo de migrar, quantas perdas de vidas humanas, quantos abusos, tantas coisas que vivem as pessoas que decidem ir para outro país, os amores familiares que ficam, as lembranças de um passado sofrido que fazem você sair, sacrificar e deixar tudo aquilo pelo que trabalhamos e lutamos. Também saber que tenho que trabalhar fortemente para ajudar aos meus pais que ficaram lá.

Realmente me faz refletir

**Fonte:** Plataforma utilizada para as atividades de casa

Ao analisar o trecho acima, é possível perceber que a aluna do curso de extensão conseguiu criar seus próprios significados a partir da letra da canção *Diáspora*, cujo texto ressalta questões de migrações de uma forma geral, destacando acontecimentos históricos e sociais. A estudante, por sua vez, colocou-se na condição de migrante e refletiu sobre os desafios vivenciados por ela e por outras pessoas que precisam passar por um processo de migração involuntária, migração oriunda de uma crise social e econômica que os obriga a deixar seres queridos e enfrentar diversos problemas.

Nessa perspectiva de ensino-aprendizagem por meio dos multiletramentos, o professor deve criar espaços de interação social, como exemplificado acima e no seguinte trecho de uma atividade relacionada a cidades. Foram duas aulas com esse tema norteador, na primeira foi usado o gênero reportagem de televisão, transmitida em sala de aula. A reportagem era sobre os meios de transporte nas grandes cidades brasileiras, os problemas de congestionamento e poluição do ar. Foram trabalhados aspectos lexicais e gramaticais, além de incentivar o debate a respeito da questão ambiental. Na aula seguinte, as cidades foram retratadas por um viés poético, por meio de poesias e letras de músicas que exaltam algumas cidades brasileiras. Como atividade para casa, a proposta

foi escrever uma poesia ou uma narrativa relacionada a qualquer cidade que os alunos quisessem. A seguir, um trecho de uma das narrativas, com linguagem poética:

**Imagem 02:** Narrativa poética sobre cidade

horas. Chegamos a um lugar interessante chamado "La Orla", fiquei maravilhado com o espetacular e calmo "Rio Branco" que faz fronteira com esta cidade de um lado. Aquele arejado "mirante" me levou a ver, depois das ilhas arborizadas e de uma ponte já iluminada à noite, uma vila. Meu companheiro me disse que esta cidade se chama "Santa Cecília". Lembrei-me do bairro "La Perla" em Porto Rico, no vídeo da música de René da "Calle 13" e do cantor de salsa Rubens Blades. Onde a partir de um calçadão e mirante da praia, observou-se o iluminado bairro "La Perla". Então, terminamos o passeio pela Praça das Águas. Aquele espetáculo das fontes de água que seguiam os tons musicais, num ritmo oscilante, junto com o rio Branco, as ruas plantadas com árvores frutíferas e seus habitantes com aquela linguagem estranha para mim, tomou-se o grande desafio de continuar nos caminhos apontados do poeta Machado: "caminhante, não há caminho, o caminho se faz caminhando". Com essa utopia continuo caminhando por essa linda cidade.

Boa Vista, 27 de abril de 2023

---

**Fonte:** plataforma utilizada para as atividades de casa

Como narrado acima, o estudante de português decidiu falar sobre a cidade de Boa Vista, capital de Roraima, e mostrar a sua visão sobre alguns lugares turísticos que conheceu quando chegou. Comparou a cidade de Santa Cecília, localizada no município vizinho, separada de Boa Vista apenas pelo Rio Branco, com um bairro exaltado no vídeo clip de uma famosa música de cantores hispanofalantes. Chamou a atenção para as fontes da Praça das Águas, bem como para as ruas arborizadas da capital. Por fim, citou o poeta espanhol Antonio Machado para dizer que continua explorando a linda cidade que o acolheu.

A atividade proposta permitiu o desenvolvimento de um gênero que não é comum ao cotidiano da maioria das pessoas, o poema. Mas por meio desse texto foi possível criar condições para que o estudante se envolvesse em uma prática social que fizesse sentido para seu mundo. Tal sentido fica claro quando usa de comparações com outros lugares, em contextos conhecidos do mundo hispanofalante. Também é notório o significado que foi dado à cidade de Boa Vista, exaltada por meio de suas ruas, praças, e pontos turísticos que encantaram o novo morador, tornando-o um "caminhante boavistense". Dessa forma, o processo de construção das atividades seguiu a proposta de Tílio (2021), partindo da

instrução para a prática situada, sempre com debates que incentivassem o pensamento crítico e possibilitassem uma prática transformadora.

## CONCLUSÃO

A proposição principal dos cursos de línguas para a comunidade roraimense tinha como foco o desenvolvimento de um ensino significativo, alinhado com a nossa diversidade linguístico-cultural e particularizado por questões sociais de fronteiras e de migração. Desse modo, consideramos como positivo o retorno dado pelas aulas através da metodologia dos multiletramentos. Conseguimos perceber claramente o quanto é possível avançar no ensino de línguas adicionais a partir da perspectiva aqui indicada.

Usando diversos gêneros e modalidades, as práticas de ensino tornaram-se significativas e transformadoras, integrando realidades locais e globais, com as quais pudemos construir um processo de ensino/aprendizagem de línguas em consonância com práticas de letramento e multiletramentos no intuito de atender às demandas contemporâneas que se apresentam em nossa sociedade.

## REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, Marilda do Couto. Estudos sobre educação bilíngue e escolarização em contextos de minorias linguísticas no Brasil. *DELTA*, São Paulo, Vol. 15, n. especial, p. 385-417, 1999.

CAZDEN, Courtney *et al.* **Uma pedagogia dos multiletramentos**. Desenhando futuros sociais. (Orgs. Ana Elisa Ribeiro e Hércules Tolêdo Corrêa; Trad. Adriana Alves Pinto *et al.*). Belo Horizonte: LED, 2021.

COSCARELLI, Carla Viana. Multiletramentos e empoderamento na educação. *In*: FERRAZ, Obdália (Org.). **Educação, (multi)letramentos e tecnologias: tecendo redes de conhecimento sobre letramentos, cultura digital, ensino e aprendizagem na cibercultura**. Salvador: EDUFBA, 2019.

GRANDO, Roziane Keila. Por um mundo diverso cultural/linguisticamente: uma reflexão a partir da pedagogia dos multiletramentos. *Revista Linguagem em Foco*, Fortaleza, v. 13, n. 2. p. 86-92, 2021.

HETKOWSKI, Tânia Maria; MENEZES, Catia Nery. Práticas de multiletramentos e tecnologias digitais: múltiplas aprendizagens potencializadas pelas tecnologias digitais *In*: FERRAZ, Obdália (Org.) **Educação, (multi)letramentos e tecnologias: tecendo redes de conhecimento sobre letramentos, cultura digital, ensino e aprendizagem na cibercultura**. Salvador: EDUFBA, 2019.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2022**. Roraima: IBGE, 2023.

LAET, Paula Almeida Morato de; FERNÁNDEZ, S. A. F.; RAMIREZ, R. A. Ensino profissional e formação docente: letramentos e multiletramentos em sala de aula. *In*: BARROSO, Roberta Santana; FOFANO, Clodoaldo Sanches; SILVA, Sinthia Moreira; LUQUETTI, Eliana Crispim França (Org.). **Letramentos múltiplos, multimodalidades e multiletramentos**: os usos da linguagem na era digital. Tutóia, MA: Diálogos, 2021. Vol. 2.

LEFFA, Vilson; IRALA, Vanessa. O ensino de outra(s) língua(s) na contemporaneidade: questões conceituais e metodológicas. *In*: LEFFA, Vilson; IRALA, Vanessa (Org.). **Uma Espiadinha na Sala de Aula**. Ensinando línguas adicionais no Brasil. Pelotas: EDUCAT, 2014.

MOITA LOPES. Luiz Paulo (Org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

OLIVEIRA, Reginaldo Gomes; IFILL, Mellissa. (Orgs.). **Dos Caminhos Históricos aos Processos Culturais entre Brasil e Guyana**. Boa Vista-RR: EdUFRR, 2011.

TILIO, Rogério. (Re)interpretando e implementando criticamente a pedagogia dos multiletramentos. **Revista Linguagem em Foco**, Fortaleza, v. 13, n. 2, p. 33-42, 2021.

ZAMBRANO, Cora Elena Gonzalo; SILVA, Marcus Vinícius da; LIMA, Fernanda Sousa. Formação de professores de línguas em Roraima: Da Educação Linguística Ampliada às Novas Epistemologias. **Revista Linguagem em Foco**, Fortaleza, v. 13, n. 1, p. 338-358, 2021.



## CAPÍTULO 02

### WORD ORDER IN YE'KWANA

A ORDEM DE PALAVRAS EM YEKUANA

EL ORDEN DE LA PALABRA EN YEKUANA

Lucas da Silva de Sá do Nascimento  
Luiz Fernando Ferreira

#### INTRODUCTION

Brazil is a very diverse country language wise. In addition to Brazilian Portuguese and Libras (Brazilian Sign Language), there are between 150 and 180 indigenous languages in this country (see Moore; Gabas, 2006; Moore *et al.*, 2008; Moseley, 2010). South American languages display characteristics that are not attested in other languages and, because of it, their study has a great potential to linguistics (Rodrigues, 1993). Brazil's potential is not fully exploited since half of its indigenous languages have received few descriptions (see Moseley, 2010, p. 89). More specifically, the state of Roraima's contribution to our understanding of how languages work can be huge due to its great diversity of indigenous languages. There are thirteen indigenous languages spoken in this state – Yanomami, Ninam, Sanöma, Yãnoma, Yanomã, Yaroamë, Ingarikó, Macuxi, Teurepang, Waimiri Atroari, Wapichana, WaiWai and Ye'kwana (Costa; Santos, 2022).

The main goal of this chapter is to deepen our knowledge on Ye'kwana (mch, ISO 639-3), one of the languages spoken in Roraima. It is also known as Maquiritari (see Eberhard, Simons, Fenning, 2023) and it belongs to the Karib (or Cariban) family (Rodrigues, 1986) which is the second largest Family in South America (ISA, 2022). It is composed of 21 languages of native populations from the north coast of South America and from the Lesser Antilles. Karib languages speakers inhabit the north mouth of the Amazon River in Brazil, the Guianas, Suriname, and Venezuela (Rodrigues, 1986). Ye'kwana speakers, more specifically, reside in the south of Venezuela (Amazonas and Bolívar) and in the north of Brazil (Roraima) (see Santos; Costa, 2020). Their population in Brazil is estimated to be around 615 people. Elderly people, women and children tend to speak mainly Ye'kwana whereas adult men can speak Portuguese, Spanish and Sanöma (ISA, 2022). It is common for Ye'kwana youth to go to the city of Boa Vista, capital of the

state of Roraima, pursuing a higher education in order to complete high school or to get a bachelor degree (Campos, 2011).

Ye'kwana has received some general description covering aspects of its grammar (see Hall, 1988; Cárceres, 2007; 2011; Chavier, 2008; Costa, 2013b). It has also received more in-depth analyses on its numbers (Costa, 2013a; 2020) and on the count/mass distinction (Costa, 2018). Thus, it is an under-described language since most aspects of its grammar have received just a preliminary description. This chapter deepens our understanding on the syntax of this language discussing the word order.

### WORD ORDER IN YE'KWANA: LITERATURE REVIEW

Word order is the basic order in which the elements appear in a sentence (Dryer, 2007). The word order in a language may change, but it is common for languages to have a predominant order (see Greenberg, 1963). It is generally based on the function of a constituent in a sentence, for instance, if it is the verb, the subject, or the object (see Bossaglia, 2019). In word order descriptions, it is common use the letters S representing the subject, V representing the verb and O representing the object. For instance, Portuguese is described to be an SVO language (see Kato; Martins; Nunes, 2023) since its default order is subject followed by a verb which is followed by the object. This order is illustrated in example (01). Wapichana is an indigenous language from Roraima, and it is also described to be an SVO language, thus, its basic order is subject, object and verb as illustrated in (02) (see Santos, 2006, p. 218).

(01) [subject *O cachorro*] [verb *comeu*] [object *a manga*].  
 O-∅ cachorr-o-∅ com-eu a-∅ manga-∅  
 the.M-SGdog-M-SG eat-PST.PFV the.F-PL mangoe.F-SG  
 'The dog has eaten the magoe.'

(02) [subject *waynau*] [verb *watum-an*] [object *parakariu*].  
 wa-y-na-u wa-tum-anparakariu  
 1-?-DEIT-PL1-do-IND caxiri  
 'We do Caxiri.'

However, some descriptions of word order in indigenous languages are not based on the subject/object functions, but rather use the thematic roles such as agent (the one who has control over the action denoted by the verb) and patient (the one who suffers the actions, not having control over it). For example, the sentence in example (01), ‘O cachorro’ is the agent and ‘a manga’ is the patient. Sometimes, the subject function coincides with the agent role and the object function coincides with the patient role, but this is not always the case. In the example “Mary was bitten by the dog”, ‘Mary’ is the subject, but it is the patient because it denotes the being who suffers the action of being bitten, whereas ‘the dog’ is an adjunct, but it is the agent because it denotes the being who does the action.

There are many thematic roles described in the literature such as agent, the entity who makes an action happen controlling it; causer, the entity who makes an action happen not controlling it; instrument, the mean through which the action happens; patient, the entity who suffers the action; theme, the entity which is displaced by some action; experiencer, the entity who is in some mental state; stative object, the entity being referred without being affected by the action; locative, the place where something happens; goal, the entity for where something moves; source, the entity where something comes from; among others (see Cançado, 2008, p. 111-112). Grammars whose word order is based on thematic roles usually do not consider the vast array of thematic roles, but restrict the analysis to agents and patients adopting the letters A, for the agent, and P, for the patient.

Nascimento and Ferreira (2023) show that the Ye’kwana’s descriptions covering this language’s syntax do not agree about its basic word order. The authors have surveyed three previous descriptions of Ye’kwana: Hall (1988), Chavier (2008) and Cáceres (2011). Hall (1988) assumes the basic word order to be SOV, the same word order considered as archaic for the Karib languages (see Pacheco, 2011). For Chavier (2008), the word order in this language is PVA. Thus, she differs from Hall (1988) in two aspects: (i) she describes the word order based on thematic roles and (ii) she puts the verb in the middle of the arguments. Cáceres (2011) mentions that the word order in this language is hard to determine, since constituents in this language have high mobility. However, the author assumes that Ye’kwana is predominantly AVP. Her description is also based on thematic roles, similarly to Chavier (2008), but they do not agree with the basic order. The possibilities reported in the literature are summed up on table 1:

**Table 01:** Word order in previous literature

Author	Word Order
Hall, 1988	SOV
Chavier, 2008	PVA
Cárceres, 2011	AVP

**Source:** Nascimento; Ferreira, 2023, p. 27.

Nascimento and Ferreira (2023) show that preliminary descriptions' lack of consensus justify the need for more in-depth research on Ye'kwana's syntax in order to determine its basic word order. Thus, our goal is to determine: (i) the basic word order in this language and (ii) if this word order is based on syntactic functions or if it follows thematic roles.

### **SOME HYPOTHESIS**

This section presents the initial hypothesis that can account for the lack of consensus on previous descriptions of Ye'kwana word order. It might be attributed to many factors such as: (i) linguistic variation; (ii) linguistic change; (iii) text genres or (iv) scope of the analysis. The first hypothesis was that linguistic variation might have caused the observed discrepancies. As mentioned in the introduction, there are Ye'kwana living both in Brazil and in Venezuela and different authors have worked with different groups. For instance, Chavier (2008) has worked with Ye'kwana from Venezuela whereas Cárceres (2011) has worked with Ye'kwana from Brazil. Therefore, the differences found in those authors' descriptions might be due to existing variation between Ye'kwana spoken in Venezuela and Ye'kwana spoken in Brazil.

Another possibility we have considered is linguistic change. Hall's (1988) SOV description is older than the Chavier's (2008) or Cárceres (2011). Since SOV was described as an archaic order in languages from the Karib family (Pacheco, 2011), it is very likely that Ye'kwana had this order in the past and would probably still have it now unless the language has changed. Therefore, the different orders found in the Chavier's (2008) or Cárceres (2011) might be due to linguistic change. This possibility is weaker when compared to the other one since changing the word order is a drastic change and it would need to occur in a short period of time to explain the discrepancies found.

Another possibility we have contemplated was that the authors might have worked with texts with different genres. For example, when Santos (2006) proposes the SVO for





## METHODOLOGY

In order to investigate the basic word order, we needed a *corpus* with unmarked declarative sentences. In order to create our *corpus*, we collected data from the Ye'kwana dictionary which is available at the Japiim platform (<https://japiim.museudoindio.gov.br/index.php>). Japiim is a digital platform that puts together multimedia dictionaries from many languages. It is part of a Museu do Índio's (Indigenous Museum) initiative to improve the description available for indigenous languages from Brazil. The dictionaries on the Japiim platform bring not only the entry and its translation, but also the word class (*noun, verb, adjective, etc.*), its semantic field (*fruit, part of the body, animal, kinship etc.*), an example of a sentence with the lexical item in the native language and its translation to Portuguese, an audio recorded by the native speaker of both the entry and the sentence and sometimes a drawing that represents the entry.

Those dictionaries are created by native speakers with the help of linguists. Therefore, for each entry, native speakers come up with a sentence with the lexical item. We consider that, in the process of creating an example, it is very likely that the speaker will provide unmarked declarative sentences. That being the case, the examples of the dictionaries in *Japiim* are ideal sentences to analyze in order to uncover the language's word order. We have collected one hundred and one sentences from the Ye'kwana dictionary. First, we have glossed the data following the Leipzig Glossing Rules (Comrie, Haspelmath, Bickel, 2015) and classified the data regarding its consistency. Consistent data were the ones in which it was easy to determine the constituents and their thematic role and syntactic function in the sentence. For instance, (04) was classified as consistent since it is possible to identify *Yeekönö* 'my dog' as the subject, *ada'wai* 'a rabbit' as the object and *neekai* as the verb. Moreover, by the verb, it was also clear that *Yeekönö* 'my dog' is the agent and *ada'wai* 'a rabbit' is the patient.

(04) Data	<i>Y-eekönö</i>	<i>ada'wai</i>	<i>n-ee kai</i>
Gloss	1SG-dog	rabbit	3SG>3SG-bit
Syntactic classification	S	O	V
Semantic classification	A	P	V
Translation	'My dog has bitten a rabbit.'		

All data follow the presentation observed in (04), with a line for the interlinear gloss, a line for the syntactic classification, a line for the semantic classification and a line for the translation, which is the translation available in the dictionary that was provided by the native speaker. In this chapter, we will only consider the examples with transitive verbs in our analysis of the basic word order. Due to time constraints, we were not able to complete the analysis of sentences with intransitive, ditransitive or copular verbs. From the one hundred and one sentences we have in our *corpus*, fifty-two had transitive verbs. From those, we did a syntactic and semantic classification. The syntactic classification considered if a constituent was the subject, object or adjunct of the sentence. The semantic classification considered the thematic roles described in Cançado (2008, p. 111-112) such as agent (A), causer (C), instrument (I), patient (P), theme (T), experiencer (E), stative object (OE), locative (L), goal (G) and source (S).

## RESULTS

As discussed above, from one hundred and one sentences, fifty-two had transitive verbs. From those, we could identify the syntactic function and the thematic role consistently in forty as illustrated in table 2.

**Table 02:** Consistency of data with transitive verbs

<b>Sentences with transitive verbs:</b>	52	%
<b>Consistent:</b>	40	77%
<b>Inconsistent:</b>	12	23%

Source: the authors

When doing the classification of the sentences, we observed a tendency of null subjects in the sentence. In most of the sentences with transitive verbs (67,5%), the

subject was not explicit as illustrated in (05), (06) and (07). This occurs because Ye'kwana has a set of prefixes that allows the identification of the subject. For instance, in (05), (06) and (07), the verbs 'wäjäi', 'waijhukui' and 'wiyaakai' have the prefix w-, which marks that the subject is first person and that the object is third person. Because of the w- prefix, it is clear that the speaker is the subject, not being necessary to mark it explicitly.

0	Data	<i>Adeedei</i>	<i>w-äjäi</i>
5	Gloss	parakeet	1SG>3SG-kill
	Syntactic classification	O	V
	Semantic classification	P	V
	Translation	'I have killed the parakeet.'	
0	Data	<i>Y-eekönö</i>	<i>w-aijhukui</i>
6	Gloss	1SG-dog	1SG>3SG-hit
	Syntactic classification	O	V
	Semantic classification	P	V
	Translation	'I hit my dog.'	
07	Data	<i>Adhaawa</i>	<i>w-iyাকা-i</i>
	Gloss	adhaawa.tre	1SG>3SG-cut.down -RPST.PRF
		e	
	Syntactic classification	O	V
	Semantic classification	P	V
	Tradução	'I cut the adhaawa tree down.'	

The frequency of constructions with null subjects such as (05), (06) and (07) show that Ye'kwana is a language in which null subjects are not only possible but seem to be preferable over explicit subjects. Since the subject is not explicit, these constructions

allow us to assess only the position of the object to the verb. In all our examples, the object occurred before the verb as illustrated in (05), (06) and (07).

The same cannot be said about null objects. From our transitive verbs, null objects only occurred in 5% of our data as illustrated in (08). We believe that this happens because subjects are more easily identifiable by the verb prefix than the object. For example, in sentences (5), (6) and (7), it is easy to recover the subject even though it is not explicitly present. The same would not be true if the object was not present.

08	Data	<i>Chookomaa-kä</i>	<i>enöö-dö</i>	<i>owaajo</i>
	Gloss	shake-IMP	take-NMLZ	before
	Syntactic classification	V	Adj	PP
	Semantic classification	V		PP
	Translation	'Shake it well before taking it.'		

The analysis of sentences in which the subject was explicit revealed three possible orders: (i) SOV, (ii) OSV and (iii) OVS. The SOV order, illustrated in (04) above and in (09), (10) and (11) below, was attested in 18,5% of our data. It was the predominant order occurring in more than half of the sentences in which the subject was explicit.

09	Data	<i>Dede</i>	<i>faduud</i>	<i>n-ame-i</i>
			<i>u</i>	
	Gloss	bat	banana	3SG>3SG-eat-RPST.PRF
	Syntactic classification	S	O	V
	Semantic classification	A	P	V
	Translation	'the bat ate the banana.'		

10	Data	<i>dui akoono</i>	<i>odooma</i>	<i>n-öwä-i</i>
	Gloss	his younger.brother	paca	3SG>3SG-kill-RPST.PRF
	Synt. classification	S	O	V
	Sem. classification	A	P	V
	Translation	'His younger brother has killed the paca.'		
11	Data	<i>Y-aakono</i>	<i>adeenai</i>	<i>n-aminnhö'ka-i</i>
	Gloss	1SG-younger.brother	alligator	3SG>3SG-kill-RPST.PRF
	Synt. classification	S	O	V
	Sem. classification	A	P	V
	Translation	'My younger brother killed the alligator.'		

Then, the second most common order was OVS, as illustrated in (12), (13) and (14). This order occurred whenever the subject had the experiencer thematic role. For example, *ajiisha* (white heron) in (12) and *öwö* (I) in (13) both receive the experiencer thematic role since liking and seeing are mental states. One hypothesis might be that experiencer subjects need to occur after the verb, but, since we have few data with explicit subjects, it is necessary to test this hypothesis by getting more data with experiencer subjects as well as negative data showing that speakers do not accept experiencer subjects in another order.

12	Data	<i>kudaak</i>	<i>y-aakö'je</i>	<i>ajiisha</i>
		<i>a</i>		
	Gloss	fish	3SG>1SG-likes.eating	white.heron
	Syntactic classification	O	V	S
	Semantic classification	P	V	E
	Translation	'The White heron likes eating fish.'		

13	Data	<i>Uuwau</i>	<i>an-eene-jöönö</i>	<i>öwö</i>	
	Gloss	uuwau.bird	NEG-see-NMLZ.NEG	1SG	
	Syntactic classification	O	V	S	
	Semantic classification	OE	V	E	
	Translation	'I have never seen a uuwau in my life.'			
14	Data	<i>Parafuso</i>	<i>chö'kadö</i>	<i>mädä</i>	<i>öwwä</i>
	Gloss	screw	tight	IPFV	1SG
	Syntactic classification	O	V		S
	Semantic classification	P	V		A
	Translation	'I am tightening the screw.'			

Then OSV order, illustrated in (15), was the least frequent occurring only in 5% of the data. We could not attribute a cause for this order, but, due to its scarcity, it might be that clauses such as (15) are not unmarked declaratives, but some other type which we could not identify. Although our intuition was that the examples of dictionary would mostly favor unmarked declarative sentences, other sentence types were also found such as imperatives as illustrated in (16).

15	Data	<i>Adaajuun</i>	<i>faaja</i>	<i>n-ejeema-i</i>
		<i>a</i>		
	Gloss	harpoon	fathe	3SG>3SG-buy-RPST.PRF
			r	
	Syntactic classification	O	S	V
	Semantic classification	OE	A	V
	Translation	'My father has bought the harpoon.'		

16	Data	<i>Mönaatata</i>	<i>a'dukwä</i>
	Gloss	porta	fechar
	Syntactic classification	O	V
	Semantic classification	P	V
	Translation	'Close the door!'	

Despite the different orders described above, it is important to point out that this variation is restricted to the subject. The position of the object was consistent since it occurred before the verb in all the sentences of our *corpus*. Thus, it is possible to conclude that Ye'kwana is a head final language, which is corroborated by the fact that it has postpositions and not prepositions as illustrated by *owaajo* 'before' in (08). Table 3 sums up the distribution considering the syntactic classification.

**Table 03:** Word order in transitive verbs (syntactic classification)

<b>V:</b>	2	5%
<b>OV:</b>	25	62,5%
<b>SOV:</b>	7	18,5%
<b>OSV:</b>	2	5%
<b>OVS:</b>	4	10%

**Source:** the authors

The semantic analysis did not find a pattern except for the fact that experiencers seem to occur before the verb as previously discussed. Agents occurred in the beginning, in the middle and at the end of a sentence. Patients, themes, stative objects always occurred before the verb, but this is explained by the fact that the object always occurred before the verb and these thematic roles were associated to the object. Table 4 sums up the distribution considering the semantic classification.



**Table 04:** Word order in transitive verbs (semantic classification)

<b>V</b>	2
<b>P-V</b>	14
<b>T-V</b>	7
<b>OE-V</b>	4
<b>A-P-V</b>	5
<b>A-OE-V</b>	2
<b>OE-A-V</b>	1
<b>P-A-V</b>	1
<b>P-V-E</b>	1
<b>P-V-A</b>	1
<b>OE-V-E</b>	2

**Source:** the authors

## CONCLUSION

This chapter discussed word order in Ye'kwana in order to deepen our understanding of this language's syntax. Our results show that Ye'kwana is a language in which objects come before the verb. Thus, it is possible to classify it as a head final language, a pattern also observed in its postpositions. Although most of our transitive verbs had null subjects, the data with explicit subjects had a tendency of SOV. Our results corroborate Hall's (1988) description which described the language as having an SOV order. Cárceres' (2011) AVP order seems not plausible since in all our examples the patient occurred before the verb, not after. Chavier's (2008) PVA order seems also less likely to be the default order since it was more common for agents to occur before the verb, not after it. Therefore, word order seems to be determined not by the thematic roles, but by the syntactic function of a constituent in the sentence. We have also shown null subjects in Ye'kwana are not only possible, but that null subject constructions seem preferable. More research needs to be conducted to explain the variation found regarding the position of the subject in the sentence.

## REFERENCES

- BOSSAGLIA, Giulia. **Linguística Comparada e Tipologia**. São Paulo: Parábola, 2019.
- CAMPOS, Ciro (Org.) **Diversidade socioambiental de Roraima**: subsídios para debater o futuro sustentável da região. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2011.
- CÁCERES, Natalia. **Introduction à la langue des Ye'kwana** : profil sociolinguistique et esquisse phonologique. Mémoire de Master, Université Lyon 2, 2007.
- CÁCERES, Natalia. **Grammaire fonctionnelle-typologique du Ye'kwana** : Langue caribe du Venezuela. 2011. 464p. Doctoral thesis – Faculté de Langue, Lettres et Sciences du Language, Université Lumière Lyon 2, 2011.
- CANÇADO, Márcia. **Manual de semântica**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- CHAVIER, Mariela. **Aspectos tipológicos y culturales en la morfosintaxis del Ye'kwana**. 181p. Doctoral Thesis in Linguistics. Universidad de Los Andes, Mérida, 2008.
- COMRIE, Bernard; HASPELMATH, Martin; BICKEL, Balthasar. **The Leipzig Rules: Conventions for Interlinear Morpheme-by-Morpheme Glosses**. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology, 2015.
- COSTA, Isabela Coutinho. The count/mass distinction in Ye'kwana. **Linguistic Variation**, Amsterdam, Vol. 20, n. 2, p. 352-365, 2020.
- COSTA, Isabela Coutinho. **A quantificação em Ye'kwana**: a distinção contável-massivo. 185p. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
- COSTA, Isabela Coutinho. Adeekwe Ye'kwana: eu falo Ye'kwana. Aspectos da fonologia, morfologia e sintaxe de uma língua da família Karíb. **Revista Eletrônica Ambiente: Gestão e Desenvolvimento**, Boa Vista-RR, v. 5, p. 62-80, 2013b.
- COSTA, Isabela Coutinho. **O número em ye'kuana**: uma perspectiva tipológica. 126p. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013a.
- DRYER, Matthew S. Word order. **Language typology and syntactic description**, Cambridge, v. 1, p. 61-131, 2007.
- EBERHARD, David M.; SIMONS, Gary F.; FENNING, Charles D. (eds.). **Ethnologue: Languages of the World**. Twenty-sixth edition. Dallas, Texas: SIL International, 2023. Online version: <http://www.ethnologue.com>.
- GREENBERG, Joseph. Some Universals of Grammar with Particular Reference to the Order of meaningful elements. In: Joseph H. Greenberg (ed.). **Universals of Language**. London: MIT Press, 1963. p. 73-113.

HALL, Katherine L. **The Morphosyntax of Discourse in De'kwana Carib**. 428p. Dissertação – Saint Louis: Washington University, 1988.

ISA. **Povos Indígenas no Brasil: Ye'kwana**. 2022. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Ye'kwana>. Último acesso em 23/09/2022

KATO, Mary A.; MARTINS, Ana Maria; NUNES, Jairo. **The syntax of Portuguese**. Cambridge University Press, 2023.

MOORE, Denny; GABAS, Nilson. O Futuro das Línguas Indígenas Brasileiras. In: FORLINE, Louis; VIEIRA, Ima; MURRIETA, Rui. (Org.). **Amazônia além dos 500 Anos**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2006, p. 433-454.

MOORE, Denny; VILACY GALUCIO, Ana; GABAS JR., Nilson. O desafio de documentar e preservar as línguas amazônicas. **Scientific American (Brazil)**, No. 3, 2008.

MOSELEY, Christopher (ed.). **Atlas of the World's Languages in Danger**. 3rd. Editions. Paris: UNESCO Publishing, 2010.

NASCIMENTO, Lucas da Silva de Sá do; FERREIRA, Luiz Fernando. Ordem dos constituintes sintáticos na língua Ye'kwana. **Revista Eletrônica Ambiente: Gestão e Desenvolvimento**, Boa Vista-RR, v. 1, p. 25-28, 2023.

PACHECO, Frantomé. A posição do verbo independente nas línguas Karíb: questões diacrônicas e tipológicas. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, vol. 40, n. 1, 304–315, 2011.

RODRIGUES, Aryon. **Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Loyola, 1986.

RODRIGUES, Aryon. Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas. **Delta**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 83-103, 1993.

SANTOS, Josué; COSTA, Isabella Coutinho. Ye'kwana. Em: **Povos Indígenas de Roraima**. Acesso em: 12 de maio de 2023. Disponível em: <https://povosindigenasrr.uerr.edu.br/yekwana>

SANTOS, Manoel Gomes dos. **Uma gramática do Wapichana (Aruák)** – Aspectos da Fonologia, da Morfologia e da Sintaxe. 299f. Doctoral Thesis in Linguistics. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

## CAPÍTULO 03

### PANORAMA DOS ESTUDOS TOPONÍMICOS EM RORAIMA

OVERVIEW OF TOPONYMIC STUDIES IN RORAIMA

PANORAMA DE LOS ESTUDIOS TOPONÍMICOS EN RORAIMA

Patrícia Lima Pantoja

#### INTRODUÇÃO

A toponímia é a área da linguística responsável por estudar o nome dos lugares e investigar os fatores que o influenciaram. É uma forma de testemunho histórico dos eventos sociais de um povo nos seus diversos momentos que perpassa o ato de nomear e assume o papel de comunicar as peculiaridades que envolvem a mentalidade humana na denominação de seu espaço (Dick, 1990).

O estudo da toponímia é essencial por relacionar diversos aspectos que caracterizam a identidade de um povo, como a história, a cultura e a linguagem. No processo de denominar os espaços a sua volta, o sujeito deixa registrado as suas motivações e influências. É nesse momento que as pesquisas toponímicas revelam as características presentes na nomeação dos lugares.

Com base nessa área linguística, este texto objetiva traçar um panorama dos estudos acerca da toponímia roraimense e trazer novos olhares para as pesquisas da toponímia do português amazônico no contexto roraimense, sob a perspectiva da Linguística Histórica. Para este último objetivo, esta pesquisa realizou um levantamento de estudos sobre a toponímia em Roraima (teses, dissertações, capítulos de livros e artigos), que foram selecionados no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e no Google Acadêmico, além do Currículo Lattes para alguns trabalhos que não estão disponíveis nas plataformas de busca. Para tanto, esta pesquisa aplicou os seguintes descritores “toponímia”, “topônimo” e “Roraima”.

O texto aqui apresentado é composto de três unidades além da introdução e conclusão. Na primeira, são percorridas as ideias gerais e principais sobre a toponímia, desde o seu início como disciplina até o seu surgimento no cenário brasileiro; na segunda, é feita a revisão sistemática do *corpus* coletado para essa pesquisa; e na terceira, é exposto o projeto “Histórico Toponímico de Roraima do Século XIX”, como uma proposta de pesquisa toponímica roraimense sob a ótica da linguística histórica.

A discussão trazida por este texto integra o projeto de dissertação intitulado “Histórico Toponímico de Roraima - Século XIX”, cujo objetivo é descrever a toponímia roraimense com base em relatos do século XIX, em especial os relatos de viagem dos irmãos Schomburgk e do geógrafo Henri Coudreau. Essa pesquisa de mestrado vincula-se ao projeto de pesquisa ‘Descrição e História do Português de Roraima (PVO546-2023)’, que é coordenado pelo prof. Dr. Eliabe Procópio e tem por objetivo estudar o português falado em Roraima numa perspectiva histórica, com a constituição de um corpus textual do século XVIII e XIX para descrição lexical e levantamento toponímico do século.

### **PANORAMA DOS ESTUDOS TOPONÍMICOS: DA EUROPA AO BRASIL**

A toponímia integra a grande área da Onomástica, a qual pesquisa os nomes próprios de pessoas (antroponímia) ou de lugares (toponímia). O estudo dos nomes geográficos pode ser comparado a um sítio arqueológico, uma vez que a análise do significado e dos fatores sociais intrínsecos no nome de um lugar possibilita encontrar acontecimentos históricos relacionados a essa denominação (Carvalhinhos, 2003).

As pesquisas toponímicas tiveram início no continente europeu em meados dos anos 1800, com foco principalmente na etimologia dos nomes. Em 1878, a toponímia foi instituída como disciplina acadêmica por Auguste Longnon, na École Pratique Hautes-Étude e no Collège de France; sua obra póstuma “Os nomes dos lugares da França” foi publicada em 1912 com a colaboração de seus alunos (Santos, 2012). Para o desenvolvimento da toponímia enquanto ciência, o francês Albert Dauzat contribuiu de forma significativa, traçando diretrizes para essa área de estudo incluindo aspectos psicológicos e sociológicos (Dick, 1990), além de ser pioneiro na organização de congressos para divulgar as pesquisas da área.

A difusão de pesquisas onomásticas possibilitou a discussão sobre o caráter interdisciplinar da toponímia, pois a sua análise reflete os aspectos linguísticos, culturais, históricos, geográficos, antropológicos etc. de uma população (Sousa; Dargel, 2020). A análise dos topônimos de um determinado espaço geográfico superou a barreira etimológica e tornou-se fundamentalmente interdisciplinar ao considerar diversos aspectos de outras áreas.

Dick (1990), destaca os equívocos em abordar a toponímia por apenas um ângulo conforme Drumond (1944), um dos especialistas dessa área em seu início no Brasil, visto que na análise toponímica é considerado um processo de elaboração intelectual que

abrange um conjunto maior de conhecimentos, como as transformações dos nomes, o desenvolvimento fonético, a relação com as crenças e processos migratórios e colonizadores. Dessa forma, uma visão unilateral afasta outros fatores que compõem as categorias de análise de maneira mais ampla.

No Brasil, a toponímia estreia no cenário local com pesquisas de cunho etnográfico, especialmente sobre povos indígenas, que buscavam descrever as características do local e do povoado com base na nomeação que recebia. De início, os estudos tinham uma perspectiva descritiva do significado do topônimo e da cultura dos indígenas brasileiros, além de estarem mais presentes e vinculados aos cursos de história e geografia. A partir da década de 60, os cursos passaram por uma reformulação e as pesquisas abrangeram novos fatores além da perspectiva teórica-metodológica e analítica-comparativa, agora aplicando o campo prático-experimental (Dick, 1994).

Uma das obras pioneiras dos estudos toponímicos no Brasil foi *O Tupi na Geografia Nacional* do engenheiro Theodoro Sampaio em 1901. Nela, o autor trata da língua Tupi e da difusão de topônimos originários dessa língua feita por meio dos bandeirantes. Em 1957, Agenor Lopes de Oliveira lança a obra *Toponímia Carioca* que analisa a origem, significado e história que envolve os topônimos indígenas. Armando Levy Cardoso publica em 1961 a obra *Toponímia Brasileira*, que evidencia a influência que a toponímia amazonense recebeu das línguas aruaque e caribe. No ano de 1965, o professor Carlos Drumond, na sua tese *Contribuições do Bororó à toponímia brasileira*, versa sobre a herança do povo Bororó para a toponímia brasileira. Em 1967, Octaviano de Mello publica a obra *Topônimos amazonenses – nomes das cidades amazonenses* para contribuir com a toponímia do Amazonas (Sousa; Dargel, 2021).

O professor Carlos Drumond foi fundamental para a consolidação da toponímia no Brasil. Para além de suas pesquisas, voltou a atenção para a falta de sistematização metodológica nos estudos locais, visto que muitos pesquisadores consideravam a toponímia como uma área simplista baseada na etimologia dos nomes e descrição geográfica, desconsiderando outros fatores importantes na análise dos topônimos, conforme Dick (1990).

Atualmente, Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick é referência nacional na área. Professora da Universidade de São Paulo (USP), foi orientada em sua pós-graduação a nível de doutorado por Carlos Drumond e seguiu seus postulados, liderando projetos e

pesquisas sobre topônimos desde a década de 80, entre eles está o *Atlas Toponímico do Estado de São Paulo* (ATESP) e o *Atlas Toponímico do Brasil* (ATB).

Ciente das críticas que Drummond fazia, Dick buscou delimitar novos métodos para as pesquisas que desenvolvia e “a toponímia passa a ser pensada como um complexo línguo-cultural”, que considera as evoluções sofridas ao longo do tempo (Sousa, Dargel, 2020). Os estudos desenvolvidos por Maria Vicentina evoluíram e se consolidaram, influenciando novos pesquisadores a seguirem a metodologia estabelecida pela autora, sobretudo em projetos de atlas toponímicos de diversos estados brasileiros.

## A PESQUISA TOPONÍMICA EM RORAIMA

O processo de pesquisa e seleção de trabalhos sobre a temática abordada nas plataformas de busca, recorre aos descritores “toponímia”, “topônimo” e “Roraima”. Foram encontrados 13 trabalhos desenvolvidos entre 2007 e 2021.

Carneiro (2007) apresenta a dissertação *A morada dos Wapixana – Atlas Toponímico da região indígena da Serra da Lua (RR)*, cujo objetivo é analisar os nomes das malocas e das paisagens vegetais da região indígena Serra da Lua em Roraima, sob a perspectiva toponímica (Dick, 1980, 1999) e etnolinguística (Pottier, 1970). A pesquisa usa a metodologia de trabalho de campo e a produção de ficha lexicográfico-toponímica. Os resultados mostram a predominância de zootopônimos e fitotopônimos, e a presença de três camadas dialetológicas na toponímia local: wapixana, tupi e portuguesa.

Carneiro (2009) analisa a *Toponímia das malocas Wapixana: encontro entre dois mundos*. O *cópus* do estudo está constituído por 18 topônimos designativos das malocas dos Wapixana. Com base neles, o autor descreve a realidade toponímica da região e as características das denominações da região da Serra da Lua em Roraima. Carneiro (2009) adota como referencial teórico-metodológico Dick (1980, 1996), em especial as fichas lexicográfico-toponímicas e conclui que os zootopônimos e fitotopônimos são as taxionomias mais frequentes.

Spotti (2011) realiza o *Estudo potamonímico<sup>5</sup> de origem indígena em Roraima: rio Uraricoera*, a fim de demonstrar os dados toponímicos do rio Uraricoera e seus afluentes. Para sua pesquisa, Spotti (2011) usa documentos do Centro de Informação da Diocese de Roraima (CIDR, 1989) para explicar a situação histórica de Roraima; Sousa (2009), Freitas

---

<sup>5</sup> Referente ao estudo dos nomes de rios. Potamo: exprime a noção de rio. Disponível em: [dicionário.priberam.org/potamo](http://dicionário.priberam.org/potamo). Último acesso em 03/01/2024

(1996, 2001) para explicar a situação geográfica, hidrográfica e etnolinguística do estado; e Dick (1999, 2001) para os estudos toponímicos. A autora emprega a metodologia de classificação e análise propostos por Dick (1999) por meio da análise de documentos encontrados nos órgãos governamentais e não governamentais, pesquisa bibliográfica e entrevista com pesquisadores. A autora não descreve a maneira como as entrevistas foram conduzidas e não especifica se passaram pelo Comitê de Ética, no entanto, ela relata que esse estudo é resultado de outros projetos desenvolvidos que passaram por aprovação dos órgãos responsáveis. O resultado é que as taxionomias de natureza física são as mais influentes para denominar os rios e expõe as dificuldades para a realização das pesquisas que dependem de documentos antigos, pois são fontes primárias para a análise onomástica e não estão dispostos em apenas um lugar.

Almeida *et al* (2013) publicam o trabalho intitulado *Expor a toponímia das principais praças da cidade de Boa Vista*, com o objetivo de contribuir para a construção de um mapa toponímico das praças que compõem o cenário urbano do município de Boa Vista, conforme os preceitos de Dick (1991). Por meio de trabalho de campo e outras pesquisas, os autores apresentaram sete fichas toponímicas que demonstram a origem do topônimo, história, fundação e a importância para os bairros em que se encontram.

Silva *et al* (2014) desenvolvem a pesquisa *Estudos toponímicos dos bairros da região sul da cidade de Boa Vista – Roraima*, com o objetivo de classificar e evidenciar a motivação e as mudanças dos nomes dos bairros da zona sul do município de Boa Vista, embasadas em Isquierdo (2008) e Dick (1991). As autoras realizam um levantamento bibliográfico, pesquisa de campo em órgãos públicos, análise documental e entrevistas com moradores, sobre esta última não é informado se foram aprovadas pelo Comitê de Ética. O estudo apresenta uma amostra parcial com um breve histórico e as várias procedências denominativas dos bairros da zona sul de Boa Vista por meio das fichas lexicográfico-toponímicas.

Araújo (2014), na dissertação *Toponímia de comunidades indígenas do município de Pacaraima*, analisa os topônimos de comunidades indígenas sob a ótica dos seus traços etimológicos, histórico-culturais e linguísticos. Os procedimentos teóricos-metodológicos são norteados por Dick (1990, 1992, 2000) e o resultado mostra que a motivação toponímica se inclina primordialmente para a fauna, flora e cultura local; e que os sintagmas toponímicos possuem fórmula simples, havendo uma maior ocorrência de



topônimos em língua portuguesa com correspondente em língua indígena macuxi, wapixana e turepang.

Silva e Araújo (2016) propõem um *Estudo toponímico na sala de aula: atividade interdisciplinar contextualizada*, com o desenvolvimento de oficinas sobre topônimos para alunos e professores do ensino básico. Fundamentadas em Dick (1992), Sousa (2007), Isquerdo e Finatto (2010) e Andrade (2012), as oficinas objetivam investigar o conhecimento dos professores sobre o tema e apresentar aos alunos o campo da toponímia por meio de questionário e pesquisa sobre o bairro em que a escola está localizada. O estudo revela a boa aceitabilidade dos professores e alunos sobre a toponímia e que poucos professores conhecem metodologias para aplicá-la em sala de aula.

Corrêa (2017), com *A toponímia dos igarapés urbanos de Boa Vista: uma contribuição para o Atlas Toponímico Roraimense*, objetiva estudar os topônimos dos Igarapés de Boa Vista. Apoiado nos procedimentos metodológicos de Dick (1990), o autor faz o levantamento dos nomes dos rios e usa dicionários de língua Makuxi, Yanomami e portuguesa para a análise. Dos 11 topônimos analisados, 7 são de origem indígena, 2 são nomes da língua portuguesa e 2 nomes não foi possível identificar a sua etimologia.

Araújo e Pinho (2017) pesquisam os *Aspectos cognitivos e sociais na toponímia*, com a finalidade de analisar a relação entre o cognitivo e o social diante de topônimos compostos. Apoiadas na metodologia de Dick (1992) e Almeida (2016), as autoras analisam 7 topônimos de patrimônios culturais da cidade de Boa Vista coletados do Trabalho de Conclusão de Curso de Almeida (2016), são eles: Igreja Catedral Cristo Redentor, Assembleia Legislativa do Estado de Roraima Palácio Antônio Martins, Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo, Palácio da Cultura Nenê Macaggi, Palácio Senador Hélio Campos, Monumento ao pioneiro e Monumento ao garimpeiro. Os resultados demonstram a supressão dos sintagmas finais pelos habitantes e no caso do último, a permanência dos topônimos oficiais compostos.

Ainda Araújo e Pinho (2017) realizam o estudo *O Amazonas em Roraima: aspectos históricos através dos topônimos* para mostrar a influência do estado do Amazonas em alguns topônimos do centro de Boa Vista. Fundamentado em Dick (1992) e Curvelo-Matos (2014), realizam entrevistas semiestruturadas com moradores e comerciantes. As autoras não informam se recorreram ao Comitê de Ética para as entrevistas, contudo destacam que foram respeitados os informantes e sujeitos da pesquisa. Os resultados

evidenciam a relação entre Amazonas e Roraima em seus aspectos linguísticos, históricos, econômicos e culturais através de alguns designativos como a avenida Ville Roy (sobrenome do governador Augusto Ximenes de Villeroy da província do Amazonas), rua Ajuricaba (índio guerreiro dos manaós) e rua Dr. Araújo Filho (amazonense primeiro vendedor ambulante de Boa Vista).

Cruz e Araújo (2017) publicam o estudo *Rede de contatos entre línguas portuguesa e indígena através de topônimos*, que analisa os nomes de comunidades indígenas roraimenses da Terra Indígena Raposa Serra do Sol, com foco na motivação histórica, cultural e linguística. Embasados nos estudos de Dick (2007), Araújo (2014), Isquierdo (2014), entre outros, abordam a relação entre história, cultura e língua. A coleta de dados ocorreu *in loco* diante de registros diários, entrevistas semiestruturadas e narrativas orais coletadas com moradores e líderes das comunidades indígenas, também não foi explicitado se passaram pelo Comitê de Ética. As autoras indicam que há maior ocorrência de topônimos em português juntamente com makuxi e ingaricó, e que embora as nomeações em português estejam presentes, os nomes indígenas sobrevivem ao contato linguístico.

Araújo (2019) apresenta a tese *Estudo toponímico antropocultural de Uiramutã – Roraima*, para demonstrar como topônimos indígenas são influenciados por valores espirituais e culturais. Apoiado em Dick (1990), o estudo segue a metodologia de trabalho de campo por meio de entrevistas e narrativas orais, devidamente aprovadas pelo Comitê de Ética. Os resultados mostram a presença de zootopônimo, mitotopônimo, fitotopônimo e ergotopônimo, além da composição sintagmática simples e a ocorrência de topônimos em língua portuguesa sobrepostos a outros da mesma língua ou sobrepostos a uma língua Indígena, como em Rua Martiniano Vieira ~ Rua do Comércio e comunidade Milho ~ comunidade Parê worî, respectivamente. Na mesma linha, Araújo (2021) publica o trabalho *Entre a toponímia e mito: um estudo em Uiramutã – Roraima*, cujo texto tem por base a tese supracitada.

Há ainda estudos que não estão disponíveis nas plataformas de pesquisa, como *Topônimos: expressões da rede homem-natureza-espaco no Parque Nacional Monte Roraima* (Williams, 2010), *O nome das águas na Raposa Serra do Sol, porção Ingarikó* (Ingaricó, 2010), *Os topônimos Ingarikó no Parque Monte Roraima* (Williams, 2010), *Topônimo em Makuusi na terra da farinha (Uiramutã)* (Silva; Cruz, 2011), *Topônimos urbanos: nomes de escolas em Rorainópolis* (Nascimento, 2019), *Estudo de topônimos de*

*origem italiana transplantados em Roraima* (Meneses, 2022) e *A toponímia como contribuição para a leitura de Nará Suê Uerená, de Nenê Macaggi* (Costa, 2022)<sup>6</sup>.

Outras pesquisas mais recentes transversalmente abordam a toponímia roraimense, como *Cruzamentos vocabulares com o topônimo Roraima* (Procópio; Silva, 2023), em que objetivam analisar os cruzamentos vocabulares decorrentes da palavra Roraima com base em Andrade (2016), Básilio (2010), Gonçalves (2003; 2006; 2019) e Rio-Torto (2014). Por meio da identificação presencial e virtual, os autores catalogaram 57 palavras provenientes do cruzamento com o vocábulo Roraima e mostram que essa base lexical é produtiva para formar novos topônimos, principalmente na esfera comercial. O quadro adiante sintetiza os trabalhos identificados por este estudo:

**Quadro 01:** síntese dos trabalhos sobre toponímia roraimense

Ano	Autor	Língua	Tipo
2007	Carneiro, J.J.	Língua indígena	Dissertação
2011	Spotti, C. V. N.	Língua indígena	Artigo
2013	Almeida <i>et al.</i>	Língua portuguesa	Artigo
2014	Silva <i>et al.</i>	Língua portuguesa	Artigo
2014	Araújo, M. S. M.	Línguas indígenas	Dissertação
2015	Carneiro, J. J.	Língua indígena	Artigo
2016	Silva, A. S. L.; Araújo, M.S.M.	Língua portuguesa	Artigo
2017	Corrêa, O. S.	Língua indígena e portuguesa	Artigo
2017	Araújo, M. S. M. Pinho, T. M. S.	Língua portuguesa	Artigo
2017	Araújo, M. S. M. Pinho, T. M. S.	Língua portuguesa	Artigo
2017	Cruz, M. S. M. Araújo, M. S. M.	Língua indígena e portuguesa	Capítulo
2019	Araújo, M. S. M.	Língua indígena	Tese
2021	Araújo, M. S. M.	Língua indígena	Artigo

**Fonte:** elaboração própria

Os estudos da toponímia roraimense são recentes e se concentram em sua maioria nas línguas indígenas, predominantemente no Macuxi e Wapixana. Isso demonstra que ainda não há uma tradição consolidada e robusta acerca dessa área linguística no cenário local. Embora seja um desafio por estar em uma fase inicial, os estudos apresentados

<sup>6</sup> Na busca para este estudo, os trabalhos citados não foram encontrados publicados, estão listados somente no Currículo Lattes de duas professoras. Os quatro primeiros constam no currículo da profa. Dra. Maria Odileiz Sousa Cruz e são trabalhos orientados por ela no Programa de Iniciação Científica ou orientações de outra natureza. Os últimos constam no currículo da profa. Dra. Maria do Socorro Melo Araújo e são trabalhos de conclusão de curso.

exprimem o interesse dos estudiosos em constituir uma base de estudos acerca do português roraimense.

Devido às fortes raízes dos povos originários em Roraima, os trabalhos científicos com foco nas línguas indígenas favorecem o interesse dos pesquisadores, o que se evidencia pelo número de estudos publicados, cinco sobre topônimos portugueses e oito indígenas. Ademais, outro fator considerável é que as pesquisas mais aprofundadas, dissertações e teses, são sobre as línguas indígenas. A forma recente em que se deu a implantação da toponímia no campo linguístico roraimense fica clara com o formato das pesquisas desenvolvidas, a maior parte são artigos, que são estudos mais breves se comparados a dissertações e teses, por exemplo. Cabe ressaltar que todos os trabalhos desenvolvidos são relevantes para a ampliação desse *corpus* linguístico e salientam a importância da contribuição de outros pesquisadores.

### **POR UMA TOPONÍMIA HISTÓRICA DA AMAZÔNIA RORAIMENSE**

O estudo da toponímia veicula-se ao nível lexical e, portanto, está suscetível às influências sociais e históricas, pois o léxico é o primeiro campo da língua a ser modificado pelo contato linguístico (Procópio; Silva, 2022). O desenvolvimento de um estudo da toponímia histórica amazônica, especificamente no espaço roraimense, fundamenta-se no objetivo de descrever o percurso de instalação da toponímia portuguesa em uma região de intenso contato linguístico, desde o período colonial, com as intensas disputas territoriais e políticas, que reverberam no nível linguístico através do topônimo.

Conforme Procópio (2023), as duas fases dessa pesquisa, coletar e descrever, envolvem a identificação de fontes documentais históricas e a caracterização de uma língua portuguesa implementada tardiamente e em condições sócio-históricas diferentes do litoral brasileiro, respectivamente.

O referido projeto busca contribuir para a toponímia amazônica roraimense ao se vincular à Linguística Histórica e catalogar e analisar topônimos presentes em dois relatórios de viagem, a saber *Journey from Fort San Joaquim, on the Rio Branco, to Roraima, and Thense by the Rivers Parima and Merewari to Esmeralda, on the Orinoco, in 1838-9*<sup>7</sup> dos irmãos Schomburgk, alemães e naturalistas, que fizeram expedições etnográficas à Guiana e posteriormente Roraima; e *Voyage au Rio Branco, aux Montagnes de la Lune, au*

---

<sup>7</sup> Em português “Viagem do Forte São Joaquim, no Rio Branco, a Roraima, e daí pelos rios Parima e Merewari até Esmeralda, no Orinoco, em 1838-9” (tradução própria).

*haut Trombetta (mai 1884—avril 1885)*<sup>8</sup> do francês e professor Henri Coudreau, que contratado pelo governo do Pará fez explorações pelos rios da Amazônia. Também chamados de *Reports*, estes textos foram selecionados em bibliotecas digitais que armazenam documentos históricos. Com esses dois relatos, será feita a catalogação e análise dos topônimos roraimenses com a finalidade de fazer um glossário para descrever os nomes encontrados e suas características toponímicas.

Esses relatórios de viagem são importantes literaturas documentais por representarem fontes heterogêneas de pesquisa, que permitem aos estudiosos compreenderem a construção histórica, geográfica e lexical brasileira em meio ao contexto colonial. Especialmente os dois relatos supracitados, são fontes que possibilitam o entendimento da visão de outros sujeitos em relação aos elementos que compõem a região amazônica brasileira, entre eles o léxico e os seus povos nativos.

O projeto citado acima e em fase de desenvolvimento tem como vertente principal o estudo histórico da toponímia roraimense. Estudar essa toponímia histórica amazônica em Roraima, ocorre por ser um aspecto não explorado ou que não é o elemento primordial dos estudos já realizados. Outro fator é que a documentação dos nomes geográficos presentes em documentos antigos relacionados a Roraima viabiliza a expansão da história não tradicional do português e a marcação dos indigenismos presentes nos nomes mesmo diante da colonização. Além disso, analisar os topônimos nessas literaturas possibilita descrever e preservar a cultura, história e a identidade de um lugar e retoma o cenário econômico, social, político e linguístico envolvidos.

A relevância de realizar o levantamento e o estudo dos topônimos históricos de Roraima é de suma importância para a datação dos dados e a documentação histórica de relatos que fazem parte da memória local. Essa importância se dá pelos topônimos serem autênticos testemunhos históricos (Dick, 1990) e um instrumento capaz de abordar os aspectos linguísticos e sócio-histórico-culturais de um povo (Sousa; Martins, 2017).

## CONCLUSÃO

O objetivo deste texto é delinear um panorama das pesquisas toponímicas sobre o estado de Roraima e expor uma nova proposta que está em desenvolvimento. Os estudos apresentados sobre a toponímia roraimense demonstram que essa área interdisciplinar

---

<sup>8</sup> Em português “Viagem ao Rio Branco, às Montanhas da Lua, ao alto Trombetta (maio de 1884 a abril de 1885)” (tradução própria).

tem um longo caminho a ser percorrido. Foram apresentados 13 trabalhos de pesquisadores que investigaram os topônimos em teses, dissertações, capítulos de livros e artigos, abordando os nomes de origem indígena muito presente em regiões interioranas e nomes que compõem o cenário urbano local, como praças, ruas e avenidas. Essas pesquisas mostraram a influência de mitos, lendas e do processo migratório na escolha de alguns designativos. Além disso, 7 trabalhos sobre essa temática foram desenvolvidos, porém não foram publicados até o momento. Além de 1 trabalho que versa, mesmo que de maneira não tão direta, sobre os topônimos formados a partir de cruzamentos vocabulares.

O projeto que está em fase de desenvolvimento no mestrado do PPGL/UFRR visa contribuir com as pesquisas explicitadas e defende os estudos de uma toponímia histórica na Amazônia ao analisar os topônimos roraimenses em documentos históricos de expedicionários que vinham para a região e registraram suas observações e descrições do local em escritos importantes. A proposta, então, é fazer coletar e descrever as nomeações que alguns lugares de Roraima receberam no século XIX.

A toponímia é uma área significativa para fazer registros históricos por meio das nomeações, bem como revelar as motivações, movimentações e mudanças geográficas e culturais ocorridas ao longo do tempo pelos povos responsáveis pelas denominações. Estudar os nomes é ir além da dimensão física do ambiente, pois proporciona desvendar a maneira como os indivíduos se relacionam com espaço e muitas vezes por meio da nomeação demonstram pertencimento a um lugar.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Francisca Aurea. **Língua, cultura e história**: os topônimos dos monumentos de Boa Vista. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado (Licenciatura em Letras) - Universidade Estadual de Roraima, Boa Vista, 2016.

ALMEIDA, José Ângelo; ANDRADE, Kaique; GROUNDON, Thiago da Silva; SANTOS, Alessandra Sousa. Expor a toponímia das principais praças da cidade de Boa Vista. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, 17., 2013, Rio de Janeiro. **Cadernos [...]**. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2013.

ANDRADE, Karylleila dos Santos. Toponímia e interdisciplinaridade: primeiras reflexões. *In*: RAMOS, Dernival Venâncio; PINHO, Maria José de. (Orgs.). **Ensino de língua**: reflexões e perspectivas interdisciplinares. Campinas: Mercado de Letras, 2012, p. 155-169.

ANDRADE, Katia Emmerick; RONDININI, Roberto Botelho. Cruzamento vocabular: um subtipo da composição? **DELTA**, v. 32. p. 861-887, 2016. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/delta/a/NHKKfy8CJMGBXyZRsc7fTTLR/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 15 nov. 2023.

ARAÚJO, Maria do Socorro Melo. Entre toponímia e mito: um estudo em Uiramutã Roraima. In: MONTEIRO, Huarley Mateus do Vale; COSTA, Isabella Coutinho; ARAÚJO, Maria do Socorro Melo (Orgs.). **Letras em Fronteiras: Diálogos entre Linguística, Literatura e Ensino**. Boa Vista: UERR Edições, 2021. p. 58-80.

ARAÚJO, Maria do Socorro Melo. **Estudo toponímico antropocultural de Uiramutã – Roraima**. 204 p. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2019.

ARAÚJO, Maria do Socorro Melo. **Toponímia de comunidades indígenas do município de Pacaraima**. 157 p. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2014.

ARAÚJO, Maria do Socorro Melo; PINHO, Thaygra Manoelly Silva. Aspectos cognitivos e sociais na toponímia. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, n. 69, p. 559-569, 2017.

ARAÚJO, Maria do Socorro Melo; PINHO, Thaygra Manoelly Silva. O Amazonas em Roraima: aspectos históricos através dos topônimos. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, n. 69, p. 559-569, 2017.

BASÍLIO, Margarida. A Fusão Vocabular como Processo de Formação de Palavras. In: IV CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, v. 4, 2005, Brasília. **Anais [...]** Brasília: [s.n], 2005. Disponível em: <https://www.abralin.org/site/wp-content/uploads/2013/02/anaiscongresso05.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2023.

CARNEIRO, João Paulo Jeannine Andrade. **A morada dos Wapixana – Atlas Toponímico da região da Serra da Lua (RR)**. 189f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

CARNEIRO, João Paulo Jeannine Andrade. Toponímia das malocas Wapixana: encontro entre dois mundos. In: VI CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 2009, João Pessoa, PB. **Anais [...]** [S.l.]:[s.n], 2009. Disponível em: <https://abralin.org/publicacoes/>. Acesso em: 28 nov. 2023.

CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus. Onomástica e lexicologia: o léxico toponímico como catalisador e fundo de memória. Estudo de caso: os sociotopônimos de Aveiro (Portugal). **Revista USP**, São Paulo, n. 56, p. 172-179, 2003.

CIDR – Centro de Informação da Diocese de Roraima. **Índios de Roraima**. Boa Vista: CIDR, 1989.

CORRÊA, Ozamar Santos. A toponímia dos igarapés urbanos de Boa Vista: uma contribuição para o Atlas Toponímico Roraimense. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, n. 69, p. 372-388, 2017.

COUDREAU, Henri Anatole. **Voyage au Rio Branco aux Montagnes de la Lune au haut Trombetta (mai 1884 - avril 1885)**. Rouen: Imprimerie de Espérance Cagniard, 1886. Disponível em: [https://biblio.wdfiles.com/local--files/coudreau-1886-rio-branco/coudreau\\_1886\\_rio\\_branco.pdf](https://biblio.wdfiles.com/local--files/coudreau-1886-rio-branco/coudreau_1886_rio_branco.pdf). Acesso em: 17 mai. 2023.

CRUZ, Maria Odileiz Souza.; ARAÚJO, Maria do Socorro Melo. Rede de contatos entre línguas portuguesa e indígenas através de topônimos. *In*: AGUIAR, Maria Sueli; CASTRO, Maria Célia; DIAS, Ana Lurdes (Orgs.). **Onomástica e identidade do homem em seu meio**. Santarém: Instituto Politécnico de Santarém – Escola Superior de Educação e Universidade Federal de Goiás, 2017. p. 162-185.

CURVELO-MATOS, Heloísa Reis. **Análise toponímica de 81 nomes de bairros de São Luís/MA**. 2014. 347 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. A Morfologia do Signo Toponímico. *In*: XLIII REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 1991, Rio de Janeiro, RJ. **Anais [...]** Rio de Janeiro: [s.n], 1991. p. 370-371.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990. 382 p.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. A terminologia nas ciências onomásticas. Estudo de caso: o Projeto Atesp (Atlas Toponímico do Estado de São Paulo). *In*: ISQUERDO, Aparecida Negri; IEDA, Maria (Orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**, v. 3, Campo Grande: UFMS, 2007.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Atlas toponímico: um estudo de caso. **Acta Semiótica et Linguística**, v. 6. São Paulo, 1996. p. 27-44.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Caminho das águas, povos dos rios: uma visão etnolinguística da toponímia brasileiro. **Investigações Linguística e Teoria Literária**, Recife, v. 13-14, p. 153-172, 2001.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Investigação Linguística na Onomástica Brasileira. *In*: GARTNER, Eberhard; HUNDT, Christine; SCHONBERGER, Axel. **Estudos de Língua Portuguesa III**. [S.l.]: TFM, 2000.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Métodos e questões terminológicas na onomástica. Estudo de caso: o Atlas Toponímico do Estado de São Paulo. **Investigações: Linguística e Teoria Literária**, v. 9, 1999.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **Motivação toponímica: princípios teóricos e modelos taxionômicos**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1980.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **Toponímia e antropologia no Brasil: coletânea de estudos**. FFLCH/USP, 1992.



DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Toponímia e Línguas Indígenas do Brasil. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 8, n. 22, p. 435-436, 1994.

DRUMOND, Carlos. **Dos designativos de parentesco e da partícula "tyb" do tupi-guarani**. São Paulo: Oficinas de José Magalhães, 1944.

FREITAS, Aimberê. **Geografia e história de Roraima**. Manaus: GRAFIMA, 1996.

FREITAS, Aimberê. **Geografia e história de Roraima**. Manaus: GRAFIMA, 2001.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. A ambimorfia de cruzamentos vocabulares: uma abordagem por *ranking* de restrições. **Revista da ABRALIN**, [s.l.], v. 5, n.1-2, p. 169-183, 2006. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/viwe/945>. Acesso em: 15 nov. 2023.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. Blends lexicais em português: não-concatenatividade e correspondência. **Revista Veredas**, Juiz de Fora, v. 14, n. 1, p. 16-35, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25272>. Acesso em: 15 nov 2023.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. **Morfologia**. São Paulo: Parábola, 2019.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Hidronímia e toponímia: interinfluências entre meio ambiente e história. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; DAL CORNO, Giselle Olívia Mantovani (Orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia, v. 7, Campo Grande MS: Editora UFMS, 2014.

ISQUERDO, Aparecida Negri. O nome do município: um estudo etnolinguístico e sócio-histórico na toponímia sul-mato-grossense. **PROLÍNGUA**, [s. l.], v. 2, n. 2, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/prolingua/article/view/13403>. Acesso em: 15 dez. 2023.

ISQUERDO, Aparecida Negri; FINNATTO, Maria José Bocorny. (Orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia, v. IV. Campo Grande: UFMS; Porto Alegre: UFRGS, 2010.

POTTIER, Bernard. L'etnolinguistique. **Langages**, Paris, n. 18, p. 1-11, 1970.

PROCÓPIO, Eliabe. Constituição de um cópulo para o português de Roraima (séc. XVIII). **Revista do GELNE**, Natal, v. 25, n. 3, 2023.

PROCÓPIO, Eliabe; SILVA, Everton Oliveira. Neologismos no Português de Roraima. **Muiraquitã: Revista de Letras e Humanidades**, Rio Branco, v. 10, n. 2, 2022.

PROCÓPIO, Eliabe; SILVA, Patrícia Lima da. Cruzamentos vocabulares com o topônimo 'Roraima'. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, v. 21, n. 1, p. 9-32, 2023.

RIO-TORTO, Graça. Blending, cruzamento ou fusão lexical em português: padrões estruturais e (dis)semelhanças com a composição. **Filologia e Linguística Portuguesa**,

São Paulo, v. 16, n.1, p. 7-29, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/83491>. Acesso em: 15 nov. 2023.

SANTOS, Cezar Alexandre Neri. **De Cirigype a Sergipe Del Rey**: os topônimos nas cartas de sesmarias (1594-1623). 192f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2012.

SCHOMBURGK, Robert. Journey from Fort San Joaquim, on the Rio Branco, to Roraima, and Thence by the Rivers Parima and Merewari to Esmeralda, on the Orinoco, in 1838-9. **The Journal of the Royal Geographical Society of London**, 1840, v. 10, p. 191-247. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1797841>. Acesso em: 17 maio 2023.

SILVA, Antônia Sandra Lopes da; ARAÚJO, Maria do Socorro Melo. Estudo toponímico na sala de aula: atividade interdisciplinar contextualizada. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, n. 66, p. 898-911, 2016.

SILVA, Antônia Sandra Lopes da; MORAIS, Francisca Olavia Gomes de; SILVA, Veralucia Thomaz Cardozo; SILVA, Sivanilde Rodrigues da; SANTOS, Alessandra de Souza. Estudos toponímicos dos bairros da região sul da cidade de Boa Vista – Roraima. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, n. 60, p. 1149-1159, 2014.

SOUSA, Alexandre Melo de; DARGEL, Ana Paula Tribesse Patrício. Caminhos da Toponímia no Brasil e as contribuições de Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick. **Revista GTLex**, Uberlândia, v. 6, n. 1, p. 6–19, 2021.

SOUSA, Alexandre Melo de; DARGEL, Ana Paula Tribesse Patrício. Onomástica: interdisciplinaridade e interfaces. **Revista GTLex**, Uberlândia, v. 3, n. 1, p. 7–22, 2020.

SOUSA, Alexandre Melo. Aplicação dos estudos toponímicos no ensino fundamental e médio: propostas teórico-didáticas. **Recanto das Letras**, [s.l.], 2007.

SOUSA, Alexandre Melo; MARTINS, Rozangela Melo. A motivação toponímica na escolha dos nomes geográficos de origem indígena da zona rural da Regional do Baixo Acre. **Tropos: comunicação, sociedade e cultura**, Rio Branco, v. 6, n. 2, p. 1-16, 2017.

SOUZA, Márcio. **História da Amazônia**. Manaus: Valer, 2009.

SPOTTI, Carmem Véra Nunes. Estudo potamonímico de origem indígena em Roraima: Rio Uraricoera. In: XV Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 15., 2011, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011.

## CAPÍTULO 04

# REVISÃO SISTEMÁTICA SOBRE OS ESTUDOS DA VARIAÇÃO PRONOMINAL TU/VOCÊ NO PORTUGUÊS FALADO NA REGIÃO NORTE

SYSTEMATIC REVIEW ON PRONOMINAL VARIATION STUDIES TU/VOCÊ IN PORTUGUESE SPOKEN IN THE NORTH REGION

REVISIÓN SISTEMÁTICA SOBRE LOS ESTUDIOS DE LA VARIACIÓN PRONOMINAL TU/VOCÊ EN EL PORTUGUÉS HABLADO EN EL NORTE DE BRASIL

Laeny Amaral de Sousa

Eliabe Procópio

Marcus Garcia de Sene

### INTRODUÇÃO

Este trabalho é um recorte da dissertação de mestrado de Sousa (2023) e versa sobre os fatores que influenciam a variação pronominal de segunda pessoa do singular (2PS) *tu/você* na região Norte. Tal tema já é bastante descrito em outras regiões no Brasil, entretanto, a região Norte apresenta um número de trabalhos em ascensão.

A fim de sistematizar quais as variáveis sociais e linguísticas que influenciam na variação de *tu/você* na região Norte, este estudo resenha 8 trabalhos, selecionados por meio do Catálogos de Teses e Dissertações da Capes, Google Scholar e em programas de pós-graduação de Letras/Linguística de universidades federais e estaduais, de diferentes regiões brasileiras, que pesquisam os falares do Norte.

O propósito deste trabalho é mostrar ao leitor uma visão panorâmica do uso pronominal de 2PS, no português falado na região Norte, com ênfase nos fatores relevantes para a alternância ou não de tal uso. Este é um estudo de revisão sistemática, cuja análise identificou 8 trabalhos, sendo 3 teses, 3 dissertações e 2 artigos. O quadro adiante apresenta a identificação desses trabalhos.

**Quadro 1:** Pesquisas sobre *tu/você* na região Norte

Referência	Local da pesquisa	Resultados gerais
Artigo de Ferreira (2010)	Santarém-PA	Favorecimento de <i>tu</i> entre conhecidos entre si, e favorecimento de <i>você</i> entre desconhecidos entre si.
Dissertação de Martins (2010)	Tefé-AM	Favorecimento para o uso de <i>tu</i> tanto na rodada binária ( <i>tu</i> e <i>você</i> ), quanto na ternária ( <i>tu</i> , <i>você</i> e <i>senhor</i> ).

Dissertação de Costa (2013)	Seis capitais do Norte	As capitais Belém, Manaus e Rio Branco favorecem o uso de <i>tu</i> , e as capitais Boa Vista, Macapá e Porto Velho desfavoreceram o uso de <i>tu</i> , e favorecem o uso de <i>você</i> .
Artigo de Martins e Martins (2014)	Manaus-AM	Favorecimento de <i>você</i> em entrevistas do tipo DID e EF, enquanto o uso de <i>tu</i> é favorecido em entrevistas o tipo D2.
Tese de Costa (2016)	Cametá-PA	Alternância pronominal entre os cametaenses, com favorecimento para o uso de <i>tu</i> .
Dissertação de Martins (2017)	Porto Nacional-TO	Favorecimento para o uso de <i>cê</i> .
Tese de Silva (2019)	Rio Branco-AC	Alternância de quatro formas pronominais <i>tu</i> , <i>você</i> , <i>ocê</i> e <i>cê</i> .
Tese de Nogueira (2021)	24 localidades no Norte	Favorecimento para o uso de <i>você</i> para os dois grupos analisados <i>Ensino fundamental</i> e <i>Capitais</i> .

Fonte: Elaboração própria

O quadro acima apresenta as referências que compõem esta revisão sistemática de literatura, com a indicação geográfica na região Norte em que ocorreu a coleta de dados, e a indicação do principal resultado de cada pesquisa; todos eles apontam uma alternância pronominal de 2PS *tu/você* na região Norte. O baixo número de referências, apenas 8 estudos desenvolvidos na última década, é por si um indicativo de que há uma lacuna a ser preenchida por outros e mais estudos que descrevam as variedades linguísticas que são centrais na caracterização do português brasileiro, consequentemente do português amazônico.

Este texto apresenta a seguinte divisão temática. Inicia falando do seu referencial teórico, a Teoria da Variação e Mudança Linguística (TVM). Na sequência, apresenta a análise em duas etapas: primeiro, os resultados das variáveis sociais e, depois, as variáveis linguísticas. E finaliza com as conclusões sintetizando os resultados e os encaminhamentos.

## TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA

A Teoria da Variação e Mudança Linguística embasa as pesquisas selecionadas nesta revisão sistemática. Tal teoria é estabelecida por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) e propõe a heterogeneidade estruturada da língua, a qual se explica devido a fatores internos e externos. Os autores são capazes de formular uma teoria capaz de explicar a língua embasada em fatores linguísticos e sociais, atestando que a variação linguística é fruto da influência de variados fatores.

A exemplo de sua pesquisa de mestrado, Labov (1966) analisa a mudança dos ditongos /ay/ e /aw/ por falantes em uma comunidade na ilha Martha's Vineyard. Dentre

as inúmeras gravações realizadas, Labov atesta que as articulações, de alguns ditongos, eram muito centralizadas; em outras ocasiões, pouco centralizados, e em outras situações elas não apresentavam centralização alguma. Correlacionando essa centralização a fatores sociais como as atividades tradicionais da ilha (pesca e agricultura), além de seus planos para o futuro da ilha, Labov (1966) concluiu que o que explicava a centralização dos ditongos eram as atitudes sociais dos falantes. Quanto maior a centralização, mais a atitude dos falantes era positiva em relação à ilha e a vida nela. Em outras palavras, os sujeitos com opiniões positivas exibiam graus altas de centralização.

A língua resulta de processo histórico e as mudanças são recorrentes (Coelho *et al.* 2021), sem afetar o caráter sistemático da língua, pois a comunicação entre as pessoas permanece. As mudanças linguísticas podem ser *em tempo real* (processo diacrônico= mudança em um espaço de tempo passado e tempo presente ou mais recente), e *em tempo aparente* (análise sincrônica= descrição a partir de uma única perspectiva em um lapso temporal).

Com isso, esta revisão sistemática apresenta um breve panorama da descrição relacionada a um fenômeno linguístico que ocorre sob um aspecto estático: a variação ‘tu’ e ‘você’ no português falado na região Norte, da qual se observa quais os fatores que mais influenciam na alternância pronominal de 2PS nessa região. Segundo Guy e Zilles (2007), a análise da regra variável busca separar, quantificar e testar os efeitos de fatores que influenciam para a variação linguística, a exemplo de fatores sociais ou fatores linguísticos.

## **A REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA**

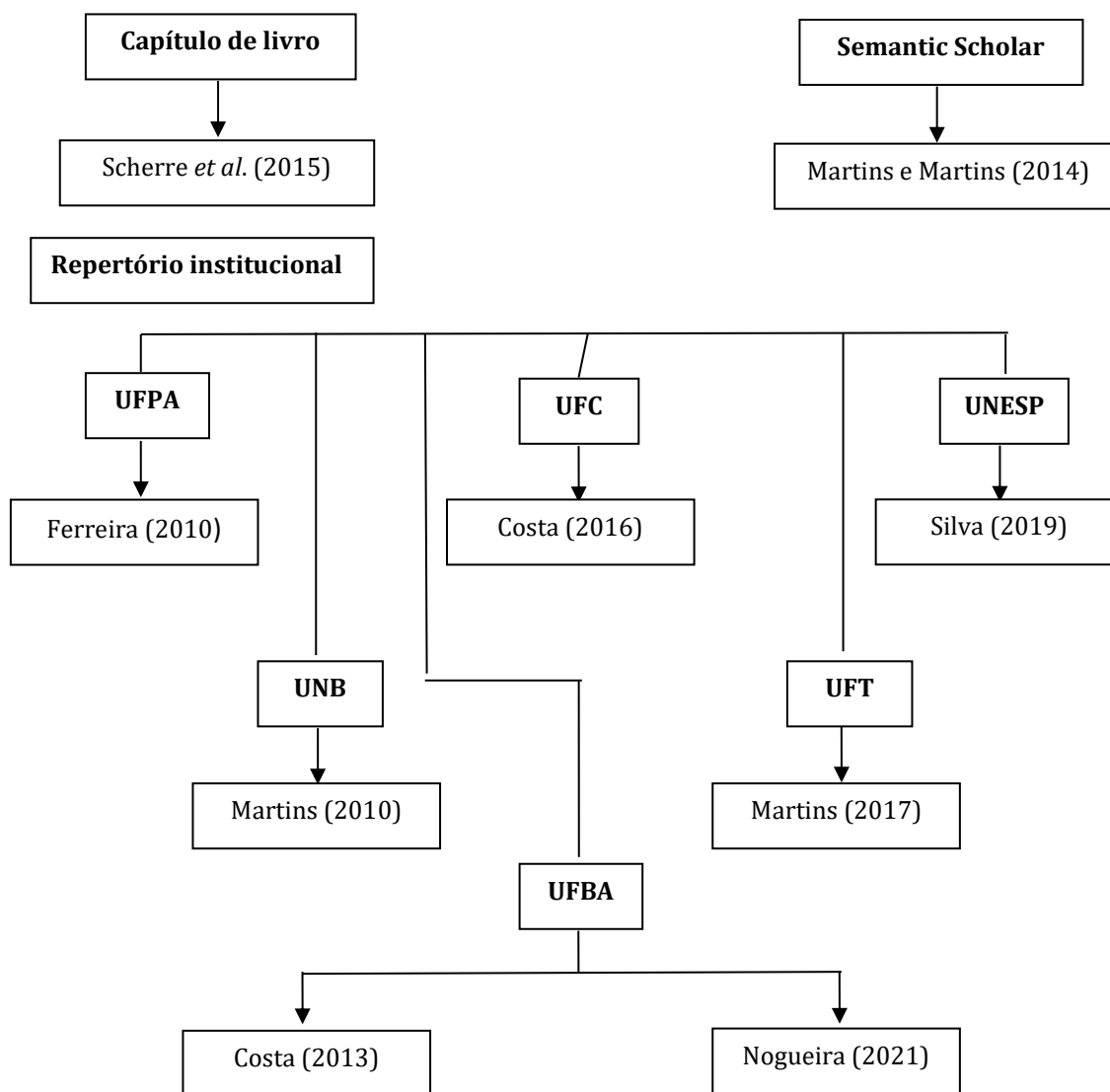
Uma revisão sistemática, assim como as demais revisões, envolve uma forma de realizar pesquisa com base nos dados da literatura sobre um determinado tema. Esse tipo de investigação objetiva disponibilizar um resumo das principais evidências relacionadas a um dado fenômeno investigado. Além dos principais resultados, intenta-se apresentar uma apreciação crítica desses dados, uma vez que os pesquisadores que se valem desse método destacam-se pelo grande número de trabalhos lidos e, sobretudo, a qualidade na sistematização e escolha dos textos da literatura que serão investigados.

As revisões sistemáticas são particularmente úteis para integrar informações de um mesmo fenômeno linguístico, nesse caso a variação de segunda pessoa do singular (tu e você), sob o mesmo enfoque teórico (a Teoria da Variação e da Mudança Linguística) e

com metodologias relativamente parecidas. Os resultados desses estudos, quando interpretados conjuntamente, permitem explicitar as confluências e divergências dos resultados obtidos, destacando, sobretudo, a atuação de alguns fatores (linguísticos e extralinguísticos) frente a outros.

Essa abordagem também apresenta a vantagem de permitir que os pesquisadores em formação possam intentar novas hipóteses acerca dos fatores analisados, de modo a não replicar variáveis que não apresentam efeito estatisticamente significativo. Também possibilita que outras hipóteses e variáveis sejam testadas à luz das perguntas que, em geral, os estudos não respondem dada à limitação da metodologia empregada.

Considerando que o trabalho em questão é sobre a região Norte do Brasil, na busca sistemática sobre os estudos que iriam compor essa revisão, restringiu-se o escopo de investigação para estudos na área de Sociolinguística e Dialectologia que tratavam sobre dados da região Norte, ainda que eles não tenham sido escritos apenas por pesquisadores da referida região. Os trabalhos foram selecionados com base na busca nos bancos de Teses e Dissertações da Capes, bem como sites como Google Acadêmico e Semantic Scholar. Abaixo apresenta-se um fluxograma dos trabalhos selecionados para a revisão.

**Diagrama 01:** Referências sobre a variação pronominal *tu/você* no português falado na região Norte

**Fonte:** Sousa (2023)

A revisão dos dados será organizada por variáveis, a começar pelas variáveis sociais e, posteriormente, as linguísticas. Para melhor organizar a apresentação dos resultados principais de cada variável, apresentam-se as hipóteses aventadas por cada estudo acerca de cada uma das variáveis analisadas. O objetivo em organizar o panorama dos resultados principais a partir das variáveis e das hipóteses envolve a necessidade de possibilitar aos futuros pesquisadores entendimento aprofundado acerca do que motivou cada pesquisador, sobretudo considerando a adequabilidade da hipótese aventada para o resultado encontrado.

## TU/VOCÊ NO PORTUGUÊS FALADO NA REGIÃO NORTE

Esta seção apresenta os resultados das variáveis sociais trabalhadas nas 8 pesquisas selecionadas para esta revisão sistemática. Os fatores sociais que influenciam a alternância *tu/você* na região Norte são: gênero/sexo, faixa etária, escolaridade, localidade/distribuição diatópica, grau de intimidade/relação entre os interlocutores, tipo de gravação/registo; e os fatores linguísticos são: tipo de interlocução/referência, tipo de frase, tipo de discurso, recursividade/paralelismo, tempo verbal.

### Variáveis sociais: gênero/sexo

A variável gênero/sexo é um dos fatores que mais é analisado pelas pesquisas de variação pronominal *tu/você*. Dentre os 8 trabalhos, apenas dois não fizeram a análise desta variável, que são Martins (2010), Martins e Martins (2014), Martins (2017), Costa (2016), Silva (2019) e Nogueira (2021).

O quadro 2 apresenta a hipótese/questionamento de cada uma das pesquisas para esta variável gênero/sexo, juntamente com o resultado.

**Quadro 02:** Hipóteses e resultados dos estudos acerca da variável Gênero/Sexo

Referência	Hipótese/Questionamento	Resultado
Martins (2010)	Homens favoreceriam o uso de <i>tu</i> , enquanto mulheres favoreceriam <i>você</i> ; e não há diferenças significativas no uso de senhor por ambos.	Não confirmada. As mulheres favorecessem o uso de <i>tu</i> ; e não haveria diferenças significativas entre os gêneros para o uso de senhor.
Martins e Martins (2014)	Os autores não informam hipótese para esta variável.	Alternância entre <i>tu/você</i> na fala manauara independentemente de gênero.
Costa (2016)	As mulheres fariam mais uso da forma pronominal <i>você</i> .	Confirmada. Mulheres favorecem o uso de <i>você</i> , e homens favorecem o uso de <i>tu</i> .
Martins (2017)	Qual sexo é mais sensível à variante prestigiada ( <i>você</i> )?	As mulheres fazem mais uso da forma prestigiada <i>você</i> . A forma <i>cê</i> é mais frequente entre os homens.
Silva (2019)	As mulheres usariam mais a forma conservadora <i>tu</i> .	Confirmada. As mulheres são as que usam mais a forma conservadora <i>tu</i> .
Nogueira (2021)	As mulheres fariam mais o uso do pronome <i>tu</i> .	Confirmada. Amostra Ensino Fundamental apresentou resultados próximos e pouco expressivos entre os gêneros. Grupo Capitais tem as mulheres como favorecedoras do pronome <i>tu</i> .

**Fonte:** elaboração própria



O quadro 2 mostra que apenas 3 trabalhos confirmam as hipóteses para a variável gênero/sexo. São eles: Costa (2016), em que o uso pronominal *você* é favorecido por parte das mulheres cametaenses, com percentual de 69,3% (PR 0,58); Silva (2019), que apresenta o percentual de 44% (PR 0,55) para o favorecimento de *tu* por parte das mulheres rio-branquenses, confirmando a hipótese levantada; e Nogueira (2021), em que as mulheres das capitais Macapá-AP (0,75), Manaus-AM (0,53), Belém-PA (0,63) e Rio Branco-AC (0,63) apresentam pesos relativos favoráveis ao uso de *tu*.

Quanto à não confirmação de sua hipótese, o resultado é que as mulheres tefeenses, em Martins (2010), favorecem em 70,6% (PR 0,58) para o uso do pronome *tu*. Os resultados de Martins e Martins (2014) afirmam a alternância entre *tu/você* independe de gênero. Por fim, as mulheres portuenses, em Martins (2017), apresentam maior percentual, 43,3%, para a forma considerada de prestígio (*você*).

Com base nesses estudos da região Norte, há alternância na variação pronominal *tu/você* entre homens e mulheres nortistas, com maior uso de *tu* pelas mulheres nortistas.

### Variáveis sociais: faixa etária

Variável faixa etária também é um dos fatores sociais que mais é analisado pelos trabalhos selecionados por esta revisão. As pesquisas de Ferreira (2010), Martins (2010), Martins e Martins (2014), Martins (2017), Silva (2019) e Nogueira (2021) compõem esta seção de análise. O quadro 3 apresenta hipótese/questionamento e o resultado de cada uma dessas pesquisas realizadas.

**Quadro 03:** Hipóteses e resultados dos estudos acerca da variável faixa etária

Referência	Hipótese/Questionamento	Resultado
<b>Ferreira (2010)</b>	A alternância <i>tu/você</i> na fala dos santarenos não seria uma escolha aleatória, mas sim influenciada principalmente pelos fatores sociais, idade dos interlocutores e relação entre eles.	<b>Confirmada.</b> Favorecimento de <i>você</i> na primeira e segunda faixas, e favorecimento de <i>tu</i> na terceira faixa.
<b>Martins (2010)</b>	Os mais velhos (faixa 2 e 3) apresentariam maior uso de <i>tu</i> .	<b>Não confirmada.</b> Os mais jovens (faixa 1) apresentaram maior uso de <i>tu</i> .
<b>Martins e Martins (2014)</b>	Os autores não informam hipótese para esta variável.	Alternância entre <i>tu/você</i> na fala manauara independentemente de faixa etária.
<b>Martins (2017)</b>	Essas alternâncias às vezes são percebidas pelos próprios falantes?	<b>Confirmada.</b> <i>Cê</i> é mais frequente nas três faixas etárias, e o uso de <i>tu</i> é favorecido nas faixas 1 e 2. Tal alternância é mais percebida entre

		esses jovens, principalmente pelas mulheres.
<b>Silva (2019)</b>	<i>Tu</i> , forma conservadora, seria mais usada pelos mais velhos e <i>você</i> , forma inovadora, seria mais usada entre os mais jovens.	<b>Não confirmada.</b> A forma <i>tu</i> é favorecida pelas faixas 15-25 anos, 26-40 anos e 41-55 anos. A forma <i>você</i> é favorecida pelas faixas 7-15 anos e + de 55 anos.
<b>Nogueira (2021)</b>	Os mais jovens fariam maior uso de <i>tu</i> .	<b>Confirmada.</b> Amostra Ensino Fundamental e Amostra Capitais – uso de <i>tu</i> é favorecido pelos mais jovens.

**Fonte:** elaboração própria

O quadro 3 apresenta cinco hipóteses listadas por esta revisão para o fator faixa etária, que, dentre elas, há a confirmação de três dessas hipóteses, enquanto dois resultados obtidos são adversos das expectativas elencadas.

A pesquisa de Ferreira (2010) confirma a expectativa elencada para os santarenos em relação ao fator faixa etária, que, além de outros fatores, influenciaria a alternância pronominal *tu/você*. Sendo assim, os mais jovens fazem maior uso da forma pronominal *você*, enquanto os mais velhos favorecem o uso de *tu*. Martins (2017) também confirma sua hipótese e apresenta que há predomínio de uso da forma *cê* pelos portuenses das três faixas controladas, respectivamente, 57%, 59% e 59,1%, enquanto o uso de *tu* é favorecido principalmente pelos mais jovens (PR 0,71 – faixa 1) e (PR 0,87 – faixa 2), e essa alternância é mais percebida mais por parte das mulheres. Por fim, a terceira hipótese confirmada foi a de Nogueira (2021), são os mais jovens que favorecem o uso de *tu*, tanto na amostra *Ensino Fundamental* (PR 0,68), quanto na amostra *Capitais* (PR 0,65)<sup>9</sup>.

As hipóteses não confirmadas para essa variável são referentes aos trabalhos de Martins (2010) e Silva (2019). A expectativa para os falantes tefeenses (Martins, 2010) seria que os mais velhos fariam uso pronominal *tu*, no entanto são os mais jovens tefeenses que favorecem essa forma pronominal, tanto na rodada binária (PR 0,95), quanto na rodada ternária (PR 0,58). Silva (2019) controlou cinco faixas etárias para os falantes rio-branquenses e seus resultados mostraram-se diferentes da expectativa. Seriam os mais velhos mais propensos ao uso de *tu*, enquanto os mais jovens fariam maior o uso de *você*. No entanto, os resultados obtidos apresentam a forma *tu* favorecida por

<sup>9</sup> Nogueira (2021) controlou resultados de 24 localidades na região Norte em sua tese de doutorado. A fim de sistematizar os resultados dos trabalhos estudados nesta revisão de literatura, não se colocou aqui os dados específicos (percentuais e pesos relativos) por cidade. Sendo assim, recomenda-se a leitura da tese da autora – tabelas 22 e 32, ou da revisão de literatura na dissertação de Sousa (2023) – tabelas 2 e 4.

falantes das faixas 2 (PR 0,61), 3 (PR 0,51) e 4 (PR 0,61), e a forma *você* é favorecida pelas faixas 1 (PR 0,64) e 5 (PR, 056).

O estudo apresentado por Martins e Martins (2014) sobre a fala de manauaras universitários não listou hipótese para essa variável. Os autores informam que a alternância entre *tu/você* na fala manauara independentemente de faixa etária.

A revisão do fator faixa etária nos trabalhos selecionados por esta sistematização aponta que os jovens do Norte tendem a usar mais o pronome *tu*.

### Variáveis sociais: escolaridade

Assim como as duas anteriores variáveis, o fator escolaridade é bastante controlado pelas pesquisas relacionadas à variação pronominal. Dentre os estudos selecionados por esta revisão, os trabalhos que tomaram essa variável como base de análise são Costa (2013), Martins e Martins (2014), Costa (2016), Martins (2017), Silva (2019) e Nogueira (2021). O quadro 4 apresenta hipótese/questionamento e resultados de cada um dos estudos referentes a esta variável.

**Quadro 04:** Hipóteses e resultados dos estudos acerca da variável escolaridade

Referência	Hipótese/Questionamento	Resultado
<b>Costa (2013)</b>	Os informantes de baixa escolaridade fazem mais o uso de <i>tu</i> ?	<b>Confirmada.</b> Informantes de ensino fundamental são mais propícios ao uso de <i>tu</i> que os informantes de ensino superior.
<b>Martins e Martins (2014)</b>	Os autores não informam hipótese para esta variável	Alternância entre <i>tu/você</i> na fala manauara independentemente de escolaridade.
<b>Costa (2016)</b>	Os informantes de ensino médio fariam maior uso do pronome <i>tu</i> do que os informantes de ensino superior?	<b>Confirmada.</b> Os informantes cametaenses de ensino médio favorecem o uso de <i>tu</i> .
<b>Martins (2017)</b>	O autor não apresenta questionamento para esta variável.	<i>Cê</i> é mais usado por falantes de nível médio e fundamental, enquanto <i>você</i> é mais usado por falantes de nível superior.
<b>Silva (2019)</b>	As mulheres com maior grau de escolaridade favoreceriam o uso da forma considerada de prestígio ( <i>tu</i> ).	<b>Confirmada.</b> Segundo Silva (2019), o fato de as mulheres preferirem o uso de <i>tu</i> pode estar associado às relações interpessoais mais íntimas. Isso faz com que as mulheres respondam por um valor de prestígio encoberto.
<b>Nogueira (2021)</b>	<i>Tu</i> estaria estratificado entre falantes menos e mais escolarizados; e os informantes de	<b>Confirmada.</b> O pronome <i>tu</i> está estratificado entre os rio-

	nível universitário favoreceriam o uso <i>tu</i> e os de nível fundamental a liderariam o uso de <i>você</i> .	branquenses por escolaridade. <b>Não Confirmada.</b> O pronome <i>tu</i> é favorecido pelos informantes de nível fundamental.
--	--	---

Fonte: elaboração própria

Costa (2013) questiona se os informantes nas capitais do Norte de baixa escolaridade fariam mais o uso de *tu*, o que se confirmou, pois com 61,9% (PR 0,52) os informantes de ensino fundamental favorecem o uso dessa variante, enquanto 56,7% (PR 0,50) dos informantes de superior favorecem para o uso de *você*. Costa (2016) questiona sobre os informantes cametaenses de ensino médio favorecem o uso de *tu* do que os informantes de ensino superior, e os resultados apontaram 74,4% (PR 0,61) para o uso de *tu* por parte dos informantes de ensino médio, enquanto 47,6% (PR 0,34) por parte de os informantes de ensino superior.

A hipótese levantada por Silva (2019) é que as mulheres com maior grau de escolaridade fariam uso da forma considerada de prestígio (*tu*) confirma-se com base na justificativa que o uso de *tu* pode estar associado às relações interpessoais mais íntimas, o que faz com que as mulheres respondam por um valor de prestígio encoberto. A autora ressalta que o fator escolaridade parece ser mais decisivo que sexo/gênero para identificar prestígio.

A última hipótese confirmada para esta variável trata-se de Nogueira (2021), em que a primeira expectativa se refere à possibilidade do uso de *tu* ser estratificado entre os informantes da amostra Capitais mais ou menos escolarizados. Essa primeira parte da hipótese se confirma. No entanto, a segunda expectativa da hipótese indicada que o uso de *tu* não é favorecido entre informantes de nível universitário, mas sim de nível fundamental, com peso relativo de 0,60, enquanto os informantes de nível universitário apresentam desfavorecimento para o uso de *tu*, com peso relativo 0,42.

Os demais resultados correspondem aos trabalhos que não apresentaram hipótese ou questionamento para o fator escolaridade. Martins e Martins (2014) novamente não apresentam hipótese para essa variável e teve como resultado que a alternância entre *tu/você* na fala manauara ocorre independentemente do fator escolaridade. Martins (2017) também não estipula hipótese para esta variável, e os resultados indicados para a forma *cê* afirmam que é favorecida por informantes de ensino médio (66% - PR 0,61) e

ensino fundamental (67% - PR 0,57), e a forma *você* é favorecida por informantes de nível superior (53%).

### Variáveis sociais: localidade/distribuição diatópica

A variável localidade/distribuição diatópica é fator de análise em duas pesquisas selecionadas por esta revisão sistemática, em Costa (2013) e em Nogueira (2021). O quadro 5 apresenta os resultados gerais, uma vez que ambos os autores investigam com base em diferentes cidades na região Norte.

**Quadro 05:** Hipóteses e resultados dos estudos acerca da variável localidade/distribuição diatópica

Referência	Hipótese/Questionamento	Resultado
<b>Costa (2013)</b>	Ocorre alternância <i>tu/você</i> entre as seis capitais do Norte?	<b>Confirmada.</b> Ocorre alternância <i>tu/você</i> nas capitais no Norte, com favorecimento de <i>tu</i> em três delas.
<b>Nogueira (2021)</b>	O autor não informa sobre suas hipóteses.	Amostra Ensino Fundamental - O pronome <i>tu</i> é favorecido em 14 localidades na região Norte. Amostra Capitais – O uso de <i>tu</i> é favorecido em quatro capitais do Norte, e desfavorecido em duas capitais.

**Fonte:** elaboração própria

A hipótese elencada por Costa (2013) para a variável localidade foi confirmada, há alternância *tu/você* nas capitais no Norte, com favorecimento de *tu* em três delas, a saber, Belém 69,3% (PR 0,61), Manaus 68,5% (PR 0,60) e Rio Branco 65,5% (PR 0,56). As capitais de desfavorecem o uso de *tu* são Boa Vista 48,3% (PR 0,39), Macapá 47,5% (PR 0,38) e Porto Velho 37,1% (PR 0,29).

Nogueira (2021) controla essa variável como distribuição diatópica, contudo não levanta hipótese para esta variável. Os resultados apresentados pela autora são de duas amostras analisadas. A primeira Ensino Fundamental apresenta alternância da variação *tu/você* na região Norte, sendo que ocorre favorecimento para o uso de *tu* em 14 localidades, com destaque para as cidades Macapá-AP (PR 0,83), Óbidos-PA (PR 0,78) e São Gabriel da Cachoeira-AM (PR 0,75). A segunda amostra Capitais também apresenta resultados que mostram alternância no uso pronominal *tu/você*, com favorecimento de *tu* nas capitais Macapá-AP (PR 0,70), Manaus-AM (PR 0,52), Belém-PA (PR 0,53) e Rio Branco-AC (PR 0,54).

### Variáveis sociais: grau de intimidade/relação entre os interlocutores

Assim como a variável anterior, grau de intimidade/relação entre os interlocutores é fator de análise em apenas duas pesquisas selecionadas para esta revisão sistemática, em Ferreira (2010) e em Martins (2010). O quadro 6 indica as hipóteses/questionamentos e os resultados referentes às cidades, respectivamente, Santarém-PA e Tefé-AM.

**Quadro 06:** Hipóteses e resultados dos estudos acerca da variável grau de intimidade/relação entre os interlocutores

Referência	Hipótese/Questionamento	Resultado
<b>Ferreira (2010)</b>	De um modo geral, o uso do pronome <i>tu</i> expressa intimidade entre os interlocutores, e o uso do pronome <i>você</i> expressa pouca ou nenhuma intimidade.	<b>Confirmada.</b> Há favorecimento de <i>tu</i> por parte de santarenos conhecidos entre si, e favorecimento de <i>você</i> entre os santarenos desconhecidos entre si.
<b>Martins (2010)</b>	A intimidade favoreceria o uso de <i>tu</i> e desfavoreceria o uso de <i>senhor</i> e <i>você</i> .	<b>Confirmada.</b> <u>Rodada binária</u> – favorecimento para o uso de <i>tu</i> entre interlocutores íntimos entre e desfavorecimento para o uso de <i>tu</i> entre os interlocutores não íntimos entre si. <u>Rodada ternária</u> - favorecimento para o uso de <i>tu</i> entre os mais íntimos, desfavorecimento para o uso de <i>senhor</i> , e o <i>você</i> ficou em posição de neutralidade.

Fonte: elaboração própria

Os resultados de Ferreira (2010) confirmam a hipótese, uma vez que a relação entre os interlocutores influencia no uso pronominal de 2PS *tu* e *você* nos dois grupos analisados *conhecidos entre si* e *desconhecidos entre si*. O primeiro grupo, cuja relação é de simétrica, por exemplo, entre irmãos ou amigos, e de assimétrica, como relação entre diferentes faixas etárias ou hierarquia profissional, apresenta favorecimento para *tu* em 81,11%. O segundo grupo, que, de acordo com a autora, prevalece o uso de *você*, em 55%, entre os santarenos em casos de mais formalidade e polidez.

Martins (2010) realiza duas rodadas, a primeira delas referente à alternância *tu/você* resultou em 80,9% (PR 0,59) para o uso de *tu* entre interlocutores íntimos entre si e 45,7% (PR 0,39) para os interlocutores não íntimos entre si. A segunda rodada, a ternária *tu/você/senhor*, apresenta favorecimento para o uso de *tu* entre os mais íntimos, com peso relativo 0,51, desfavorecimento para o uso de *senhor* (PR 0,17) e posição de neutralidade para o uso de *você* (PR 0,33).

### Variáveis sociais: tipo de gravação/registo

A variável tipo de gravação/registo aparece como fator de análise em apenas dois trabalhos listados, em Martins (2010) e em Martins e Martins (2014), ambas as pesquisas são referentes a cidades no estado do Amazonas, respectivamente, Tefé e Manaus. Abaixo, o quadro 7 informa das hipóteses e dos resultados.

**Quadro 07:** Hipóteses e resultados dos estudos acerca da variável tipo de gravação/registo

Referência	Hipótese/Questionamento	Resultado
<b>Martins (2010)</b>	Estar consciente da gravação inibiria o uso de <i>tu</i> e favorecia o uso de <i>você</i> .	<b>Confirmada.</b> Entrevistas em que os informantes estão conscientes das gravações inibem o uso de <i>tu</i> , ao passo que em entrevistas ocultas favorecem.
<b>Martins e Martins (2014)</b>	Os autores não informam de suas hipóteses.	Dentre os critérios de análise para a fala de manauara de nível superior, a alternância <i>tu/você</i> teve apenas uma motivação: tipo de registro (monitoramento estilístico)

Fonte: elaboração própria

Os resultados de Martins (2010) sobre a fala tefeense confirmam a hipótese de que houve inibição do uso de *tu*, quando na coleta das entrevistas, os informantes estavam conscientes da gravação, apresentando um percentual e peso relativo de 56,8% (PR 0,41), ou seja, desfavorecimento para o uso de *tu*, e favorecimento em 90,7% (PR 0,78) quando as gravações das entrevistas ocorriam de modo oculto.

Martins e Martins (2014) não listam hipótese para esse fator de análise. A variável de controle é tipo de registro, em que se analisam entrevistas do tipo DID, EF e D2. Os resultados apresentam favorecimento para o uso de *você* em situações mais formais, em relações assimétricas e em textos injuntivos, com 96% em DID e 90,7% em EF, e para o uso de *tu* em contextos de informalidade e relações simétricas, em 70,5% em situações do tipo D2.

### Variáveis linguísticas: tipo de interlocução/referência

Os trabalhos de Martins (2010), Costa (2016), Silva (2019) e Nogueira (2021) analisam a variável tipo de interlocução/referência em suas amostras, respectivamente, nas cidades de Tefé-AM, Cametá-PA, Rio Branco-AC e em 24 localidades na região Norte. O quadro 8 apresenta as hipóteses estipuladas por cada uma das pesquisas e os seus resultados gerais.

**Quadro 08:** Hipóteses e resultados dos estudos acerca da variável tipo de interlocução/referência

<b>Referência</b>	<b>Hipótese/Questionamento</b>	<b>Resultado</b>
<b>Martins (2010)</b>	<i>Você</i> seria favorecido como referência genérica e <i>tu</i> seria favorecido como referência específica.	<b>Confirmada.</b> Favorecimento <i>tu</i> como referência específica, e quando é referido em relações mais íntimas.
<b>Costa (2016)</b>	<i>Tu</i> favorece a referência específica, e <i>você</i> é mais frequente em referência a um interlocutor indeterminado/genérico?	<b>Confirmada.</b> Favorecimento de <i>tu</i> por parte dos tipos de referência indireta/específica a um indivíduo e referência direta/específica a um indivíduo.
<b>Silva (2019)</b>	A forma <i>você</i> é favorecida pela referência indeterminada, e <i>tu</i> é favorecido pela referência determinada.	<b>Confirmada.</b> Referência indeterminada favorece <i>você</i> , e a referência determinada <i>tu</i> .
<b>Nogueira (2021)</b>	O uso de <i>tu</i> é favorecido pelo tipo de referência específica.	<b>Confirmada.</b> Ambas amostras Ensino Fundamental e Capitais, apresentam favorecimento de <i>tu</i> como referência específica.

**Fonte:** elaboração própria

As hipóteses dos estudos que analisam o fator tipo de interlocução/referência confirmam as suas expectativas, que consistem no uso de *tu* como referência específica nas quatro pesquisas. Martins (2010) apresenta na rodada binária *tu/você* favorecimento entre os tefeenses para o uso de *tu* com referência específica com percentual de 74,7% (PR 0,55), e no cruzamento de referência com grau de intimidade com o interlocutor, o resultado também mostra um favorecimento para o uso de *tu* com referência específica em relações íntimas em 82% (PR 0,67). Costa (2016) mostra que ao cametaenses têm a tendência ao uso do pronome *tu* como referência indireta/específica a um indivíduo, com 70,2% (PR 0,84) e referência direta/específica a um indivíduo, com 72,8% (PR 0,68). Silva (2019) confirma que os falantes rio-branquenses apresentam para a referência indeterminada favorece o uso de *você* em 85,7% (PR 0,69), e a referência determinada favorece o uso de *tu*, com 39,6% (PR 0,64). Nogueira (2021) mostra o favorecimento para o uso de *tu* como referência específica em ambas as amostras, em Ensino Fundamental, com 30% (0,66 - PR), em Capitais, com peso relativo 0,69.

### **Variáveis linguísticas: tipo de frase**

A variável tipo de frase é fator de análise na pesquisa de Costa (2016), que trata da fala cametaense no estado do Pará, e controla essa variável em quatro estratificações (exclamativa, interrogativa (negativa e afirmativa), declarativa afirmativa e declarativa negativa). A pesquisa de Martins (2017) analisa a fala portuense no estado de Tocantins



e controla essa variável como frases não interrogativas e interrogativas. O quadro 9 apresenta uma síntese informacional desses trabalhos.

**Quadro 09:** Hipóteses e resultados dos estudos acerca da variável tipo de frase

Referência	Hipótese/Questionamento	Resultado
<b>Costa (2016)</b>	As frases interrogativas influenciam mais para o uso de <i>tu</i> ?	<b>Não confirmada.</b> O tipo de frase exclamativas é que mais favorece o uso de <i>tu</i> .
<b>Martins (2017)</b>	O autor não apresenta hipótese ou perguntas sobre o tipo de frase	O uso de <i>cê</i> em não interrogativas entre interlocutores íntimos entre si e de <i>você</i> em interrogativas em perguntas para quem não se tinha intimidade constataram a influência do grau de intimidade na escolha pronominal em cada tipo de frase.

**Fonte:** elaboração própria

Costa (2016) levanta uma hipótese que não se confirma, a expectativa de que as frases interrogativas mais influenciariam o uso de *tu* não ocorre, visto que o tipo de frase exclamativa apresenta maior percentual e maior peso relativo, 80% (PR 0,88), enquanto as frases interrogativas (negativa e afirmativa) apresentam 65,1% (PR 0,59). A autora indica a necessidade de se analisar com reservas as frases exclamativas, pois a quantidade de dados não apenas 20 ocorrências de um universo de 489 dados coletados. A pesquisa de Martins (2017) não tem uma prévia expectativa de resultado para essa variável. O favorecimento para a forma *cê* ocorre em frases não interrogativas entre interlocutores íntimos entre si, com 66% (PR 0,54), e em frases interrogativas ocorre favorecimento a forma *você* entre os que não têm intimidade entre si, com 52,8%, isto é, o grau de intimidade pode influenciar na escolha pronominal a depender do tipo de frase.

### **Variáveis linguísticas: tipo de discurso**

A variável tipo de discurso é analisada por Martins (2017), que descreve o português falado na cidade Porto Nacional-TO; e Silva (2019), que investiga a fala na capital Rio Branco-AC. O quadro 10 expõe as hipóteses desses trabalhos, bem como os resultados gerias.

**Quadro 10:** Hipóteses e resultados da Variável tipo de discurso

Referência	Hipótese/Questionamento	Resultado
<b>Martins (2017)</b>	Quando as alternâncias de 2PS <i>tu, você</i> e <i>cê</i> são percebidas pelos próprios falantes, eles mudam ou não o uso da(s) variante(s)?	<b>Confirmada.</b> <i>Cê</i> é mais frequente em discursos não percepção – não monitoramento/variação e percepção – não monitoramento/variação; <i>você</i> é mais frequente em discurso percepção – monitoramento/variação/mudança.
<b>Silva (2019)</b>	A primeira forma pronominal usada condicionaria as seguintes formas.	<b>Não confirmada.</b> O discurso direto favorece o uso de <i>você</i> ; o discurso reportado por terceiro favoreceu o uso de <i>tu</i> ; e o discurso reportado pelo entrevistado favoreceu <i>tu</i> .

Fonte: elaboração própria

Na pesquisa de Martins (2017), há três grupos de testagem para a amostra portuense, e os resultados confirmam a hipótese de que os falantes fazem a percepção da alternância pronominal e fazem a mudança da variante: não percepção – não monitoramento/variação, alternando entre *você, cê* e *tu*, com alternância de *você* para *cê* (61,8%); percepção –monitoramento/variação/mudança, uso categórico de *você*; e percepção – não monitoramento/variação, alternando de *você* para *cê* (75,6%). Em Silva (2019), a hipótese não se confirma, a primeira forma pronominal usada não condiciona as seguintes formas, assim, em discurso direto, o favorecimento da *você* é de 67% (PR 0,59), reportado por terceiro favoreceu o uso de *tu* é de 46% (PR 0,57), e reportado pelo entrevistado favoreceu *tu* é de 50% (PR 0,61).

### Variáveis linguísticas: recursividade/paralelismo

A variável recursividade/paralelismo é identificada pelos trabalhos de Martins (2010), Silva (2019) e Nogueira (2021), como fator de análise, os quais investigam a fala, respectivamente de Tefé-AM, Rio Branco-AC e em 24 localizados na região Norte. O quadro 11 sintetiza as hipóteses elencadas para essa variável por cada um dos trabalhos.

**Quadro 11:** Hipóteses e resultados dos estudos acerca da variável recursividade/paralelismo

Referência	Hipótese/Questionamento	Resultado
<b>Martins (2010)</b>	Fatores isolado não precedido e primeiro da série não precedido estariam acima da média e efeito neutro sobre a escolha das variantes; e precedido de <i>tu</i> , precedido de <i>você</i> e precedido de <i>senhor</i> teriam efeito favorecedor sobre o uso das suas respectivas formas pronominais.	<b>Confirmada.</b> Rodada binária – favorecimento do uso de <i>tu</i> quando isolado não precedido e precedido de <i>tu</i> . Rodada ternária – favorecimento de <i>tu, você</i> e <i>senhor</i> quando pelos próprios pronomes respectivamente.

<b>Silva (2019)</b>	A primeira forma usada na sequência discursiva condicionaria o uso das formas seguintes, na referência determinada	<b>Não confirmada.</b> A primeira forma não condiciona as demais – ocorrências isoladas (favorecimento de <i>tu</i> ), paralelismo binário (favorecimento de <i>você</i> ).
<b>Nogueira (2021)</b>	Um mesmo pronome seria usado no primeiro e no segundo turno.	<b>Confirmada.</b> Ensino Fundamental – Favorecimento de <i>tu</i> por outro <i>tu</i> precedente, sem gatilho ou com gatilho diferente. Capitais - Favorecimento de <i>tu</i> nas formas: isolado, ocorrência única após gatilho diferente, primeiro da série sem gatilho, precedido de forma idêntica sem gatilho e precedido de forma diferente sem gatilho.

**Fonte:** elaboração própria

O estudo de Martins (2010) sobre a fala tefeense confirma a hipótese, na rodada binária, sobre o uso de *tu* quando isolado não precedido com 76,8% (PR 0,58) e precedido de *tu* com 89,5% (PR 0,75), e na rodada ternária, *tu* quando precedido de *tu* com 89% (PR 0,74), *você* quando precedido de *você* com 78% (PR 0,69) e *senhor* quando precedido de *senhor* com 77% (PR 0,90). Em Silva (2019), a hipótese não se confirma, a primeira forma usada não condiciona as demais, em ocorrências isoladas há o favorecimento de *tu* (PR 0,55), em paralelismo binário há o favorecimento de *você* (PR 0,66). Nogueira (2021), ao analisar 24 localidades no Norte, confirma a hipótese sobre o mesmo pronome ser usados nos dois turnos. Com isso, há o favorecimento de *tu* quando isolado (PR 0,56), em ocorrência única após gatilho diferente (PR 0,97), quando se trata de primeiro da série sem gatilho (PR 0,61), quando era precedido de forma idêntica sem gatilho (PR 0,59), por fim, quando precedido de forma diferente sem gatilho (PR 0,71).

### **Variáveis linguísticas: tempo verbal**

A última variável desta revisão sistemática é tempo verbal, que é fator de análise em Costa (2013), que analisa seis capitais do Norte, e Nogueira (2021), que investiga 24 localidades no Norte. O quadro 12 apresenta as hipóteses e os resultados gerais sobre essa variável.

**Quadro 12:** Hipóteses e resultados dos estudos acerca da variável tempo verbal

Referência	Hipótese/Questionamento	Resultado
<b>Costa (2013)</b>	<i>Tu</i> é favorecido no tempo presente?	<b>Confirmada.</b> <i>Tu</i> é favorecido em tempo presente.
<b>Nogueira (2021)</b>	O uso de <i>tu</i> teria maior tendência em sentenças com verbos na forma não passado.	<b>Confirmada.</b> Ensino Fundamental – O uso de <i>tu</i> apresenta-se principalmente nos tempos classificados como passado.

**Fonte:** elaboração própria

Costa (2013) confirma sua hipótese, uma vez que ele controla a variável tempo verbal como presente e pretérito. Seu resultado mostra o favorecimento no uso do pronome *tu*, com 47,1% (0,52), quando o verbo está no tempo presente. Em Nogueira (2021), a variável ‘tempo verbal’ é selecionada por sua amostra Ensino Fundamental, e sua expectativa confirma-se, pois o pronome *tu* apresenta-se mais propício em sentenças cujos verbos estão na forma não passado, peso relativo de 0,52.

## CONCLUSÃO

Este é um estudo que se configura como uma revisão sistemática sobre os estudos da variação pronominal de 2PS *tu/você* no português falado na região Norte. O objetivo deste capítulo é apresentar uma síntese desses estudos e um exame crítico de suas variáveis sociais e linguísticas, aqueles fatores que influenciam tal alternância. Para tanto, este trabalho realizou uma busca em portais acadêmicos, identificou e selecionou 8 trabalhos que versam sobre a temática. São eles: Ferreira (2010), Martins (2010), Costa (2013), Martins e Martins (2014), Martins (2017), Costa (2016), Silva (2019) e Nogueira (2021).

A busca por trabalhos com essa temática mostra um número muito baixo, quando se compara o resultado das buscas ao de outras regiões. Uma justificativa para isso é o desenvolvimento recente de políticas de incentivo à pesquisa linguística na região, consequentemente a recente criação dos programas de pós-graduação estrito senso na área de Linguística, a formação de pesquisadores do Norte em universidades de outras regiões, a dificuldade em atrair e fixar pesquisadores na região, dentre outros fatores.

A variação pronominal *tu/você* no português é uma temática já bem conhecida e explorada pela linguística brasileira, contudo a busca sobre trabalhos dessa temática mostra que ela é uma relativa novidade científica na região, afinal ela só aparece nos trabalhos acadêmicos nos últimos 14 anos – o primeiro em 2010, o último em 2024. Isso significa dizer que fenômenos linguísticos já bem documentados em outras regiões

precisam ser mais desenvolvidos na região Norte, cujos dados auxiliarão na ampla caracterização do português brasileiro.

O resultado geral desses estudos em relação aos fatores sociais é que, na região Norte, ocorre alternância *tu/você*, com a preponderância de uso do pronome *tu*, principalmente, por parte dos jovens e mulheres de escolaridade mais baixa em diferentes localidades na região Norte, em meio ao convívio familiar ou em outras relações em que haja maior grau de intimidade. Isso também ocorre com maior frequência quando os informantes estão conscientes quanto ao tipo de registro da entrevista, que inibe o uso de *tu* e favorece o uso de *você*. Nota-se padronização dentre os fatores sociais que mais influenciam a variação pronominal de 2PS *tu/você* na região Norte.

Em relação aos fatores linguísticos, o fator referência favorece o uso de *tu* quando se trata de tipo específico ou direto. No caso do tipo de frase, as exclamativas favorecem o uso de *tu*, e as interrogativas favorecem o uso de *você*. O fator discurso apresenta maior frequência para a forma *cê* em situações de quando há ou não há percepção e não monitoramento/variação, enquanto *você* é mais frequente em situações de percepção - monitoramento/variação/mudança e em situações de discurso direto, e o uso de *tu* é favorecido por discurso reportado por terceiro ou pelo entrevistado. O fator paralelismo apresenta favorecimento para o uso de *tu* na maioria das rodadas. Por fim, tanto o tempo verbal presente, quando passado o uso de *tu* é favorecido.

Por fim, dentre essas variáveis analisadas nesta revisão sistemática, as mais pertinentes são gênero/sexo, faixa etária, escolaridade, localidade/distribuição diatópica, tipo de interlocução/referência tipo de frase e tipo de discurso, as quais serviram como base para o estudo de Sousa (2023) acerca da variação pronominal de 2PS no português roraimense. Além dessas variáveis, a amostra apresenta outras bastante necessária para a amostra coletada, os fatores tempo de residência em Roraima e Profissão.

## REFERÊNCIAS

COSTA, Lairson Barbosa. da. **Variação dos pronomes “tu”/“você” nas capitais do Norte**. 94f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.

COSTA, Raquel Maria da Silva. **A alternância das formas pronominais *tu*, *você* e o(a) senhor(a) na função de sujeito no Português falado em Cametá-PA**. 391f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

FERREIRA, Ediene Pena. O uso dos pronomes tu e você em textos orais da cidade de Santarém. **Revista Margens**, Belém, v. 6, n. 7, p. 279-293, 2010.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução: Marcos Bagno, Maria Paiva Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

MARTINS, Germano Ferreira. **A alternância Tu/Você/Senhor no município de Tefé – Estado do Amazonas**. 113f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

MARTINS, Maria Rilda Alves da Silva. **Análise da alternância dos pronomes tu/você/cê no falar de Porto Nacional (TO) à luz da sociolinguística cognitiva**. 117f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, 2017.

MARTINS, Silvana Andrade; MARTINS, Valteir. Particularidades do uso dos pronomes de segunda pessoa no falar do manauara: um estudo no panorama da variação pronominal do português do Brasil. **InterDISCIPLINARY - Journal of Portuguese Diaspora Studies**, Vol. 3.1, p.177-194 2014.

NOGUEIRA, Francieli Mota da Silva Barbosa. **Tu e você na região Norte a partir dos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil**. 222f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura). Universidade Federal da Bahia, 2021.

SCHERRE, Marta; DIAS, Edilene Patrícia; ANDRADE, Carolina; MARTINS, Germano Ferreira. Variação dos pronomes “tu” e “você”. In: MARTINS, Marco Antônio; ABRAÇADO, Jussara (Orgs.). **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 133-172.

SILVA, Marinete Rodrigues da. **Tu e você na variedade rio-branquense: Um caso de variação ou de escolha funcional?**. 178f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", São José do Rio Preto, 2019.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

## CAPÍTULO 05

### RETRATOS LINGÜÍSTICOS DO PORTUGUÊS FALADO EM RORAIMA

PORTRAIT OF THE PORTUGUESE SPOKEN IN THE STATE OF RORAIMA IN NORTHERN BRAZIL

FOTOGRAFÍAS LINGÜÍSTICAS DEL PORTUGUÉS HABLADO EN RORAIMA

Eliabe Procópio

Fabricio Paiva Mota

Marcus Garcia de Sene

Patrícia Lima Pantoja

#### A DESCRIÇÃO DO PORTUGUÊS DE RORAIMA COMO DEMANDA SOCIAL

A implantação da língua portuguesa no espaço roraimense começa no século XVIII e acompanha o processo de ocupação territorial: à medida que o colonizador português se projetava espacialmente, sua língua também ia sendo instalada nas mais diversas esferas sociais. A posse territorial implica a posse discursiva<sup>10</sup>: não basta a presença física, é preciso o estabelecimento de uma relação identitária que consubstancie, ainda que falsamente, os propósitos dos participantes da situação comunicativa colonial.

O processo de implantação da língua portuguesa no espaço roraimense ainda continua, visto que sua paisagem linguística se caracteriza pelo multilinguismo, o que produz tanto situações de contato quanto conflito linguístico; e pelo multidialetalismo, propiciado pelas migrações internas, em que brasileiros de diversas regiões vêm residir em Roraima, o que gera um contato dialetal prolongado e acomodações linguísticas que vão configurando o falar roraimense.

Apesar de a língua portuguesa em Roraima ter uma presença aproximada de 300 anos, os estudos que se dedicam à descrição do português local ainda são muito poucos, se comparados a outras variedades nacionais. Por esse motivo, a descrição do português de Roraima configura-se como uma demanda necessária à agenda científica regional.

Essa demanda científica é também universal porque a descrição do português de Roraima possibilita conhecer as condições sociolinguísticas para o surgimento de uma nova variedade linguística, afinal Roraima é o estado brasileiro que apesar de ter a menor

---

<sup>10</sup> Um exemplo mais recente é o uso do topônimo Roraima pelo lado brasileiro, onde ele é usado para nomear o estado, o monte e diversos outros espaços. Esse mesmo processo não é comum no lado venezuelano e guianense. Mesmo o Brasil tendo apenas 5% do Monte Roraima, a propaganda dele como uma possessão nacional, é mais frequente no lado brasileiro.

população, tem a maior taxa de crescimento populacional<sup>11</sup>. Essa situação demográfica possibilita hipotetizar que o processo de contato dialetal continua intenso; que o falar roraimense está em processo de configuração, apesar de alguns traços linguísticos apresentarem certa estabilidade; e que o rastreamento das matrizes dialetais do falar local é possível. É como se o pesquisador acompanhasse o nascimento de um novo dialeto.

Este texto inicia com a apresentação do *cópus* histórico mínimo para o português de Roraima, depois descreve os resultados das pesquisas no âmbito lexical, sociolinguístico e discursivo. Nas referências, constam não apenas títulos citados por este texto, mas também obras que servem de base para as pesquisas desenvolvidas pelo projeto de pesquisa 'Retratos Linguísticos de Roraima' (RLR).

### **UM *CÓRPU*S HISTÓRICO PARA O PORTUGUÊS DE RORAIMA (SÉC. XVIII)**

O empreendimento científico de historiar o português de Roraima implica selecionar uma amostragem de textos representativos desse período colonial, circunscrito à segunda metade do século XVIII, o momento efetivo da ocupação portuguesa.

A elaboração desse *cópus* histórico configura-se também como mínimo, principalmente porque o outro desafio para a história desse português é a escassez de fontes primárias, uma vez que pouco se escreveu sobre as inúmeras incursões exploratórias e sanguinolentas, das quais resultaram a dizimação de diversos povos nativos; pouco também se escreveu sobre essa ocupação inicial, afinal esse era um espaço disputado por três grandes impérios, Portugal, Espanha e Reino Unido. Essa escassez documental é o que Farage (1986) chama de silêncio documental.

Um levantamento documental preliminar indica a existência de diversos relatos de viajantes leigos ou especialistas (geógrafos, militares, botânicos etc.) nacionais (brasileiros e portugueses) e estrangeiros que estiveram ou passaram pelo espaço roraimense e registraram em suas narrativas: topônimos indígenas e portugueses, e a competição entre eles; termos das práticas coloniais e indígenas quanto à alimentação, aos hábitos culturais, aos instrumentos de caça, pesca, trabalho e defesa, à flora, à fauna e à geografia; situações do contato linguístico entre o falante de português e os de línguas indígenas ou europeias; dentre outras questões.

---

<sup>11</sup> Conforme dados do IBGE-2021. Ver <<https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2021/08/27/impulsionado-pela-migracao-de-venezuelanos-roraima-tem-maior-crescimento-populacional-do-pais.ghtml>> - último acesso em 02/02/2024



Esse tipo de literatura de viagem oferece informações históricas, geográficas, sociais, censitárias, climatológicas, constituindo-se em verdadeiros inventários lexicais, tanto de língua portuguesa quanto dos indigenismos presentes no português.

Em outras partes do Brasil, acervos documentais abundam e possibilitam um detalhado rastreamento histórico da língua portuguesa e o desenvolvimento de projetos, como: o Córpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão (Carneiro; Lacerda, 2019); a Filologia Bandeirante (Cohen *et al.*, 1997) e próprio Projeto Nacional Para História do Português Brasileiro (resultados publicados na coleção de livros de mesmo nome pela Editora Contexto), ao qual está filiada esta pesquisa.

Ainda esse levantamento documental preliminar sobre o espaço roraimense identifica 7 textos, produzidos majoritariamente no final século XVIII e usados pelo Governo Federal como prova da posse brasileira na disputa do Pirara. Esses documentos são:

1. *Auto de inquirição de testemunhas para justificação da posse e domínio do Rio Branco pela Coroa de Portugal* – é um códice de 1775, escrito pelo coronel da Guarda Nacional Joaquim Tinoco Valente, de nacionalidade portuguesa, e está disponível na Biblioteca Digital Luso-Brasileira<sup>12</sup>;
2. *Relação Geographica Histórica do Rio Branco da América Portuguesa* – é um relato de 1777, escrito pelo ouvidor e intendente Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, que também é autor de 'Diário da viagem que em visita e correição das povoações da capitania de S. José do Rio Negro fez o ouvidor e intendente geral da mesma, no ano de 1774 e 1775'; a versão impressa encontra-se disponível na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (RIHGB), tomo 13, 1850;
3. *Descrição Relativa ao Rio Branco e Seu Território* – é um relato de 1787, escrito pelo português Manuel da Gama Lobo D'Almada, a versão impressa está disponível na RIHGB, no tomo 24, 1861;
4. *Breve diário ou memória do Rio Branco e de outros que nele desaguardam, conseqüente a diligência e mapa que deste rio se fez* – é um relato de 1781, escrito por brasileiro Antônio Pires da Silva Pontes, a versão manuscrita está disponível na Biblioteca Nacional<sup>13</sup>;
5. *Documentos acerca do Rio Branco* – é um códice de 285 folhas, que reúne diversos

---

<sup>12</sup> Disponível em: <https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/27424>

<sup>13</sup> Disponível em: [http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_manuscritos/mss1456754/mss1456754.pdf](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1456754/mss1456754.pdf)

documentos sobre viagens ao Rio Branco e à Capitania do Rio Negro, escritos entre os anos de 1781-1843; a versão manuscrita está disponível na Biblioteca Nacional<sup>14</sup>;

6. *Diário da viagem que fez à colônia holandesa de Suriname* – é um relato de 1799, escrito pelo português Francisco José Rodrigues Barata, a versão manuscrita está disponível na Biblioteca Nacional<sup>15</sup> e a impressa na RIHGB, no tomo 1º, 1846; e
7. *Diário do Rio Branco* – é um relato escrito pelo brasileiro Alexandre Rodrigues Ferreira, provavelmente no ano de 1786; o caderno tem 17 folhas manuscritas e está disponível na Biblioteca Nacional<sup>16</sup>.

Esses documentos formam a juntada de provas apresentados pelo governo brasileiro ao rei Vitor Emanuel III da Itália, árbitro da Questão do Pirara, disputa territorial iniciada no século XIX por Portugal e Inglaterra. Ou seja, são textos representativos à história diplomática e territorial brasileira, em especial roraimense.

No Museu Amazônico<sup>17</sup>, vinculado à Universidade Federal do Amazonas (UFAM), encontra-se o material coletado pelo projeto Resgate<sup>18</sup> - parceria entre instituições brasileiras e portuguesas para identificar, escanear e disponibilizar documentos sobre o Brasil colonial conservados em arquivos lusitanas.

Adiante consta um dos exemplos fotografados pelo projeto durante visita técnica ao Museu. A imagem está na página 30 e 31 do livro AHU E018, é uma carta escrita por João Pereira Caldas, em 25 de abril de 1781, ao Ministro Martinho de Mello e Castro, na qual fala das expedições de Lobo d'Almada nos rios Surumú e Rupununi. Diz assim a transcrição da primeira parte da missiva: *Ill<ustríssimo> e Ex<celentíssimo> Senhor // Passando Manoel da / Gama ao exame do Rio Rupununi conforme deixo / dito na presente Carta; e explorando ao mesmo / tempo o outro Rio chamado Xurumú: Foi na da / ta de 16 de julho, que pela Conta da Cópia N. 1 me / referio todo o resultado daquele Reconhecimento; e / devendo assim ser semelhantemente presente a V<ossa> / Ex<celência> tenho só aqui de reflectir que exprimindo Ma / noel da Gama ao fim do segundo parágrafo da so / bredita*

---

<sup>14</sup> Disponível em: <https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/273825>

<sup>15</sup> Disponível em: <http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.html>

<sup>16</sup> Disponível em: [http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_manuscritos/mss1456774/mss1456774.pdf](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1456774/mss1456774.pdf)

<sup>17</sup> <https://www.museuamazonico.ufam.edu.br/>

Na oportunidade, contamos com a preciosa e especializada atenção de Andressa Hiromi Yamamoto (arquivista) e Miqueias Melo do Nascimento (secretário), a quem agradecemos profundamente.

<sup>18</sup> <http://bndigital.bn.gov.br/dossies/projetoresgate/coluso/>

*conta como pertencente o Rio Rupununi a / os Dominios Holandezes se deve isto entender na / sua parte inferior e não na superior; ao menos athe / o ponto que, por arbítrio de Divisão propõe a V<ossa> / Ex<celência> na minha Carta de 21 de Julho de 1781, quan / do participei a consulta da primeira exploração / que dalli fiz executar, e que igoalmente propõe / o modo de vigiar se, e precaverse a introdução de / taes confinantes vizinhos. // Segue debaixo do N. 2 a copia da minha / resposta em data de 28 do referido Mez de Julho; / e seguem debaixo dos números 3<sup>o</sup> e 4<sup>o</sup>, as copias [...].*



Durante o período colonial, o que hoje é Roraima esteve sob administração amazonense (Capitania do Rio Negro). Por esse motivo, a documentação sobre os dois estados está na mesma coleção arquivística.

Neste mesmo Museu, encontra-se parte do arquivo da ‘Firma J.G. Araújo’, empresa do português Joaquim Gonçalves de Araújo, que se dedicava à comercialização de produtos amazônicos, como borracha, castanha e minerais; mas também abastecia o comércio regional com ferramentas, tecidos e diversos outros utensílios. A Firma também atuava na armazenagem e transporte de valores (banco informal), e na remessa de missivas, objetos e documentos (empresa de comunicação).

Para os estudos linguísticos e históricos, o arquivo da J.G. Araújo representa uma grande amostragem do português usado na região Norte<sup>20</sup>, em especial Roraima, no final do século XIX e começo do XX. O problema é que esse arquivo ainda não foi catalogado plenamente, então pouco se conhece de sua riqueza documental.


Adiante está um exemplo de missiva (pasta 307, n. 01), escrita em 10 de julho de 1886 e fotografado por um dos membros do Projeto RLR em 08 de setembro de 2021. Nela um encarregado da filial de Boa Vista (José Francisco Coelho) comunica à matriz de Manaus o recebimento de produtos, e reclama da qualidade de alguns deles: *Acabo de receber as mercadorias | de meu pedido, deixando de conferi-las, q. falta de factura conforme já lhes avisei. || Apresso-me a commonicar lhes, q<ue> | diversos objectos me chegarão avariados, como | sejão: pólvora, chita, chá, farinha e café. || O vinho branco é de maiz pessimo q<ue> | pode haver, po<is> terá uma parte de vinho e | tres de cachaça, p<o>r isso pesso lhez q<ue> se não | ouver da m<arca> B & F verdadeira, mandam-me | 1 caixa de vinho do forte, WP ou cousa igual | pois é p<ara> gasto de m<inha> família. || Sem outro assumpto. aguardo suas | ordens foturas p<ara> ser com m<uita> estima. || fecho e assinatura || os objectos, q<ue> acima citei avariados | são molhados, e q<ue> erão | a bordo da lancha; visto q<ue> | nos batelloes, nu afiancarão | q<ue> vinhão bem acondicionados | rubrica.*

---

<sup>20</sup> Esse arquivo tem sido objeto de coleta e pesquisas de mestrado no Programa de Pós-graduação em Letras, da Universidade Federal do Amazonas, sob a supervisão da profa. Dra. Grace dos Anjos Freire Bandeira.



Figura 02: Carta de José Francisco Coelho (1886, MA-UFAM, pasta 307, n. 01)


 Boa Vista, de julho de 1886,  
 Sum. Araújo Rojas, & Irmão  
 Irmão e Irmã  
 Acabo de receber as mercadorias  
 de meu pedido, dizendo de conferir-las, e fal-  
 ta de factura conforme já lhes avisei.  
 Apresso-me a commoencar-lhes  
 diversos objectos me chegarão variados, como  
 sejam: polvora, Chita, Chá, farinha e café.  
 O vinho branco é de mais pessimo q.  
 pode haver, e terá uma parte de vinho e  
 tres de cachaca, e isso por-lhes q.  
 se não  
 souber da m. B. & F. verdadeira, mandem-me  
 a Caixa de vinho do porto, ou a  
 minha e q.  
 parte de m. a familia.  
 Sem outros apuntes, aguardo suas  
 ordens, facturas, e. Res. Com mto. estima  
 J. F. C.  
 Os objectos, q.  
 acima cito am-  
 riadas, e molhadas, e q.  
 a bordo da lancho, visto q.  
 nos batellos, me afiancarão  
 q.  
 vinho bem acanhecado  
 J. F. C.

## ESTUDOS DO LÉXICO

### Neologismos no português de Roraima

Esta pesquisa<sup>21</sup> foi desenvolvida em parceria com o aluno Everton Oliveira Silva, em que analisamos parte das palavras que compõem o *cópus do Dicionário do Português de Roraima – Dicionário de Roraima*.

A conclusão é que no falar local, existem palavras típicas<sup>22</sup>, aquelas que também são usadas por outros estados da região Norte; e palavras próprias ao falar local, aquelas que derivam da realidade local. A maior parte dos neologismos são as palavras típicas, o que atesta a existência de um *continuum* dialetal amazônico, afinal a proximidade geográfica também pode indicar uma proximidade linguística (Britain, 2018).

No aspecto composicional, o padrão neológico é o formal em que o usuário da língua cria unidades lexicais com base em modelos prévios, para tanto ele aciona o princípio da analogia.

No âmbito dos empréstimos, os espanholismos e os indigenismos se destacam por representar o resultado de um contato linguístico entre povos. O número desses empréstimos é bem reduzido (arepa, damurida/damorida, ochenta, parixara/parichara, pepito e veneco/a), apesar de Roraima se caracterizar pela diversidade linguística. Os espanholismos são fomentados pela massiva migração venezuelana, intensificada a partir de 2015. Os indigenismos advêm das línguas nativas e são bem poucos e pontuais. Obviamente, o estudo dos neologismos não contabiliza os indigenismos oriundos do tupi, já que o ingresso deles no português brasileiro ocorreu em séculos anteriores, o que descaracteriza uma novidade léxica.

A reduzida presença dos indigenismos locais se deve também pelo processo de implantação da língua nacional, que desconsiderou as culturais locais. O processo de empréstimo pressupõe não apenas o trânsito de lexemas entre sistemas gramaticais, mas principalmente a troca de culturas entre dois povos, o colonizador e o colonizado.

Nesse mesmo viés, encontra-se a nulidade de anglicismos, mesmo Roraima fazendo fronteira com um país anglófono, a República Cooperativa da Guiana. Neste caso, o processo de silenciamento justifica-se pelo fato de o país vizinho usar outras línguas, em especial o crioulo guianense, em paralelo ao inglês.

---

<sup>21</sup> A primeira coleta de dados ocorreu dentro do Programa de Iniciação Científica (UFRR), no ciclo 2019-2020. Parte dessa coleta foi analisada para seu trabalho de conclusão de curso.

<sup>22</sup> Usamos provisoriamente essa nomenclatura. As palavras típicas são aquelas representativas do português falado em Roraima e compartilhadas também por outros falares do Norte.

A pesquisa constata ainda que os tupinismos do falar local já se encontram registrados nos dicionários gerais de língua portuguesa<sup>23</sup>, os quais apresentam algumas incoerências no registro de datação, rubrica e localização de palavras ligadas ao contexto roraimense, a exemplo do verbete ‘lavrado’, vegetação típica da geografia local, atribuída à paisagem rondoniense.

### **Cruzamentos vocabulares**

Esta pesquisa foi desenvolvida em parceria com a aluna Patrícia Lima Pantoja, que em seu trabalho de conclusão de curso analisou parte dos cruzamentos vocabulares (CV) com a palavra ‘Roraima’, com foco nos aspectos morfofonológicos, gráficos e discursivos.

O corpúsculo da pesquisa consta de 57 palavras e aponta que ‘Roraima’ é uma base lexical produtiva para a formação de novos topônimos comerciais em Boa Vista-RR, funcionando como uma marca identitária social e linguística do falar roraimense sobretudo na esfera comercial (foram identificadas 6 exceções que não fazem parte dessa esfera). A maior parte dos cruzamentos é com a base lexical ‘Rorai-’ (36 CVs), em seguida com a base ‘-raima’/‘-aima’ (16 CVs) e por último com a sigla ‘RR’ (5 CVs), o que indica que a formação de novas palavras com a parte inicial do topônimo é mais icônica para a identificação e compreensão do neologismo.

Os CVs demonstram a capacidade criativa do usuário da língua, e embora a criatividade esteja no campo da imprevisibilidade (Basílio, 2010), os cruzamentos com ‘Roraima’ apontam para a previsibilidade no seu processo de formação, visto que os falantes aplicam as mesmas regras morfofonológicas na criação dos neologismos comerciais.

O cruzamento com o vocábulo ‘Roraima’ forma em sua maioria, o padrão silábico de quadrissílabos, duas sílabas do topônimo (‘Rorai-’ | ‘-raima’ | ‘-aima’) e duas do outro vocábulo. Outro padrão menos recorrente são os trissílabos, que totalizam 5 casos encontrados (Roraicar, Roraicon, Roraiclean, Roraicul e Telaima). Além disso, 2 topônimos são polissílabos (Roraipromotora e roraizuelanos).

No aspecto gráfico, a pesquisa identificou 4 casos chamados de cruzamentos por soma e inserção de sigla (RR) no meio do CV (feRRart, feRRaço, DiveRRsidade e pRRime). Nessas ocorrências, a sigla do estado de Roraima funciona como um tipo de infixos gráfico

---

<sup>23</sup> Aurélio, Houaiss e Aulete.



no meio das duas outras bases lexicais, assim o princípio da iconicidade é acionado e possibilita relacionar a grafia ao sentido que lhe é atribuído pelos comerciantes locais.

No campo discursivo, o CV demonstra que o falante utiliza esse recurso como meio de expressar e reafirmar sua marca identitária social. A esfera comercial apresenta-se como um ambiente fértil para essa expressão identitária local, com isso são acionados elementos icônicos à cultura roraimense e que possuem uma significação no seu meio social para a criação de neologismos regionalistas que determinam que o estabelecimento comercial pertence a Roraima.

## **ESTUDOS SOCIOLINGÜÍSTICOS**

### **A variação dos pronomes tu/você no português de Roraima (mestrado)<sup>24</sup>**

A pesquisa está sendo desenvolvida por Laeny Amaral de Sousa, no Programa de Pós-graduação em Letras da UFRR, e objetiva descrever os padrões de uso desses pronomes no falar local. Para tanto, a mestranda parte do mapa variacional sobre pronomes no português brasileiro apresentado por Scherre *et al.* (2015), em que discutem dados das principais capitais e cidades brasileiras, e mostram que essa fotografia sociolinguística ainda não foi realizada em Boa Vista-RR. O córpus desta pesquisa está composto por enunciados retirados de entrevistas de um canal de podcast local, disponível no Youtube. Com isso, a pesquisadora pode caracterizar socialmente os entrevistados, com base nos critérios de gênero/sexo, faixa etária, grau de escolaridade, tempo de residência, dentre outros.

### **O espanhol na paisagem linguística de Boa Vista/RR (mestrado)**

A pesquisa ‘O espanhol na paisagem linguística de Boa Vista/RR’ está sendo desenvolvida por Carlos Gutemberg Silva Mendes, também no PPGL-UFRR, e objetiva caracterizar a presença do espanhol na capital roraimense. Para tanto, ele adota o conceito de paisagem linguística, “visibilidade e saliência de línguas em sinais públicos e comerciais em determinado território ou região” (Landry, Bourhis, 1997, p. 23); e os pressupostos da linguística de migração (Zimmermann, García, 2007), segundo a qual determinados processos discursivos e gramaticais de contato linguístico derivam de situação migratória, não do contato de gramáticas em si. O córpus desta pesquisa está

---

<sup>24</sup> Atualmente, outras três alunas estão desenhando seus projetos de mestrado, duas no PPGL-UFRR e outra no PPGL-UFSCar.

composto por placas diversas que estão espalhadas pela cidade e indicam contextos sociais igualmente diversos.

### **Catálogo dialetal para São Luiz do Anauá-RR**

Esta pesquisa foi desenvolvida por Lana Camila Santos Gonçalves<sup>25</sup> e tem por objetivo caracterizar o falar da cidade de São Luiz do Anauá-RR. Para tanto, a autora usa como referencial a Teoria do Contato Dialectal (Trudgill, 1984) e Acomodação Dialectal (Giles, 1982), e analisa cinco vídeos do projeto ‘Crônicas do Anauá’, criado por um morador local que grava, de forma independente, a história de vida dos antigos moradores.

No geral, a análise demonstra que a maioria dos moradores advém da região Nordeste, especialmente Piauí, Maranhão e Ceará, e de outras regiões como o Sul – os primeiros tendem a conservar marcas sonoras e lexicais de seus dialetos, e os segundos tendem à conservação de marcas sonoras.

### **ESTUDOS DE GÊNEROS DISCURSIVOS**

#### **O gênero anúncio como meio de inserção social do migrante venezuelano<sup>26</sup>**

Esta pesquisa foi desenvolvida em parceria com Maria Pastora Michiles Bastardo de Araújo, teve por objetivo caracterizar o gênero anúncio produzido por imigrantes venezuelanos em Boa Vista/RR e adota pressupostos dos estudos sociorretóricos do gênero, segundo os quais o gênero é uma forma de ação social (Miller, 2012), podendo ser descrito por sua função social, organização textual e estilo gramatical (Marcuschi, 2008). O corpus desta pesquisa está composto por 30 anúncios produzidos por imigrantes venezuelanos em Boa Vista/RR, coletados de 2020 a 2021, no meio virtual, especificamente na OLX e no Facebook.

O gênero anúncio cumpre a função de inserir social e economicamente os imigrantes venezuelanos na sociedade roraimense, implicando uma forma de ação social em que o anúncio desempenha o papel de peça discursiva, acionada para mediar as relações entre as demandas sociais e os propósitos do imigrante. A organização textual desses anúncios apresenta a seguinte configuração: título, imagem e o texto. O

---

<sup>25</sup> É licenciada em Letras pela UFRR, atualmente cursa mestrado em linguística na UFSCar, com projeto de pesquisa sobre o português de Roraima.

<sup>26</sup> Esta pesquisa teve dois momentos de coletas (2018 e 2020-2021), apenas os dados da 2ª coleta compuseram o trabalho de conclusão de curso da aluna. A totalidade dos dados será publicada brevemente.

levantamento do conteúdo temático indica que os imigrantes prestam vários tipos de serviços, todos esses conteúdos guardam estreita relação com a função social que o gênero exerce, já que a prestação desses serviços ou venda de produtos são de serviços do mercado informal de trabalho. O estilo desse gênero caracteriza-se pelos processos de transferência e mixagem linguística, manifestando que são textos que resultam de uma situação de contato linguístico.

## **ESTUDOS DE PERCEPÇÃO**

Para a construção de uma fotografia sociolinguística de uma dada comunidade de fala, como a que se propõe o projeto em questão, é preciso compreender a língua em uso e isso envolve, fundamentalmente, o entendimento do falar, do ouvir, do codificar e do recodificar, do expressar e do interpretar. Em relação a se expressar, é importante lembrar que, na pesquisa sociolinguística, não se capta apenas as correlações entre os fatores linguísticos e sociais, mas também o posicionamento dos falantes dentro do mundo social e, ainda, como eles constroem e reconstróem o mundo (Campbell-Kibler, 2009; Eckert, 2012). Esse posicionamento é um processo complexo que tem, em suas faces, a percepção, a avaliação e as atitudes linguísticas. Sendo assim, dentro da agenda de trabalho do projeto Retratos Sociolinguístico de Roraima, inclui-se a preocupação tanto com os aspectos da produção (o falar, o (re)codificar, o expressar), como da percepção (o ouvir, o interpretar).

A importância de acessar à dimensão perceptual envolve o fato de que quase sempre os falantes são capazes de, quando diante de formas linguísticas, percebê-las e realizar avaliações subjetivas. Esse tipo de julgamento ocorre com o falar do outro, mas também com o próprio falar. A diferença de fazer julgamento social sobre o próprio modo de falar é que este tipo de julgamento frequentemente associa-se a valores positivos e significados sociais definidores de sua variedade. Nesse sentido, aliado a compreensão macrossocial dos padrões de variação, que aponta a regulação da variação a partir de fatores tanto internos quanto externos, na caracterização de uma variedade é igualmente importante reconhecer a dinâmica local, ou seja, quais os valores e significados sociais são utilizados para a caracterização do modo de falar roraimense. Por ser uma região de forte contato linguístico e de contato dialetal, interessa-nos depreender como os roraimenses acham que falam, quais são as crenças e ideologias que mobilizam o seu reconhecimento enquanto falante da região. Além disso, busca-se, a partir de estudos de percepção, quais

são os significados sociais utilizados, pelos próprios roraimenses, para a caracterização do seu modo de falar. Para atender a este objetivo, o projeto elaborou o primeiro questionário de crenças e atitudes linguísticas com vistas a compreender, então, as reações subjetivas gerais dos roraimenses.

A primeira parte do instrumento de pesquisa conta com perguntas de crenças linguísticas. A expectativa é descrever as crenças perpassantes ao imaginário dos falantes da região e, sobretudo, as pistas linguísticas reveladoras e salientes na opinião dos próprios inqueridos. Para isso, pergunta-se como fala um roraimense típico, quais pistas linguísticas são, na opinião dos respondentes, típicas do português de Roraima e, por fim, com quais estados do Brasil a fala roraimense se parece.

**Figura 03:** Crenças linguísticas (Parte I)

O formulário, intitulado 'Pesquisa', contém três perguntas e campos de resposta:

- 1. Pergunta: "Para você, como fala um roraimense típico?". Resposta: "Sua resposta" (campo de texto).
- 2. Pergunta: "Cite alguns elementos linguísticos (palavras, frases, sons etc.) que você considera como típicas do português de Roraima". Resposta: "Sua resposta" (campo de texto).
- 3. Pergunta: "Para você, com qual (ou quais) estado do Brasil o falar de Roraima se parece?". Resposta: "Sua resposta" (campo de texto).

**Fonte:** elaborado pelos autores

Na segunda parte, o objetivo é extrair as reações subjetivas e atitudes linguísticas dos respondentes por meio de um questionário composto por escalas de diferenciais semânticos (Osgood, 1993). Os pares de adjetivos que compõem essas escalas são: conhecido/desconhecido, importante/sem importância, expressivo/inexpressivo, simples/complicado, claro/confuso, chiado/não chiado, cantando/não cantado, agradável/desagradável, bonito/feio e rápido/lento. Note que esses adjetivos compõem eixos de diferenciação social (Gal, 2016, 2019) que são contrastantes e complementares “e que se definem, então, uma em relação à outra em um imaginário sócio-histórico ocidental” (Sene, 2022). Em outras palavras, esses eixos são ao mesmo tempo contrastantes e complementares, já que nem sempre algo que não é simples, é

complicado, nem o inverso é verdadeiro. Porém, em termos sócio-históricos, esses eixos são equacionados um em relação ao outro, definindo-se ideologicamente como o que o outro não é. Logo, se algo é não simples, portanto, é complicado.

**Figura 04:** Reações subjetivas e atitudes linguísticas (parte II)

Você acha que o falar roraimense é

	1	2	3	4	5	6	
Conhecido	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Desconhecido

---

	1	2	3	4	5	6	
Importante	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sem importância

---

	1	2	3	4	5	6	
Expressivo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Inexpressivo

---

	1	2	3	4	5	6	
Simple	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Elaborado

---

	1	2	3	4	5	6	
Claro	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Confuso

**Fonte:** os autores

Na terceira parte, ainda pensando nas atitudes dos respondentes, questões sobre a associação geográfica dos roraimenses foi elaborada. A expectativa é verificar, por exemplo, com quais regiões o falar roraimense será associado. Esse tipo de questionamento se justifica devido ao fato de que Roraima, além de ser uma região de ocupação recente, destaca-se na sua constituição diversificada, já que é grande o número de migrantes de outros estados é demasiado.

**Figura 05:** Reações subjetivas e atitudes linguísticas (parte III)

O falar roraimense se parece com o falar da região Norte (AC, AP, AM, PA, RO, RR e TO)

1 2 3 4 5 6

Concordo       Discordo

---

O falar roraimense se parece com o falar da região Nordeste (AL, BA, CE, MA, PB, PE, RN e SE)

1 2 3 4 5 6

Concordo       Discordo

---

O falar roraimense se parece com o falar da região Sul (PR, RS e SC)

1 2 3 4 5 6

Concordo       Discordo

---

O falar roraimense se parece com o falar da região Sudeste (ES, MG, RJ e SP)

1 2 3 4 5 6

Concordo       Discordo

**Fonte:** os autores

A última parte do questionário solicita dados balizadores que caracterizem socialmente os respondentes do questionário, a saber: tempo de residência em Roraima, autoidentificação como roraimense, origem dos pais e tempo de residência deles em Roraima, idade, gênero, estado civil, origem do cônjuge, escolaridade, profissão e origem. Esses dados serão cotejados as respostas apresentadas pelos próprios participantes.

Aliado a esse questionário, também se coleta, no âmbito do projeto, evidências sociais (Garret; Coupland; Williams, 2003) nas redes sociais que fornecem pistas linguísticas que são caracterizados do modo de falar da região. Nessas pistas são cotejadas as avaliações, atitudes e crenças linguísticas apontadas pelos respondentes no questionário linguístico. O objetivo desse tipo de investigação é complementar o retrato sociolinguístico da região com base no que os usuários da rede apontam sobre seu modo de falar. Embora essas evidências sociais (Garret; Coupland; Williams, 2003) nem sempre representam de forma acertada como é o modo de falar da região, elas criam

conhecimentos gerais que permeiam o imaginário social dos falantes da região e, com isso, atuam como fatores relevantes na complexa investigação do sistema sócio semiótico da variação linguística e da significação social.

## **DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E ATIVIDADES FORMATIVAS**

Desde sua criação, o projeto RLR vem desenvolvendo ações de divulgação para mostrar seus resultados à sociedade roraimense e acolher novos pesquisadores, que participam de atividades formativas, como palestras e minicursos.

A divulgação científica tem ocorrido na mídia local (TV, rádio e jornais), em que se veiculam dados sobre os aspectos fonéticos e lexicais do falar roraimense, em especial o *DICIORAIMA Dicionário de Palavras e Expressões do Português de Roraima*<sup>27</sup>; e em eventos acadêmicos locais e nacionais (Semana de Letras, Jornada Nacional de Língua Portuguesa etc.), e escolares (Colégio de Aplicação da UFRR).

Sobre atividades formativas, a equipe do projeto criou o curso 'Português de Roraima: História, Contato, Variação e Percepção', com 10h de duração, cujo objetivo é apresentar um panorama dos estudos sobre o português de Roraima, mais especificamente suas bases conceituais, coleta de dados, instrumentos de pesquisa e resultados parciais.

Com isso, o propósito é apresentar também uma agenda compartilhada de pesquisa. Na perspectiva histórica, o estudo dessa variedade do português fundamenta-se na Filologia e na Sociolinguística, através do resgate documental do período colonial, que implica levantamento, catalogação e edição das fontes primárias, elaboração de córpus histórico, estudo lexical e descrição do contato linguístico entre o português transplantado e as línguas indígenas (movimentação, desaparecimento e aculturação) e as línguas europeias (em especial o espanhol, o inglês e o holandês), cuja transplantação em solo sul-americano envolve a competição não apenas bélica, mas principalmente linguística entre si e com as línguas nativas.

Na perspectiva contemporânea, o estudo volta-se para o estudo do contato dialetal entre as variedades do português presentes no falar roraimense, incluindo-se o isolamento dialetal em determinadas regiões do estado; a descrição dos padrões gramaticais dessa variedade regional; a descrição do léxico geral e especializado, como o

---

<sup>27</sup> Como exemplo: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2019/06/10/pesquisadores-da-ufrr-produzem-dicionario-com-palavras-e-expressoes-tipicas-do-roraimense.ghtml> - último acesso em 02/02/2024.

léxico do garimpeiro, do ribeirinho, do produtor de paçoca, da produção da goma, da farinha e outras culturas rurais; o contato com as línguas indígenas na região rural e urbana; o contato com o espanhol, principalmente devido à recente imigração venezuelana; o estudo da avaliação subjetiva e da percepção sociolinguística; e a elaboração de córpus do português falado e escrito em Roraima.

Os conceitos fundamentais deste minicurso são: contato linguístico (Mello *et al.*, 2011), contato dialetal (Trudgill, 1998; Britain, 2018), percepção, avaliação e atitude (Lambert *et. al.* 1960; Campbell-Kibler, 2006; Garrett; Coupland; Williams, 2003; Sene, 2019; 2022), dentre outros. O conteúdo programático do curso é este adiante:

**Quadro 01:** programa de curso

- |  |
|--|
| <ol style="list-style-type: none"> <li>1. História da língua portuguesa em Roraima             <ol style="list-style-type: none"> <li>1.1 Periodização: setecentista, oitocentista e novecentista</li> <li>1.2 Fontes documentais</li> <li>1.3 Constituição de córpus histórico</li> </ol> </li> <li>2. Contato linguístico e dialetal             <ol style="list-style-type: none"> <li>2.1 Contato entre o português e as línguas indígenas</li> <li>2.2 Contato entre o português e as línguas europeias</li> <li>2.3 Contato entre as variedades do português</li> </ol> </li> <li>3. Caracterização do português falado em Roraima             <ol style="list-style-type: none"> <li>3.1 Nível fonético-fonológico</li> <li>3.2 Nível morfossintático</li> <li>3.3 Nível lexical                 <ol style="list-style-type: none"> <li>3.3.1 Nível terminológico</li> </ol> </li> </ol> </li> <li>4. Percepção e avaliação do português de Roraima             <ol style="list-style-type: none"> <li>4.1 Definindo conceitos</li> <li>4.2 Metodologia dos testes</li> <li>4.3 Caminhos para investigação</li> </ol> </li> <li>5. Constituição de córpus escrito e falado</li> </ol> |
|--|

## REFERÊNCIAS

BERBER SARDINHA, Tony. Tamanho de corpus. **The Specialist**, São Paulo, v. 23, n.2, p. 103-122, 2002.

BRITAIN, David. Dialect Contact and New Dialect Formation. *In*: BOBERG, Charles *et al.* **The Handbook of Dialectology**. Hoboken, NJ: John Wiley & Sons, 2018.

CAMPBELL-KIBLER, Kathryn. **Listener perceptions of sociolinguistic variables: the case of (ING)**. Doctoral thesis. Stanford University, 2006.

CARNEIRO, Zenaide De Oliveira Novais; LACERDA, Mariana Fagundes de Oliveira. Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão: Etapa 1 (1750-2000). **Revista Binacional Brasil-Argentina**, Vitória da Conquista, v. 8, p. 205-221, 2019.



COHEN, Maria Antonieta Amarante de M. *et al.* Filologia Bandeirante. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, vol. 1, p. 79-94, 1997.

CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

FARAGE, Nádia. **As muralhas dos sertões**: os povos indígenas no rio Branco e a colonização. 1986. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Campinas-SP, Universidade Estadual de Campinas, 1986.

GAL, Susan. Sociolinguistic differentiation. In: COUPLAND, Nikolas (Ed.). **Sociolinguistics**: theoretical debates. Cambridge: Cambridge University Press, 2016. p.113-135.

GAL, Susan; IRVINE, Judith T. **Signs of difference**: language and ideology in social life. Cambridge: Cambridge University Press. 2019.

GARRETT, Peter; COUPLAND, Nikolas; WILLIAMS, Angie. **Investigating Language Attitudes**. Cambridge: University of Wales Press, 2003.

GONCALVES, Lana Camila Santos. Proposta de um catálogo dialetal de São Luiz do Anauá-RR. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 81 supl., p. 2126 - 2144, 2021.

LAMBERT, Wallace *et al.* Evaluational reactions to spoken languages. **Journal of Abnormal and Social Psychology**, Ontario, v. 60, n. 1, p. 44-51, 1960.

LANDRY, Rodrigue; BOURHIS, Richard. Linguistic Landscape and Ethnolinguistic Vitality: An Empirical Study. **Journal of Language and Social Psychology**. vol. 16 no. 1. p. 23-49, 1997.

MARCUSCHI, Luiz. **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo; RASO Tommaso (Orgs.). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

MILLER, Carolyn. **Gênero textual, agência e tecnologia**. São Paulo: Parábola, 2012.

OSGOOD, Charles Egerton. On understanding and creating sentences. **American Psychologist**, n. 18, v. 12, p. 735-751, 1963.

PROCÓPIO, Eliabe. Contato linguístico na configuração do português de Roraima (Séc. XVIII). In: ROCHA, Celeste Maria da; SANCHES, Romário Duarte. (Org.). **Linguística na Amazônia**: descrição, diversidade e ensino. Rio Branco: NEPAN, 2022, v. 2, p. 11-22.

PROCÓPIO, Eliabe. Dicionário de palavras e expressões do português de Roraima. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 81 supl., p. 960-968, 2021.

PROCÓPIO, Eliabe; RODRIGUES, Jamile Costa. Edição e estudo de textos para a história do português de Roraima: Breve Diário do Rio Branco (1781). *In*: BARREIROS, Liliane Lemos Santana; BARREIROS, Patrício Nunes; MARENGO, Sandro Marcio Drumond Alves. (Org.). **Pesquisa filológica e linguística baseada em corpus manuscrito e impresso**. Campinas-SP: Pontes, 2023. p. 275-299.

PROCÓPIO, Eliabe; SILVA, Ayane Camila Araújo. Oitcenta - empréstimo e variação lexical no português de Roraima. **Revista Falange Miúda**, Garanhuns, v. 6, p. 17-28, 2021.

PROCÓPIO, Eliabe; SILVA, Everton Oliveira. Neologismos no Português de Roraima. **Revista Muiraquitã**, Rio Branco, . 10, p. 246-267, 2022.

PROCÓPIO, Eliabe; SILVA, Patrícia Lima. Cruzamentos vocabulares com o topônimo 'Roraima'. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, vol. 21, p. 9-23, 2023.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; DIAS, Edilene Patrícia; ANDRADE, Carolina Queiroz; MARTINS, Germano Ferreira. Variação dos pronomes 'tu' e 'você'. *In*: MARTINS, Marco Antônio; ABRAÇADO, Jussara (Orgs.). **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 133-172.

SENE, Marcus Garcia. **A percepção sociolinguística de gênero e sexualidade**: efeitos da duração de /s/ e do pitch médio. (Tese de Doutorado). 263f. Universidade Estadual Paulista 'Júlio de Mesquita Filho', Araraquara. 2022.

SENE, Marcus Garcia. Percepções sociolinguísticas, avaliações subjetivas e atitudes linguísticas: três domínios complementares. **Todas as Letras: Revista de Língua e Literatura**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 304–323, 2019.

TRUDGILL, Peter. **Dialects in Contact**. Oxford: Blackwell, 1986.

WOLFRAM. Dialect in Society. *In*: COULMAS, Florian (Org.). **The Handbook of Sociolinguistics**. Hoboken/Nova Jersey: Blackwell Publishing, 1998. p. 107-126.

ZIMMERMANN, Klaus; GARCÍA, Laura Morgenthaler. Introducción: ¿Lingüística y migración o lingüística de la migración?: De la construcción de un objeto científico hacia una nueva disciplina. **Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana**, Vol. 5, n. 2, p. 7-19, 2007.

## CAPÍTULO 06

# INTERCULTURALIDADE E FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ADICIONAL EM RORAIMA

INTERCULTURALITY AND TRAINING OF TEACHERS OF PORTUGUESE AS AN ADDITIONAL LANGUAGE IN RORAIMA

INTERCULTURALIDAD Y FORMACIÓN DE PROFESORES DE PORTUGUÉS COMO LENGUA ADICIONAL EN RORAIMA

Bruna Chacon Kihara  
Cora Elena Gonzalo Zambrano

### INTRODUÇÃO

O estado de Roraima apresenta uma diversidade linguística significativa, em que é possível identificar o contato com línguas indígenas, línguas de sinais, português, inglês, espanhol e francês. Roraima está localizada no noroeste da região norte do Brasil, faz fronteira com a Venezuela, com a Guiana e com dois estados brasileiros, Amazonas e Pará, o que favorece a forte característica de um lugar plurilinguístico, uma vez que existe uma estreita relação entre línguas e culturas variadas.

Com o fluxo migratório transnacional evidenciado, na última década, pela crise econômica na Venezuela, as relações de contato entre o espanhol e o português se estreitaram, propiciando transformações no âmbito social, cultural e, sobretudo, linguístico. Destacamos o número de crianças e adolescentes venezuelanos matriculados nas escolas públicas do estado, que, de acordo com o Censo Escolar (Roraima, 2022), 10,4% dos estudantes da Rede Estadual de Educação de Roraima eram migrantes cursando Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

Com base nesse cenário, este texto objetiva discorrer sobre a formação dos professores de língua portuguesa no estado de Roraima, tendo como base as pesquisas realizadas por Chacon-Kihara (2021), que versa sobre a formação do professor de português para atuar no contexto multilíngue das escolas roraimenses; e Zambrano, Silva e Lima (2021), que versa sobre a importância da revisão e da atualização das grades curriculares dos cursos de licenciatura em Letras das Instituições de Ensino Superior (IES), cuja finalidade deve ser oferecer uma educação linguística mais ampla.

Na mesma perspectiva, este texto problematiza a necessidade da inclusão de disciplinas mais específicas ao ensino-aprendizagem do Português como Língua Adicional (PLA) e à educação linguística intercultural, sem deixar de lado o ensino do Português

como Língua Materna (PLM). Para isso, no primeiro momento, este texto discute o conceito de interculturalidade e sua relevância como componente curricular nas grades dos cursos de licenciatura em Letras-Português do estado de Roraima, pensando em suas contribuições às particularidades da formação de professores que vivenciam a grande diversidade linguística nas escolas onde atuam.

Na sequência, este texto propõe dialogar sobre as matrizes curriculares dos cursos de Licenciatura em Letras da Universidade Federal de Roraima (UFRR), da Universidade Estadual de Roraima (UERR) e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima (IFRR), considerando os aspectos relevantes para o ensino e formação na área de PLA. E, finaliza com breves reflexões de todo esse processo.

## **LÍNGUAS E CULTURAS: A INTERCULTURALIDADE NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUAS**

Este trabalho posiciona-se com o conceito de língua atrelado à cultura. A adoção do conceito de língua como forma de interação (Santos; Alvarez, 2010) coloca línguas e culturas como parte umas das outras, uma vez que estão unidas na pragmática do convívio social e como objeto de reflexão das línguas no processo de educação linguística comprometido com a formação de indivíduos que vivem e necessitam interagir em um mundo cada vez mais globalizado.

Dessa forma, ao falarmos de cultura, não podemos deixar de considerar aspectos individuais, costumes, hábitos de cada povo e, sobretudo, isolar a cultura da língua. Essa crítica é levantada por Santos e Alvarez (2010) quanto ao processo de elaboração do planejamento de cursos que acabam fazendo essa distinção equivocada, uma vez que, a cultura é um processo dinâmico e formado pela interação com a língua, o que torna evidente a necessidade de problematizar e desvencilhar a noção de cultura una e homogênea que permeiam práticas educativas.

Para que exista um espaço de diálogo a respeito das diferenças culturais, que haja consideração pela diferença do outro e que realmente se tenha a valorização da diversidade no ensino de uma nova língua, é necessário pensar na junção das associações existentes entre aquilo em que se acredita e a realidade, que são regidas por padrões e estruturas que não são idênticas em todas as línguas e nem em todos os grupos sociais.

Além disso, todo uso da língua traz consigo diversos sentidos. O uso de um código linguístico em qualquer contexto, precisamos não somente da compreensão do código,

mas, principalmente, do entendimento da circunstância da interação, ou seja, é importante conhecer e entender os aspectos culturais envolvidos no ambiente onde se esteja atuando e que se materializa no uso da língua. Esse processo recebe o nome de competência intercultural.

Dentro desse contexto, surge o conceito de interculturalidade (Fleuri, 2005) que reconhece a multiculturalidade, porém, propõe a necessidade de estabelecer uma inter-relação entre essas mais variadas culturas, com o objetivo de demonstrar realidades diferentes e perspectivas diferenciadas entre si propondo integração, sem que uma anule a outra, e dando maior oportunidade de otimizar potenciais criativos que existem no encontro dessas relações nas mais diversas situações.

Essa conexão não busca supervalorizar ou apagar as diferenças culturais, também não visa criar identidades mescladas, mas oferecer uma interação dialógica entre pertencimento e diferença, uma vez que, nestes encontros entre povos e culturas, as questões políticas e as diferenças sociais e econômicas não desaparecem (Walsh, 2001). A proposta da interculturalidade de Walsh (2001) é o respeito às diferenças e o direito à voz, sem julgamentos.

Dessa forma, a interculturalidade é parte essencial na formação de qualquer profissional da educação, especialmente por entender que a formação de um professor crítico e culturalmente sensível perpassa pela construção de uma educação para a cidadania solidária e que busca um mundo mais equitativo por meio do reconhecimento e do diálogo com as diferenças históricas, culturais e linguísticas.

Para Candau (2008), a interculturalidade é como uma forma de educação para o reconhecimento do outro e para o diálogo entre os grupos sociais e culturais, sendo assim, não existe educação que não se preze pelos processos culturais do contexto em que se situa.

É importante salientar que Paulo Freire foi um dos principais defensores da opinião de tornar as relações de ensino-aprendizagem sensíveis à cultura dos aprendizes envolvidos nesse processo. Dessa forma, ele convida alunos, professores, pesquisadores e instituições em geral a refletirem sobre um novo modo de posicionamento diante da educação, demonstrando a dimensão dos espaços de criação em que se valoriza a liberdade e o respeito mútuo, bem como o diálogo entre as diversas culturas.

O desenvolvimento da competência intercultural na formação de professores não é uma tarefa simples, especialmente se essa temática não é trabalhada pelos cursos de

licenciatura em Letras. Cavalcanti (1999), por exemplo, alerta para as dificuldades encontradas pelos docentes em lidar com os contextos de diversidade linguística e de multiculturalidade. Assim como outros estudiosos da Linguística Aplicada, a autora afirma que os cursos de Letras não formam profissionais aptos a enfrentar a realidade complexa e desafiadora das fronteiras, das migrações, da surdez e de questões indígenas.

Em consonância com Cavalcanti (1999), Tardiff (2012) fala da preocupação nos cursos de letras em ensinar teorias sociológicas, psicológicas, didáticas, filosóficas etc., que foram concebidas, na maioria das vezes, sem nenhum tipo de relação com o ensino ou com as realidades cotidianas do trabalho do professor; e que, muitas vezes, são teorias ofertadas por profissionais que não possuem o conhecimento prático de sala de aula. Destarte, na reflexão sobre a formação de professores para a interculturalidade, devemos considerar a forma de elaboração dos projetos dos cursos de Letras Português no estado de Roraima, pois o trabalho com a diversidade cultural em sala de aula implica um conhecimento que vai para além das teorias ali impostas.

A interculturalidade é o encontro entre o mundo do professor e o mundo do aluno nos espaços escolares, ambos os mundos marcados por diferentes vivências, experiências e conhecimentos (Fagundes, 2018). Com isso, surge a necessidade de analisar, a partir dos pressupostos teóricos que abordam a temática da educação intercultural, a importância de fomentar políticas públicas que amparem o trabalho intercultural no ambiente escolar e, sobretudo, investir na formação profissional docente.

De acordo com Moita Lopes (1996), existe a necessidade de mudança na visão dogmática que marca os cursos de Letras no Brasil, pois faltam bases teóricas explícitas e práticas no que concerne aos processos de uso da linguagem dentro e fora da sala de aula. A formação que os professores recebem não lhes permitem fazer escolhas sobre o quê, como e por que ensinar, o que demonstra que são treinados por paradigmas dominantes e colonizadores como modelos únicos de conhecimento derivados do monoculturalismo, em que as teorias aprendidas estão bem distantes da prática vivida em sala de aula diariamente.

Passados mais de 20 anos de obras emblemáticas acima citadas (Cavalcanti, 1999; Moita Lopes, 1996), a realidade da formação de professores da área de letras mudou um pouco, conforme salienta Cadilhe e Leroy (2020), e Zambrano, Silva e Lima (2021), no entanto, ainda é necessária uma maior integração entre teoria e prática, bem como

conseguir mais espaço nas grades curriculares para debater a educação linguística intercultural.

## **FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA ÁREA DE PLA**

Muito já foi discutido acerca da formação de professores de Português como Língua Estrangeira (PLE) desde a década de 90; isso tem trazido à luz um sujeito aprendiz de línguas cada vez mais atento com seu processo de aprendizagem e sujeitos professores cada vez mais preocupados com a necessidade de se profissionalizar para irem além do ensino de português como língua materna, tendo em vista que esse é o foco da maioria dos cursos de Letras no Brasil. Há, portanto, profissionais que também desejam se habilitar em português como língua adicional<sup>28</sup>, considerada uma área emergente.

Segundo Spinassé (2006), a literatura entende língua materna (doravante LM) como um conceito com uma denominação um tanto óbvia e que pouco se tem de definição para o termo, diferentemente do que é apresentado sobre os conceitos de segunda língua (L2) e língua estrangeira (LE). A aquisição da primeira língua (L1) ou da língua materna é parte constituinte da formação do conhecimento de mundo do indivíduo, uma vez que também se integram valores, crenças e discursos, não sendo necessariamente a língua da mãe, ou a primeira língua a ser aprendida ou até mesmo ser uma única língua. Também há contextos em que a L1 não é adquirida naturalmente, mas aprendida por meio de letramento formal, como em casos de comunidades surdas, que nem sempre têm, em seu ambiente familiar, usuários de língua de sinais, considerada sua L1, como pontua Lôpo-Ramos (2021).

A aprendizagem de uma língua estrangeira (LE), por sua vez, se dá, quando o indivíduo já possui habilidades linguísticas de fala em sua língua materna e o contexto de aprendizagem muda totalmente, pois, acontece fora de um ambiente de imersão, geralmente em outro país onde a L1 não é a língua oficial, como, por exemplo, um brasileiro aprendendo inglês em seu próprio país, por meio de aulas na escola ou em cursos particulares.

Por ocasião dos recentes movimentos migratórios, surgiu a necessidade de se resgatar a cultura e a língua de egressos em outras comunidades, como também de se buscar relações mais respeitadas entre as culturas (Lôpo-Ramos, 2021), assim, amplia-se

---

<sup>28</sup> Consideramos o conceito guarda-chuva (Lôpo-Ramos, 2021) que abrange as outras nomenclaturas PLE, PL2.

o termo língua estrangeira e surgem as expressões língua de acolhimento (LAc), língua de herança (LH), língua de vizinhança (LV), língua parceira (LP), termos que denominam língua não-primeira, cada um com sua conotação específica.

Nesse contexto também surge o termo língua adicional (LA), como um conceito guarda-chuva que abrange a todas essas nomenclaturas, a partir de uma ideia mais ampla, que se aplica a qualquer situação linguística. O uso do termo adicional traz vantagens no sentido de não haver a necessidade de se discriminar o contexto geográfico ou as características individuais do aluno, mas, sim, a possibilidade de uma convivência harmoniosa, despertando um maior interesse ao aprendiz para desempenhar papéis sociais na cultura-alvo (Leffa, Irala, 2014).

Nossa posição vai ao encontro do que Lôpo-Ramos (2021) defende sobre o estatuto de LA. Por um lado, não importa a ordem de línguas aprendidas, mas é essencial que o indivíduo tenha desenvolvido minimamente um conjunto de competências que venham se agregar a outras. Isto é, não significa apenas um acréscimo, implica respeito à língua do outro, a trocas culturais, o que pode representar um espaço de construtor de grandes trocas linguísticas e interculturais.

Dessa forma, o ensino da língua portuguesa hoje como língua adicional recai, para nós, em muitas questões problemáticas para além das já traçadas inicialmente ao pensarmos na complexidade de se ensinar e formar professores de PLA. Que tipo de língua ensinar? Qual metodologia e abordagem utilizar? Ensino todas as variedades do português do Brasil? Mas que Brasil é esse? Complexo, diverso e por vezes até contraditório. Existe um variado mundo a ser ensinado e a ser aprendido. Devemos ensinar língua na inter-relação com as culturas do povo que fala essa língua? Mas que povo? Pensemos na variedade e diversidade da língua portuguesa do Brasil e nas variedades das línguas dos aprendizes.

Mendes (2008) traz contribuições que ajudam a entender a importância da reestruturação de algumas concepções fundamentais pensando na qualidade da formação de professores de LE, que podem servir de apoio ao se pensar na elaboração dos currículos dos cursos de licenciatura para professor formador de PLA, como entender língua, cultura, o modo de gestão das línguas, o perfil do professor e suas capacidades na contemporaneidade e o papel das instituições para a promoção da educação linguística em espaços plurilíngues e multiculturais como é o caso do estado de Roraima.



Dessa forma, é possível formar professores de português como língua adicional mais sensíveis às suas práticas, de modo que entendam a importância do respeito às culturas, às línguas, às histórias de vida dos aprendizes, com o objetivo de fazer com que esses sujeitos também tenham consciência da realidade que os rodeia, aprendendo a ler melhor os seus mundos e os mundos do outro, entendendo que é por meio da troca de diálogos que novos conhecimentos são construídos.

No mesmo viés, Silva e Zambrano (2021, p. 216) defendem que “[...] devemos pensar na imigração como parte da integração global que, conseqüentemente, nos faz ressignificar as relações entre línguas e territórios, bem como as relações culturais que se transformam em transculturais”. Os autores problematizam o ensino de língua portuguesa em Roraima afirmando que é necessário planejar com base na realidade das pessoas que residem no estado, considerando toda a diversidade linguística e cultural. Em relação à formação dos professores, destacam a importância de promover políticas linguísticas formativas permanentes, algo que ainda é incipiente em Roraima e, em geral, parte de iniciativas de grupos de professores, ou seja, nem sempre são ações formais planejadas pelas instituições.

Cabe salientar que a interculturalidade não existe como algo que já está pronto, pelo contrário, precisa ser sempre construído e cultivado, para que a partir dessa percepção possamos entender sua importância para a educação, que de tempos em tempos enfrenta novos desafios, como os fluxos migratórios, embora velhas questões ainda reverberem quando postas às particularidades da formação de professores de línguas no Brasil (Mendes, 2019).

## **INTERCULTURALIDADE NOS CURSOS DE LICENCIATURA EM LETRAS DE RORAIMA: PARA ALÉM DA LÍNGUA MATERNA**

Face ao exposto nas seções anteriores, trazemos para o presente trabalho a pesquisa de mestrado (Chacon-Kihara, 2021) que coloca em uma de suas pautas a análise da matriz curricular do curso de Letras Português da Universidade Federal de Roraima (UFRR) para identificar se esta oferece competência intercultural na formação de futuros professores que, ao lecionarem nas escolas de Roraima, certamente irão trabalhar com toda a diversidade linguística e cultural presentes na região.

Na mesma perspectiva, salientamos os resultados de Zambrano, Silva e Lima (2021) que analisam as grades curriculares dos cursos de Letras da UFRR e da UERR,

diante da necessidade de oferecer uma educação linguística ampliada para que os professores de línguas consigam lidar melhor com a superdiversidade inerente ao estado de Roraima e com o aumento da migração venezuelana. Para completar o panorama formativo das IES públicas de Roraima, analisamos as adequações das matrizes curriculares realizadas pela UERR e pela UFRR nos últimos anos e incluímos o novo curso de segunda licenciatura em língua portuguesa oferecido pelo IFRR.

A pesquisa parte do entendimento do currículo como uma construção social e cultural em processo, constituindo-se também em um conflitante campo de debates, no qual diferentes perspectivas de formação irão repercutir. Tais perspectivas podem ser percebidas quando se analisam os componentes curriculares e quando se discute o reflexo da precariedade desses currículos perante a prática do professor em salas de aula com grande diversidade cultural e linguística, com o encontro de alunos indígenas, surdos, migrantes, estrangeiros e brasileiros.

Em consonância com Estermann *et al.* (2017), defendemos que a diversidade cultural e linguística no Brasil exige que as Universidades incluam saberes que possam promover a interculturalidade como diálogo inter-epistêmico, que contribuam com a construção de uma nova geopolítica do conhecimento das instituições de ensino superior, para que seja possível uma formação de professores de português mais críticos, reflexivos e capazes de atuarem em diferentes situações educacionais.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2022), Roraima tem a menor população do país, com cerca de 636 mil habitantes, possui duas mesorregiões com 15 municípios. No estado, oito (8) Instituições de Ensino Superior (IES) ofertam cursos presenciais e quase o triplo, vinte e três (23), oferecem educação a distância (EAD). Para o contexto desta pesquisa, selecionamos as três IES públicas do estado de Roraima: Universidade Federal de Roraima (UFRR), Universidade Estadual de Roraima (UERR) e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima (IFRR) para respondermos à seguinte pergunta de pesquisa: Os cursos de licenciatura em Letras Português têm oferecido formação intercultural para que os futuros professores possam atuar em contextos plurilíngues? A razão de buscar nos cursos de licenciatura em Letras Português de tais universidades públicas as respostas para essa questão, consiste na possibilidade de problematizarmos a formação intercultural nesses cursos.

A escolha pela abordagem qualitativa é porque esse tipo de pesquisa usa diversos processos que são interativos e humanísticos, por ser emergente e não pré-configurada,

o que nos possibilita interpretar os dados (Creswell, 2007). A pesquisa em questão não poderia estar dissociada do seu contexto social e cultural, pois, ao avaliar e interpretar como a perspectiva intercultural se configurou nos cursos de Letras Português das IES selecionadas e quais eram suas implicações na prática de seus egressos, era importante levar em conta os contextos nos quais os participantes estavam inseridos. Sendo assim, dentro dos diversos tipos de abordagens e técnicas de pesquisa que abrangem o paradigma qualitativo, optamos pela análise documental das matrizes curriculares dos referidos cursos que também se constituem como nosso corpus de pesquisa.

Criamos um protocolo de análise das matrizes curriculares dos cursos de Letras Português das IES com o intuito de nos guiarmos em relação ao que seria pesquisado e analisado para respondermos à pergunta de pesquisa. Esse instrumento é composto por três (3) tópicos de perguntas, posto que, no decorrer da análise, novos critérios poderiam ser agregados e os já previamente elaborados serem reestruturados a fim de adaptar-se às necessidades investigativas: (1) Dentre as disciplinas e ementas há alguma que contemple os aspectos interculturais no ensino do português? (2) Há alguma disciplina que contemple o ensino do português para falantes de outras línguas? (3) Existe a preocupação com a formação da competência intercultural na estrutura/elaboração do curso? Seguindo tais perguntas passamos à análise das seguintes matrizes curriculares:

**Quadro 01:** Informações sobre cursos de Letras Português

<b>IES</b>	<b>UFRR</b>	<b>UFRR</b>	<b>UERR</b>	<b>UERR</b>	<b>IFRR</b>
<b>Curso</b>	Licenciatura em Letras-Português (2017)	Licenciatura em Letras Português (2023)	Licenciatura em Letras Português e Literatura (2019)	Licenciatura em Letras Português (2023)	Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas (Segunda Habilitação) (2022)
<b>Modalidade</b>	Presencial	Presencial	Presencial	Presencial	EAD
<b>Duração do curso</b>	9 semestres	9 semestres	8 semestres	8 semestres	2 semestres
<b>Carga horária total</b>	3.365 horas	3.305 horas	3.365 horas	3.210 horas	1.100 horas

<p><b>Objetivo geral</b></p>	<p>Formar profissionais críticos na área de Letras para atuar como docentes no Ensino Básico, Técnico, Tecnológico, bem como exercer funções técnicas que extrapolem à docência, observando aspectos sócio-humanísticos e ambientais.</p>	<p>Formar profissionais críticos na área de Letras para atuar como docentes no Ensino Básico, Técnico, Tecnológico, bem como exercer funções técnicas que extrapolem à docência, observando aspectos sócio-humanísticos e ambientais.</p>	<p>Formar profissionais nas áreas de língua portuguesa e literatura capazes de lidar com a linguagem nos contextos oral e escrito e suas manifestações literárias, conscientes de sua inserção política na sociedade; de usar suas capacidades intelectuais para realizar atividades de forma competente na docência e na pesquisa nessas áreas.</p>	<p>Oferecer formação em Língua Portuguesa com o intuito de capacitar os acadêmicos para lidarem com a diversidade e linguística inerente a nossa sociedade, conscientes de sua inserção política na sociedade; de usar suas capacidades intelectuais para realizar atividades de forma competente e na docência, na pesquisa e na extensão nessas áreas.</p>	<p>Habilitar em Língua Portuguesa e Literaturas egressos do Curso de Licenciatura em Letras-Espanhol e Literatura Hispânica do IFRR para atuarem na Educação Básica, a partir de uma perspectiva curricular interdisciplinar, combinando a prática docente ao contexto e às necessidades da sociedade.</p>
------------------------------	---	---	--	--	--

Fonte: elaboração própria

O quadro acima mostra que as três instituições contemplam, em seus objetivos gerais, a prática docente na área de Letras de acordo com as necessidades da sociedade. Porém, apenas o projeto de Letras-Português da UERR deixa explícita a importância de

formar profissionais capazes de lidar com a diversidade linguística do estado. A análise das grades curriculares dos referidos cursos evidencia disciplinas cujos nomes apresentam as nomenclaturas PLE, PL2 ou PLA, bem como a presença do termo interculturalidade, conforme apontado no quadro 2:

**Quadro 02:** Disciplinas específicas

IES/PPC	DISCIPLINAS PLA/PL2/PLE	DISCIPLINAS SOBRE INTERCULTURALIDADE
UFRR 2017	Tópicos de Português como Língua Estrangeira (eletiva) - 60h.	Línguas em contextos interculturais (eletiva) - 60h.
UFRR 2023	Ensino e Aprendizagem do Português como Língua Estrangeira (obrigatória) - 60h.	Línguas em contextos interculturais (eletiva) - 60h.
UERR 2019	Português como língua Adicional (obrigatória) - 60h.	Não há.
UERR 2023	1-Português como língua Adicional - 60h -(obrigatória); 2-Abordagens metodológicas para o ensino de PLA - 90h-(obrigatória). 3-Tópicos Especiais em Letras - Ensino de Português para Surdos - 60h (optativa)	Tópicos Especiais em Letras – Educação Linguística Intercultural - 60 - (optativa).
IFRR	Português como Segunda Língua - 50h (obrigatória).	Não há

Fonte: elaboração própria

O currículo do curso de Licenciatura em Letras (2017) da UFRR conta com uma disciplina destinada ao ensino de Português como língua Estrangeira e uma relacionada às línguas em contextos interculturais, ambas de oferta eletiva (optativa), ou seja, sem regularidade nem obrigatoriedade para os acadêmicos. A interculturalidade pode ser abordada em outras disciplinas obrigatórias, a depender da ementa e do planejamento do professor formador. Já, com a reformulação do curso, em 2023, a disciplina “Ensino e Aprendizagem do Português como Língua Estrangeira” passa a ser obrigatória, algo que vemos como positivo para a formação dos professores, ainda mais pela nova ementa que considera o contexto multicultural e plurilíngue roraimense. Outrossim, a disciplina de “Línguas em contextos interculturais” continua sendo eletiva, ou seja, de oferta optativa.

Como destaca Chacon-Kihara (2021), dentre as disciplinas obrigatórias ofertadas pelo curso de Letras da UFRR (2017), em conformidade com a primeira pergunta do protocolo apresentado, não havia nenhuma disciplina ou ementa que abordasse especificamente as teorias interculturais para o ensino de língua portuguesa. A disciplina “Linguística Aplicada” traz, de maneira introdutória, os princípios gerais da LA considerando suas principais subáreas de pesquisa: o ensino da língua estrangeira (LE), ensino da língua materna (LM), educação bilíngue e tradução, referindo-se a línguas de uma forma geral, nada específico para PLE e PL2. Contudo, embora a questão intercultural não esteja na ementa da referida disciplina, o tema faz parte dos conteúdos tanto no projeto de 2017 como no de 2023, sendo os tópicos 4.1 Transculturalidade e transglossia e 4.2. Escola, bilinguismo de minorias e interculturalidade. Portanto, a disciplina contempla a visão intercultural necessária para os professores de línguas.

É possível verificar que ainda são poucas as opções de disciplinas que envolvem o ensino e a aprendizagem da língua portuguesa para além da língua materna e apenas uma única optativa que explora as línguas em contexto intercultural. No projeto de 2017, a disciplina sobre o ensino do português como língua estrangeira estava desatualizada em relação às novas demandas do estado, por não constar na ementa as nomenclaturas e abordagens teórico-metodológicas de PL2, PLA e discussões sobre grupos minorizados, além de não considerar os aspectos interculturais. Com a reformulação, vemos uma ampliação teórica que passa a contemplar outras abordagens e perspectivas, mais condizentes com a realidade sociocultural de Roraima.

Como aponta Chacon-Kihara (2021), professores de língua portuguesa do estado relatam as dificuldades encontradas nos espaços escolares e afirmam que sentem a necessidade de cursos de formação mais específicos e voltados também para o ensino-aprendizagem do português para falantes de outras línguas, como é o caso dos alunos surdos, indígenas e imigrantes.

Uma das participantes da pesquisa citada acima, respondeu, em entrevista, que a escola precisa compreender e aceitar sua nova realidade com a presença de imigrantes advindos da Venezuela, compreender que as necessidades de aprendizagem deveriam ser diferenciadas a fim de atender às demandas e que eles precisam dessa atenção especial, tendo em vista que as aulas são planejadas apenas para alunos brasileiros. Dessa forma, uma formação especializada possibilitará ao professor uma melhor capacitação para

entender além dos aspectos gramaticais de ensino, mas compreender que a mudança deve impactar também sua metodologia de ensino.

Seguindo essa perspectiva, a grade do curso de Letras Português e Literatura (2019) da UERR contempla uma disciplina obrigatória denominada “Português como Língua Adicional (PLA)”, cuja proposta é apresentar bases teóricas para o ensino de PLA para grupos minorizados como indígenas, surdos e migrantes, passando pelas particularidades das diversas nomenclaturas que abrangem o conceito guarda-chuva PLA (Lôpo-Ramos), assumindo uma posição de respeito com as outras línguas e pressupondo uma troca cultural. No entanto, não há nenhum componente curricular cujo nome contenha a palavra “interculturalidade”, embora esse tema faça parte da ementa da disciplina “Linguística Aplicada”, conforme verificado por Zambrano, Silva e Lima (2021).

Já na matriz curricular do curso de Letras Português da UERR (2023), foram incluídas mais disciplinas voltadas ao ensino de português como língua não materna: além de PLA, há o componente “Abordagens metodológicas para o ensino de PLA”, também obrigatória, que inclui 30 horas de carga horária de extensão, o que possibilita atividades práticas ofertadas à comunidade externa. Como optativa, foi incluída a disciplina “Ensino de Português para surdos”, pensando nas especificidades da abordagem pedagógica, que também tem um cunho intercultural ao incluir conteúdos sobre cultura e identidade surda.

Em relação à primeira pergunta estabelecida para esta análise, sobre disciplinas que contemplem especificamente os aspectos interculturais, no novo curso da UERR (2023) consta a optativa “Educação Linguística intercultural”, mas por não ser obrigatória, os temas específicos da interculturalidade podem não ser trabalhados em algumas turmas pois dependerá da oferta que não é regular. Contudo, na ementa da disciplina obrigatória “Linguística Aplicada” há conteúdos referentes à diversidade linguística, à educação linguística intercultural, bem como ao multi e plurilinguismo. Outra disciplina obrigatória importante que consta nas duas grades curriculares da UERR é “Línguas Indígenas”, que contempla conteúdos sobre a diversidade linguística de Roraima.

O curso de segunda licenciatura em Letras Português e Literatura do IFRR tem 1.100 horas, por ser apenas uma complementação para os egressos do curso de Licenciatura em Letras Espanhol e Literaturas Hispânicas, sua matriz curricular é reduzida, mas consideramos importante a inclusão da disciplina Português como Segunda

Língua, de 50 horas. Assim, o curso acompanha as demandas formativas do estado, tendo em vista a necessidade de ir além do ensino de português como língua materna. Em relação à pergunta sobre disciplinas relacionadas à interculturalidade, não encontramos na grade curricular do IFRR.

Consta no Projeto Pedagógico do referido curso a preocupação de complementar a formação da atuação dos egressos do curso de Licenciatura em Letras Espanhol e Literaturas Hispânicas, como dito anteriormente, havendo a inserção de disciplinas que abarcam os conceitos de língua portuguesa para estrangeiros, dada a realidade advinda do processo de migração que ocorre no Estado de Roraima, bem como a necessidade de envolver aspectos interculturais na formação desses futuros profissionais, como consta nos objetivos específicos do projeto.

Embora o projeto expresse a priorização da abordagem intercultural em seus objetivos específicos, ao analisarmos as ementas do curso, não foi possível localizarmos em seus conteúdos temas específicos que envolvessem os aspectos da interculturalidade. A única disciplina que se aproximaria da temática analisada é “Sociolinguística”, por abordar em sua ementa, por exemplo, conceitos de língua e cultura, português de fronteira e bilinguismo, mas, ainda assim, não cita explicitamente o termo interculturalidade, como também não traz em suas referências básicas e complementares autores que trabalham com o tema; as referências são voltadas para conceitos acerca do preconceito linguístico e da variação linguística.

Logo, concordamos com Cavalcanti (1999) quando afirma que o contexto sociolinguístico tem suas complexidades e que os cursos de magistério e letras não tem formado professores com o aporte necessário para enfrentar essa realidade. Entretanto, a análise das novas matrizes curriculares das IES de Roraima mostra um avanço considerável com a inclusão de disciplinas e conteúdos específicos para que os docentes não se limitem ao trabalho com o “falante nativo ideal”, dentro de uma comunidade considerada erroneamente como homogênea, sem conflitos ou dificuldades de qualquer natureza.

Quanto à última e terceira pergunta do protocolo: (3) Existe a preocupação com a formação da competência intercultural na estrutura/elaboração do curso? Após analisarmos os projetos pedagógicos dos cursos referidos, pudemos constatar que a finalidade primordial explanada nos projetos é a de formar profissionais interculturalmente competentes, capazes de lidar com as linguagens de maneira crítica. É



notória a preocupação em formar docentes que saibam interagir com a realidade, sujeitos autônomos, reflexivos e analíticos, que estejam preparados para atuarem na escola.

No entanto, apesar dessa menção dos aspectos interculturais nos projetos dos cursos, as disciplinas e ementas ainda carecem de uma melhor adequação, tendo em vista a falta da temática nos currículos em questão ou ofertadas de maneira optativa e superficial. Salientamos que o termo específico “competência intercultural”, respondendo à terceira pergunta, de fato não foi encontrado, uma vez que ele não fora mencionado e discutido dentro dos respectivos projetos.

A competência intercultural, em especial nos processos de ensino e aprendizagem na educação formal, é vista como a capacidade de desenvolver suas tarefas ou funções de maneira mais eficiente em contextos multiculturais, o que reflete não somente no exercício profissional, como também no âmbito da cidadania (Alvarez, 2005). É preciso, portanto, um repensar acerca da educação a partir de discussões sobre aspectos que emergem do contexto, além de voltarmos o nosso olhar para novas propostas didáticas que visam o desenvolvimento de competências interculturais na Educação Superior.

## **CONCLUSÃO**

Considerando os três questionamentos do protocolo de análise, houve adaptações importantes nos currículos das licenciaturas em Letras Português oferecidas em Roraima. Em relação ao primeiro: (1) Dentre as disciplinas e ementas há alguma que contemple os aspectos interculturais no ensino do português? As matrizes curriculares da UERR e a UFRR contêm, cada uma, uma disciplina de oferta optativa específica com a temática. E as duas IES ofertam pelo menos uma disciplina obrigatória cuja ementa abrange conteúdos relacionados à interculturalidade.

Entretanto, a temática interculturalidade ainda é pouco explorada durante o processo de formação inicial e o cenário educativo que vivenciamos se encontra repleto de lacunas relacionadas à diversidade do estado de Roraima. O fato se agrava diante dos movimentos migratórios, que contribuem para um cenário linguístico-cultural ainda mais heterogêneo. Nesse contexto, seria relevante se pudessemos afirmar que a interculturalidade ocupa um lugar de destaque na formação de professores numa perspectiva de educação intercultural.

Referente à segunda pergunta: (2) Há alguma disciplina que contemple o ensino do português para falantes de outras línguas? as três instituições possuem, nas grades

curriculares mais recentes, disciplinas obrigatórias voltadas ao tema. A UFRR oferecia a disciplina eletiva “Tópicos de Português Língua Estrangeira”, e com a reformulação mais recente (2023), continua com a nomenclatura PLE, mas sua ementa está mais abrangente e agora é obrigatória. O IFRR, no novo curso de segunda licenciatura em português e Literatura incluiu a disciplina obrigatória “Português como Segunda Língua”, adotando uma terminologia mais adequada para o contexto de Roraima. A UERR, por sua vez, desde 2019 oferecia a disciplina obrigatória “Português como Língua Adicional”, em uma perspectiva bem ampla que vai além do ensino de português para estrangeiros, mas inclui surdos e indígenas brasileiros. E com o novo projeto de curso (2023) foram incluídas mais duas disciplinas específicas: “Abordagens metodológicas para ensino de PLA” e “Português para surdos”, sendo a primeira obrigatória e a segunda optativa.

No que concerne ao último questionamento: (3) Existe a preocupação com a formação da competência intercultural na estrutura/elaboração do curso? Os projetos analisados deixam clara a preocupação em formar docentes que saibam interagir com a realidade de diversidade linguístico-cultural presente em Roraima. Contudo, os currículos carecem de uma melhor adequação à interculturalidade como eixo estruturante, que possibilitaria uma educação com bases mais sólidas no que concerne ao respeito mútuo, à ética e a uma formação mais voltada para o outro.

O ideal seria conseguir de fato a competência intercultural, já que a complexidade da educação intercultural é notória e coloca grandes dificuldades para as escolas nos tempos atuais, principalmente aos professores que seguem na linha de frente no trabalho do dia a dia, como é o caso dos docentes do estado de Roraima, sobretudo, por nos situarmos em uma região de tríplice fronteira (Brasil, Venezuela e Guiana). A variedade de nacionalidades e de grupos étnicos, realidade presente nas salas de aula, torna o desafio ainda maior para os docentes, especialmente para aqueles que não receberam formação voltada para a compreensão da diversidade cultural.

Como uma das maiores contribuições das teorias interculturais para a formação do professor de português como língua adicional, destacamos a revisão e o conhecimento acerca das noções de língua, linguagem, competência e, principalmente, cultura. Ao propormos tais iniciativas para os contextos de formação de professores de PLA, esperamos nos deparar com as devidas atualizações teóricas que nos afastam de preceitos monoculturais e etnocêntricos que caracterizam os modelos vigentes e consolidados nas maneiras de se ensinar línguas.

## REFERÊNCIAS

ALVAREZ, María Asunción Aneas. Competencia intercultural, concepto, efectos e implicaciones en el ejercicio de la ciudadanía. **Revista Iberoamericana de Educación OEI**, Madrid, n. 35, v. 5, p. 1-10, 2005.

CADILHE, Alexandre José; LEROY, Henrique Rodrigues. Formação de professores de língua e decolonialidade: o estágio supervisionado como espaço de (re) existências. **Calidoscópico**, São Leopoldo, RS, v. 18, n. 2, p. 250-270, 2020.

CANDAU, Vera Maria. A diferença está no chão da escola. In: Colóquio Luso – Brasileiro sobre questões curriculares, 4, **Anais...** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

CAVALCANTI, Marilda do Couto. Estudos sobre educação bilíngue e escolarização em contextos de minorias linguísticas no Brasil. **DELTA**, São Paulo, v. 15, n. Especial, p. 385-417, 1999.

CHACON-KIHARA, Bruna. **Perfil Profissional do Professor de Língua Portuguesa no contexto multilíngue da Escola Estadual Carlos Drummond de Andrade de Boa Vista - Roraima**. 2021. 125 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Roraima, Programa de Pós-graduação em Letras, Boa Vista, RR, 2021.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

ESTERMANN, Josef; TAVARES, Manuel; GOMES, Sandra. Interculturalidade crítica e decolonialidade da educação superior: para uma nova geopolítica do conhecimento. **Laplage em Revista**, Sorocaba, v. 03, n. 3, p. 17-19, 2017.

FAGUNDES, Angelise. **Amorosidade na formação de professores: transcendendo as fronteiras**. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2018.

FLEURI, Reinaldo Matias. Intercultura e educação. **Educação, Sociedade & Culturas**, Porto, v. 23, p. 91-124, 2005.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2022**. Roraima: IBGE, 2022.

LEFFA, Vilson; IRALA, Valeska. O ensino de outra(s) língua(s) na contemporaneidade: questões conceituais e metodológicas. In LEFFA, Vilson; IRALA, Vanessa (Orgs.). **Uma Espiadinha na Sala de Aula**. Ensinando línguas adicionais no Brasil. Pelotas: EDUCAT, 2014.

LÔPO-RAMOS, Ana Adelina. Língua Adicional: um conceito “guarda-chuva”. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, Brasília, v. 13, p. 233-267, 2021.

MENDES, Edleise. Língua, cultura e formação de professores: por uma abordagem do ensino intercultural. In: MENDES, Edleise; CASTRO, Maria Lúcia Souza (Orgs.). **Saberes em Português: Ensino e formação de docentes**. Pontes, 2008, p. 57-77.

MENDES, Edleise. Educação escolar indígena no Brasil: multilinguismo e interculturalidade em foco. **Ciência e cultura**, São Paulo, v. 71, p. 43-49, 2019.

MOITA-LOPES, Luiz Paulo. **Oficina de linguística aplicada**: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1996.

RORAIMA. Secretaria de Educação e Desporto do Estado de Roraima. **Censo escolar (2015-2022)**. Boa Vista: Censo Escolar, 2015-2022.

SANTOS, Percília; ALVAREZ, Maria Luísa Ortíz. **Língua e Cultura no contexto de português língua estrangeira**. Campinas, SP: Pontes, 2010.

SILVA, Marcus Vinícius; ZAMBRANO, Cora Elena Gonzalo. Do global ao local no ensino de PLAc em Roraima: Por uma formação de histórias locais na Universidade Federal de Roraima. **Revista Linguagem & Ensino**, Pelotas, vol. 24, n. 2, p. 207-225, 2021.

SPINASSÉ, Karen P. Os conceitos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil. **Revista Contingentia**, Porto Alegre, v. 1, p. 01-10, 2006.

TARDIFF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 13 ed. Petrópolis, RJ: 2012.

WALSH, Catherine. **La Educación Intercultural em la educación**. Lima: Ministerio de Educación, 2001.

ZAMBRANO, Cora Elena Gonzalo; SILVA, Marcus Vinícius da; LIMA, Fernanda Sousa. Formação de professores de línguas em Roraima: Da Educação Linguística Ampliada às Novas Epistemologias. **Revista Linguagem em Foco**, Fortaleza, v. 13, n. 1, p. 338-358, 2021.

## Sobre os organizadores

### Paulo Jeferson Pilar Araújo

Tem Doutorado em Linguística (USP) e doutorado em Linguística Africana (BIGSAS/Alemanha), Mestrado em Linguístico (USP) e Licenciatura em Letras (UEMA). Realizou estágio de pós-doutorado em Linguística (USP). É professor do Curso de Letras Libras Bacharelado e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Coordena o Laboratório de Pesquisas em Línguas Orais e de Sinais (LaPLOS) e líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Formação de Tradutores e Intérpretes Intra e Intermodais (TradIn). Tem experiência na área de descrição e análise de línguas, particularmente de línguas minoritárias africanas, indígenas e línguas de sinais, com ênfase em questões tipológicas e aspectos cognitivos de categorias gramaticais, atuando principalmente nos seguintes temas: descrição e documentação linguística, educação intercultural, línguas de sinais emergentes, migração e educação bilíngue em comunidades tradicionais e de fronteira na Pan-Amazônia, África e Caribe. E-mail: [paulo.pilar@ufr.br](mailto:paulo.pilar@ufr.br)

### Eliabe Procópio

Tem Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa (UNESP), Mestrado em Linguística (UFC), Mestrado em Filologia Hispânica (CSIC/Espanha) e Licenciatura em Letras (UFC). Realizou estágio de pós-doutorado em Letras (UFS). É professor do Departamento de Letras Vernáculas (DLEV) e do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima (UFRR). É sócio efetivo da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN), onde integra e preside a Comissão de Linguística Histórica; da Associação Internacional de Linguística do Português (AILP); da Associação Brasileira de Editores Científicos (ABEC) e do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste (GELNE). Integra o Laboratório de Humanidades Digitais e Documentação Terminológica (LADOC-UFS), o Laboratório Imprimatur (LABIM-UFRR) e o Núcleo de Estudos e Pesquisas Sociolinguísticas de Roraima (NEPSol-UFRR). Atua na edição da Revista de Estudos de Cultura (ISSN 2446-7189), da Revista Entrepalavras (ISSN: 2237-6321) e da Revista do SELL (ISSN 1983-3873). É membro correspondente do *Observatorio Permanente del Hispanismo*, vinculado à Fundación Duques de Soria (Espanha). Atualmente estuda o português de Roraima (história social, edição de fontes documentais, léxico e variação linguística) e a história do contato linguístico entre português e espanhol (Sécs. XVI-XIX) no Brasil. E-mail: [eliabeprocopio@yahoo.com.br](mailto:eliabeprocopio@yahoo.com.br)

### Ananda Machado

Tem Doutorado em História Social (UFRJ), Mestrado em Memória Social (UNIRIO), especialização em Educação Indígena (UFF), especialização em Democracia, República e Movimentos Sociais (UFMG), e Licenciatura em Artes Cênicas (UNIRIO). Realizou estágio de pós-doutorado em Estudos de Literatura (UFF) e Antropologia Social (UFRJ). É professora do Curso de Gestão Territorial Indígena, no Instituto Insikiran de Formação Superior Indígena; e do Programa de Pós Graduação em Letras (PPGL), do Mestrado Profissional em História (Profhistória) e do Doutorado em Educação (Rede Educante), todos vinculados à Universidade Federal de Roraima. Coordena o Programa de Valorização das Línguas e Culturas Indígenas de Roraima (PRAE/UFRR) e o Laboratório

de Estudos e Ensino de Línguas e Literaturas Indígenas (LEELLI/PPGL/UFRR), e é líder do grupo de pesquisa Literaturas Indígenas, Africanas e Caribenhas (CNPQ). Tem experiência na área de línguas indígenas, literaturas indígenas, história indígena, história oral, biografia, memória, Arte Educação, com ênfase em educação patrimonial, atuando principalmente nos seguintes temas: elaboração de materiais didáticos em línguas indígenas, narrativas e dramaturgias em línguas indígenas. E-mail: [ananda.machado@ufr.br](mailto:ananda.machado@ufr.br)

## Sobre os autores

### **Bruna Chacon Kihara**

Tem graduação em Letras-Português do Brasil Como Segunda Língua (UNB) e Mestrado em Letras (UFRR). É professora da Rede Pública de Ensino de Roraima, e atua também como professora de português para estrangeiros do Centro Acolher, que recebe migrantes e refugiados na cidade de Boa Vista-RR. E-mail: [profbrunack@gmail.com](mailto:profbrunack@gmail.com)

### **Cora Elena Gonzalo Zambrano**

Tem Doutorado em Estudos Linguísticos (UFMG), Mestrado em Letras (UFRR), Especialização em Metodologia de Ensino de Língua Espanhola (IBPEX) e Bacharelado em Comunicação Social (UFRR). É professora do Curso de Letras da Universidade Estadual de Roraima (UERR) e do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima (PPGL-UFRR). Tem pesquisas na área de Linguística Aplicada voltadas para diversidade linguística, ensino e aprendizagem de línguas, políticas linguísticas e decolonialidade. E-mail: [cora.gonzalo@uerr.edu.br](mailto:cora.gonzalo@uerr.edu.br)

### **Fabricio Paiva Mota**

Tem Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa (UNESP), Mestre em Letras (UFRR), Especialização em Linguística Aplicada (UNI7), Especialização em Tradução (Universidade Estácio de Sá) e Licenciado em Letras (UECE). Realizou estágio pós-doutoral na Universidade Federal do Ceará (UFC). É professor do Curso de Letras/Espanhol (DLES) e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Sergipe, e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Roraima. Tem interesse em Sociolinguística, contato linguístico, língua espanhola, português como língua estrangeira e ensino de línguas. E-mail: [fabricaos@yahoo.com.br](mailto:fabricaos@yahoo.com.br)

### **Fernanda Sousa Lima**

Tem Mestrado em Letras (UFRR) e Licenciatura em Letras (UFRR). É professora do Curso de Letras da Universidade Estadual de Roraima (UERR) e da Rede Pública de Ensino do Estado de Roraima (SEED-RR). Tem pesquisas na área de Linguística Aplicada voltadas para o ensino de língua inglesa. E-mail: [fernanda.lima@uerr.edu.br](mailto:fernanda.lima@uerr.edu.br)

### **Laeny Amaral de Sousa**

Tem Mestrado e Licenciatura em Letras (UFRR) e Especialização em Ensino de Línguas em Contexto de Diversidade Linguística (UERR). É professora da Rede Particular de Ensino de Roraima. E-mail: [laeny.amaral@gmail.com](mailto:laeny.amaral@gmail.com)

### **Lucas da Silva de Sá do Nascimento**

É aluno da Licenciatura em Letras (UFRR). E-mail: [lucas.s.sa.nascimento@gmail.com](mailto:lucas.s.sa.nascimento@gmail.com)

**Luiz Fernando Ferreira**

Tem Doutorado e Mestrado em Linguística (USP) e Licenciatura em Letras (USP). É professor do Curso de Letras e do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Tem experiência em pesquisa linguística com os seguintes temas: Modo, Modalidade, Tempo, Aspecto, Contrafactualidade, Coesão, Coerência, Metáforas, Sintagma nominal, Subordinação, Construções de discurso indireto e Metodologias Ativas voltadas para o ensino de português. E-mail: [fernando.ferreira@ufrr.br](mailto:fernando.ferreira@ufrr.br)

**Marcus Garcia de Sene**

Tem Doutorado e Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa (UNESP), e Licenciatura em Letras (UFTM). Realizou estágio pós-doutoral na Universidade Federal de Roraima (UFRR). É professor do Curso de Letras e do Mestrado Profissional em Letras (Profletras) da Universidade de Pernambuco (UPE). Tem interesse por Sociolinguística, atuando principalmente nos seguintes temas: percepção e produção sociolinguística, significados sociais da variação, fonologia, variação e ensino de língua. E-mail: [maarcus.sene@gmail.com](mailto:maarcus.sene@gmail.com)

**Patrícia Lima Pantoja**

Tem Licenciatura em Letras (UFRR), Especialização em Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa e Espanhola (UNIABEU) e atualmente cursa Mestrado em Letras (UFRR). É professora do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Roraima (CAP-UFRR). E-mail: [patricia.lima@ufrr.br](mailto:patricia.lima@ufrr.br)





ISBN 978-65-89203-79-7



9 786589 203797 >



EDIÇÕES